



GESTÃO E CONSERVAÇÃO DA FLORA E DA VEGETAÇÃO DE PORTUGAL E DA ÁFRICA LUSÓFONA

“In Honorium”
do *Professor Catedrático Emérito*
Ilídio Rosário dos Santos Moreira

EDITORES

Ana Monteiro
Fernando Gomes da Silva
Raúl Jorge



Capa: Professor Catedrático António Alberto Monteiro Alves ???????
quadro

Edição: ©2010 ISAPress

Instituto Superior de Agronomia, Tapada da Ajuda, 1349-017 Lisboa, Portugal
Tel: 21 365 35 13 (Ext. 3513); Fax: 21 365 31 95; e-mail: isapress@isa.utl.pt
www.isa.utl.pt/home/node/307

Paginação: DPI Cromotipo

Impressão:

Modo de citação desta obra:

Monteiro A, Gomes da Silva F, Jorge R (Eds.) 2012 *Gestão e conservação da flora e da vegetação de Portugal e de África Lusófona. "In Honorium" do Professor Catedrático Emérito Ilídio Rosário dos Santos Moreira*. ISAPress, Lisboa.??? pp.

ISBN: 0000000000

Depósito Legal: 0000000000



ILÍDIO ROSÁRIO DOS SANTOS MOREIRA
1936-2011





INDICE

Prefácio	11
----------------	----

PARTE I – TESTEMUNHOS

RECORDANDO	15
Amélia Vitoria Frazão Moreira	

O PROFESSOR E O CIENTISTA	17
----------------------------------------	----

Há professores que marcam um percurso profissional!	18
Ana Maria Carvalho	

Ilídio Moreira Professor e Amigo	20
Ana Maria da Silva Monteiro	

Em Memória de Ilídio Moreira	22
António Fabião	

Obrigada, Professor	26
Fátima Quedas	

Professor Ilídio Moreira, O Orientador	27
Francisca C. Aguiar	

Homenagem ao Professor Ilídio Moreira	29
José Alves Ribeiro	

Ilídio Moreira Director do Centro de Botânica do IICT	31
Maria Adélia Diniz	

Professor Ilídio Moreira O Cientista	34
Maria da Graça Amaral Neto Saraiva	

Algumas palavras sobre o Professor Ilídio Moreira	37
Maria Leopoldina Rosa	

Prof. Catedrático Emérito Ilídio Rosário dos Santos Moreira O Herbologista	38
Maria Lisete Caixinhas	

Ilídio Moreira O Colega e o Amigo	41
Maria Manuela Chaves	

Professor Ilídio Moreira, O Ecologista	42
Maria Teresa Ferreira	

O Professor Ilídio Rosário dos Santos Moreira	44
Mário Fernandes Lousã	

Ilídio Moreira Reflexões Sobre o Homem e o Professor	46
Paulo Jorge Fonseca	
Maria da Conceição Duarte	

O TROPICALISTA	47
-----------------------------	----

Olha pró Ilídio Recordações	48
Arcanja Gomes	

A Vivência em Moçambique	52
Benevides Moreira	
Ilídio Moreira, um amigo apaixonado por África	54
Carlos Cabral	
Singela homenagem ao professor Ilídio Moreira	56
João Ferreira da Costa Neto	
Ilídio Moreira: um percurso em prol do desenvolvimento da Botânica Tropical	58
Maria C. Duarte, M.M. Romeiras, Luís Catarino	
Ilídio: o mestre, colega, companheiro e amigo	61
Pedro Leão de Sousa	
Um Capitão Pacifista	65
Raul Miguel de Castro	
O CRISTÃO	67
Professor Ilídio Moreira	68
JOSÉ, Cardeal-Patriarca	
O Ilídio, a Sua Sensibilidade Social e o Sentido da Sua Vida	69
António Ennes da Lage Raposo	
Considerações antigas acerca do católico Ilídio R. S. Moreira – desde o contexto da sua vida estudantil e católica (1953/2011)	72
Carlos A. M. Portas	
O Cristão Ilídio Moreira, Homem na Verdade e na Fé	84
Fernando Gomes da Silva	
O Ilídio	87
A Equipa de Casais de Nossa Senhora, Lisboa 51	
O AMIGO	89
Recordação em Memória de Ilídio Moreira	90
António Monteiro Alves	
Fernando Luís Estácio	
Edgar de Sousa	
José Dargent de Albuquerque	
O Meu Amigo, Ilídio Moreira	94
Fernando Gomes da Silva	
O Ilídio	95
Fernando Catarino	
Os Conselhos do Ilídio Moreira	99
Francisco Castro Rego	
Recordações do Ilídio Moreira	101
José Manuel Barrocas	
Evocação do Professor Catedrático Emérito Engº Agrónomo Ilídio Rosário dos Santos Moreira 1936 - 2011	104
José Marques Moreira	

Mestre	107
Manuel Correia	
Ilídio Moreira O Amigo e Colega	111
Manuel Dias Nogueira	

PARTE II – CURRICULUM VITAE
de Ilídio Rosário dos Santos Moreira

1. Dados pessoais	119
2. Menções honrosas, louvores e prêmio	119
3. Formação académica e complementar	120
4. Atividade profissional	121
5. Actividade docente	124
6. Actividade de investigação científica	131
7. Actividade de gestão científica	133
8. Serviço militar compulsório	135
9. Publicações	136
Revistas Internacionais	142
Revistas Estrangeiras	143
Revistas Nacionais	145
Actas de simpósios e congressos internacionais	148
Actas de simpósios e congressos nacionais	152
Outros documentos	155
Dissertações	155
Trabalhos didácticos	155

PARTE III – TEXTOS CIENTIFICOS

BOTÂNICA AFRICANA	159
Dos nenúfares ao uôf. as “ervas” na etnobotânica nalu (Guiné-Bissau)	161
Amélia Frazão-Moreira	
Diversidade florística de Angola esforços para a sua conservação	173
Esperança da Costa	
Excursão ao Namibe (Sudoeste de Angola)	189
José Carlos Costa, João Francisco Cardoso Ilídio Moreira, Manuel Madeira Joaquim César, Maria Fernanda Bastos & Maria Cristina Duarte	
Flora e vegetação do litoral da ilha da Boavista	207
Isildo Gomes, José Carlos Costa, Maria Cristina Duarte & Ilídio Moreira]	
Principais tipos de vegetação lenhosa da barra do rio Cuanza, Angola	225
Luís Catarino & Esperança Costa	
BOTÂNICA PORTUGUESA	233
As ciências da vegetação e a intervenção dos serviços florestais	235
João R. Pinho	

Lavandula stoechas subsp. luisieri: micromorphological studies with emphasis on leaf trichomes	257
G Teixeira & Al Correia	
Vegetação ribeirinha Algarvia	263
Ilídio Moreira, José Carlos Costa & Ana Monteiro	
O património natural da bacia hidrográfica do Tejo	281
José Carlos Costa & Ilídio Moreira	
Plantas endémicas do litoral de Portugal Continental	295
Maria Dalila Espírito Santo, HN Alves, AD Caperta, I Moreira	
Árvores e arbustos com interesse alimentar da Tapada da Ajuda	335
Mário Iousã, T Vasconcelos & P. Forte	
Ethnobotany in the center of Portugal (Santarém)	365
Natália Gaspar, J Godinho, T Vasconcelos, O Caldas, P Mendes & O Barros	
HERBOLOGIA	375
Enrelvamento da vinha	377
Ana Monteiro, Carlos M Lopes, José Carlos Franco	
Exposição dérmica potencial aos produtos fitofarmacêuticos do aplicador	403
CR Glass, JF Moreira, A Ribeiro, J Santos, JL Martínez Vidal & FG Egea González	
Ecologia de plantas aquáticas e ribeirinhas invasoras em Portugal Continental: uma revisão	419
Francisca C Aguiar & Maria Teresa Ferreira	
Resistência a herbicidas em Portugal – dos anos 90 à situação actual	443
Isabel M Calha	
Infra-estruturas ecológicas e protecção biológica de fruteiras: sebes, cortinas de abrigo e enrelvamento	465
José Carlos Franco	
Nível crítico de dano	481
João Portugal & Ribas Vidal	
Diversidade acarológica na vegetação espontânea da vinha em diferentes regiões de Portugal	489
Maria dos Anjos Ferreira	
Aquatic weed biological control: olfactory attraction of weevils <i>Neochetina bruchi</i> and <i>N. eichhorniae</i> for water Hyacinth (<i>Eichhornia crassipes</i>). A case study	501
Maria Teresa Rebelo	
Abordagens ecotoxicológicas para avaliação de efeitos secundários de herbicidas	525
Michael A Daam, E. Silva, S. Leitão, A.C. Santos Pereira, M.J. Cerejeira	

PREFÁCIO

A edição deste livro integra-se na homenagem que o Centro de Estudos Tropicais para o Desenvolvimento do Instituto Superior de Agronomia (CENTROP) promove ao Professor Ilídio Rosário dos Santos Moreira. Aqui se reúnem elementos sobre algumas dimensões da sua vida e do seu percurso, e se dá testemunho sobre um rapaz que, em Moçambique, educado por *uma mãe com grande força de fé* e por um *pai determinado e de princípios aplicados*, lia Júlio Verne com entusiasmo e fazia mísseis, utilizando pequenos foguetes para dar propulsão a latas que depois, contrariamente ao previsto, caíam em cima dos telhados. E, principalmente, se dá também testemunho sobre um Homem que, persistentemente, procurou contribuir para tornar melhor o mundo em que todos vivemos.

Este volume organiza-se em três partes distintas. Na última, que dá o título ao próprio livro, coligem-se alguns contributos científicos, agora publicados como um acto de homenagem da comunidade de estudo e de investigação em que o Professor Ilídio Moreira se integrava nas últimas décadas.

Na segunda parte, apresentam-se as principais facetas do seu *curriculum vitae*, nomeadamente as actividades de investigação, docente, profissional e de gestão de instituições universitárias. Listam-se, ainda, as suas principais publicações e dão-se algumas notas sobre a sua formação académica e a prestação do serviço militar.

Na primeira parte, reúnem-se depoimentos de familiares, amigos e colegas, em que me apoiem para redigir esta introdução. Deles ressalta, com nitidez, um perfil do Ilídio marcado pelo compromisso com a sociedade e com cada um dos que lhe eram mais próximos. É um compromisso com o presente, *aqui e agora*, que não se deixa erosionar por divagações que distanciam, nem se enreda em grandes debates e dúvidas sobre o futuro. Na Guiné-Bissau, no início dos anos setenta, capitão miliciano e comandante de companhia, vela, acima de tudo, pela vida dos *seus* homens e pelas necessidades da população. Manda mesmo construir uma grade que faz puxar por um “unimog” (carro para transporte de militares), com o objectivo – conseguido! – de aumentar a produção dos povos locais que o rodeavam. Nos primeiros anos da democracia portuguesa, já professor no Instituto Superior de Agronomia (ISA), defendia, em nome da *cidadania e da profissão*, a importância de um empenho na gestão do Instituto e de os docentes se sindicalizarem. Ainda aluno do ISA, colaborou com o Padre Abel Varzim em acções de defesa e protecção de raparigas envolvidas na prostituição. Os exemplos poderiam multiplicar-se.

Na vida académica, a sua disponibilidade e dedicação traduziram-se no modo como se preocupava com os colegas, nomeadamente com os que orientava ou com quem trabalhava. Procurou também, ao longo de muitos anos de participação em órgãos de gestão do ensino superior, melhorar as instituições e tomar iniciativas de novos cursos e actividades. Tudo isto paralelamente aos trabalhos de investigação, à publicação dos seus resultados e a uma ampla actividade docente. Era mesmo um professor que acreditava na educação e nos seus efeitos positivos no futuro das pessoas e dos povos. Uma ideia generosa e eficaz que hoje, em Portugal, parece quase absurda em muitos círculos da academia.

Todo este percurso, apesar de percalços e contrariedades, foi feito com convicção e esperança, de um modo que misturava *sensatez, suavidade e inquietude*, e sem lamentos de que estava a perder tempo. O tempo gasta-se, não se perde, gostava de afirmar.

O sentido do compromisso e o modo de o viver, associavam-se, no caso do Ilídio, ao encontro, já aluno do ISA, com o seu *amigo Jesus*, em Quem encontrou a Resposta: “Tive, pela primeira vez, a angústia de não saber o que andava a fazer no mundo e senti uma enorme necessidade de procurar a verdade e dar resposta àquelas questões [Porque viver? Porquê sofrer? Porquê morrer?], sobretudo porque punham o problema de toda a minha vida”. Na Resposta, “a grande descoberta foi o Amor. Amar a Deus primeiro que tudo, e Amar os outros por ele”.

Na simplicidade e empenho com que vivia as *coisas do mundo*, raramente deixava transparecer o seu enraizamento profundo: era um cristão com uma *interioridade cultivada no silêncio*, que lhe permitia a *lucidez e a serenidade* com que assumia o seu compromisso com a sociedade e com os outros.

A homenagem que o CENTROP agora promove ao Professor Ilídio Moreira congregou muitos apoios e adesões que foram decisivos para que se pudesse concretizar. De todos estes, permito-me destacar as personalidades que aceitaram integrar a Comissão de Honra, bem como os familiares, amigos e colegas que se dispuseram a colaborar neste volume. Quero também registar um agradecimento à Fundação Calouste Gulbenkian, que acedeu a patrocinar a edição deste livro. Gostaria ainda de mencionar o trabalho e a dedicação da Comissão Organizadora desta homenagem, constituída por Fernando Gomes da Silva, Ana Maria da Silva Monteiro, João Neves Martins e Raul Fernandes Jorge. Para todos, muito obrigado!

Fernando Oliveira Baptista

Presidente da Mesa da Assembleia Geral do
Centro de Estudos Tropicais para o Desenvolvimento do
Instituto Superior de Agronomia

PARTE I

Testemunhos



Recordando



Amélia Vitoria Frazão Moreira

No início de 1954, em conversa com o meu tio, professor da disciplina de Mesologia e Meteorologia Agrícolas do 1.º ano do curso de Agronomia, sobre os resultados da 1.ª frequência, ele referiu-se a um aluno, de nome Ilídio, que tinha evidenciado uma capacidade intelectual invulgar. Não o conhecia e só alguns meses mais tarde o referenciei como um colega, oriundo de Moçambique, que muito se admirava com a minha inabilidade para o jogo de *ping-pong* e a quem alguns colegas alcunhavam de MAU-MAU por se exaltar com frequência perante exigências que considerava desnecessárias, mas que a maioria do curso aceitava pacientemente. Acamaradava facilmente com quase todos os colegas, participava nas equipas de desporto do ISA e integrava o grupo que acompanhava o colega Luís Barata, mais tarde Padre da Casa do Gaiato, às visitas aos bairros de grande pobreza, vizinhos da Tapada da Ajuda.

No nosso 3.º ano do curso fui responsável pela pequena Secção da Juventude Universitária Católica Feminina em Agronomia e, no início das actividades, fui abordada pelo Ilídio que, com muito entusiasmo e grande alegria, me falou do nosso amigo Jesus e do nosso dever de divulgar e viver a sua mensagem de Vida e Amor. Iguamente convidou muitos outros colegas para esta missão. Soube posteriormente que esta acção militante se seguia à sua recente conversão, a que não foi estranha a vivência na Juventude Universitária Católica, que não acompanhei dada a separação das JUCF da JUC. O Ilídio, embora baptizado não frequentara até então a Igreja.

Era evidente uma modificação no seu comportamento que passou a ser mais ponderado e calmo. Sabia-se que dedicava largos períodos de tempo a meditação cristã sob orientação espiritual do Padre Pietra Torres que lhe ofereceu um exemplar do Novo Testamento, que conservo, que está muito anotado e velho de tanto ser manuseado e ter viajado com o Ilídio.

Ao longo dos restantes anos do curso, tanto quanto tive o privilégio de acompanhar, pôs-se-lhe a dúvida se o amigo Jesus, como se Lhe referia, o chamava para o sacerdócio. Dúvida que certamente se foi resolvendo nos períodos de diálogo em oração.

Acabado o 5.º ano do curso seguiu para Moçambique e realizou os trabalhos para o relatório do curso no Colono do Limpopo, no Sul do Save. A experiência nessa estadia nos anos 1958/59 e os contactos havidos nas reuniões católicas internacionais e africanas em que ele participou, sempre que lhe foi possível, levaram-no a constatar que o ambiente político da época e a fase de afirmação e emancipação dos povos africanos não era propícia à aceitação de técnicos de nacionalidade de países colonizadores, pelo que desistiu de aceitar os empregos que lhe foram oferecidos em Moçambique.

No regresso de África prestou serviço militar obrigatório de Agosto de 1959 a Janeiro de 1961 no Regimento de Artilharia de Costa. No mês seguinte, após cerca de um ano de namoro, casámos (8 de Fevereiro de 1961), exactamente na altura em que se iniciou a Guerra Colonial. O Ilídio trabalhava, nessa época, em Lisboa num gabinete técnico, em estudos hidrológicos e de planeamento da região do Ruvué, em Moçambique. Todavia, na iminência de mobilização para a guerra, urgia acabar, em tempo, a publicação do relatório final de curso, tendo os amigos Fernando Gomes da Silva e Teresa Ramos Lopes, então noivos, ajudado na tarefa árdua de rever todas as páginas e quadros da tese.

De Agosto de 1961 a Outubro de 1962 foi mobilizado por duas vezes como alferes e tenente milicianos em Regimentos de Infantaria de Vila Real e Beja. Em Julho de 1969 foi chamado para frequentar o curso de Capitão Miliciano em Mafra e de Julho de 1970 a Julho de 1972 comandou a Companhia sediada em Geba na Guerra da Guiné. Estas obrigações militares magoaram-no muito, não só pela desmotivação e incompreensão da guerra mas também pelo afastamento da família, pois não lhe permitiu acompanhar os filhos em fase importante da sua infância. Acrescia ainda a grande perturbação na vida profissional.

Mercê de muita dedicação, veio a ter um digno percurso de trabalho, sempre preocupado em servir os outros dentro de um espírito cristão, ficando por vezes angustiado quando se lhe punham dúvidas sobre quais as decisões mais correctas.

Além de doenças de maior ou menor gravidade e das dificuldades e desaires que ocorreram na sociedade portuguesa, durante o período da nossa vivência, tivemos a provação do acidente que o nosso filho sofreu e a dúvida da sua recuperação. O Ilídio, como em todas as outras tribulações, sentiu e evidenciou a certeza do seu acompanhamento por Jesus Cristo.

Normalmente não se evidenciava, estava calado, excepto quando as conversas incidiam sobre matérias científicas e técnicas. Por vezes exaltava-se perante posições egoístas e desonestas.

Apercebia-me que exercia uma actuação, quase imperceptível, na divulgação do Evangelho junto de alguns colaboradores e alunos que lhe confidenciavam as preocupações e problemas pessoais, convidando-os a um aprofundamento da vida espiritual.

Na medida das suas possibilidades, acompanhava com grande interesse a evolução política mundial nas suas componentes económicas e sociais e, em especial, as suas repercussões nos povos africanos.

Nos períodos de lazer, as suas leituras incidiam, quase exclusivamente, nas Encíclicas e publicações de temas de doutrina cristã.

Expressava o reconhecimento de ter encontrado, na juventude, o amigo Jesus e agradecia-Lhe a vida passada num país com liberdade religiosa e de ter, entre os amigos, cristãos que o ajudavam na sua fidelidade a Cristo.

O Professor e o Cientista



HÁ PROFESSORES QUE MARCAM UM PERCURSO PROFISSIONAL!

Ana Maria Carvalho

Departamento de Biologia e Biotecnologia, Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Bragança, Campus de Santa Apolónia 5301-855. Bragança, Portugal

Cheguei ao ISA em Outubro de 1974. O 25 de Abril tinha acontecido há apenas seis meses e, apesar da euforia, os tempos não eram fáceis! Portugal e o Instituto passavam por um período de mudança e os alunos do primeiro ano, ao contrário das suas expectativas, não começaram as aulas e foram cumprir o Serviço Cívico obrigatório.

Depois de uma passagem pela então Estação de Ensaio de Sementes, situada bem perto do Instituto, foi em 1975 que eu realmente iniciei a minha vida académica.

O 1.º ano foi complexo, entre novas abordagens pedagógicas e reestruturação de planos de estudo, introdução de novas disciplinas, falta de professores qualificados. Do plano de estudos tradicional, caiu a Botânica Organográfica e entrou a Introdução às Ciências Sociais. A Botânica Agrícola não funcionou normalmente no 1.º ano e em vez dela foi leccionada a Fisiologia Vegetal ou antes as Moléculas Biológicas. Creio recordar que esta solução foi em parte devida à falta de docentes para a Botânica. O Professor Ilídio Moreira tinha estado ausente a cumprir o serviço militar na Guiné.

Foi no 2.º ano que frequentei as aulas de Botânica. Estávamos em 1976 e o Professor Ilídio desenvolvia então o seu trabalho de doutoramento. Por isso foram poucas as aulas que nos ministrou. A minha primeira recordação do Professor Ilídio Moreira está associada ao conceito de simplasto e apoplasto cuja compreensão ele considerava fundamental para a formação de um agrónomo. Não foi ele que leccionou a componente de Anatomia e Histologia, mas o nosso manual de apoio foi a 1.ª edição do seu livro Histologia Vegetal de Espermatófitos.

A Botânica seduziu-me desde logo e as poucas aulas do Professor Ilídio foram simultaneamente estimulantes e provocadoras, na sua forma de questionar e discutir a ciência e as plantas. Nessa altura não era fácil acompanhar o seu ritmo, um tanto frenético e a exigir intervenção activa dos alunos, oriundos de um sistema muito rígido e formal onde a interacção professor aluno era nula. Concluí a disciplina no tempo certo e com uma boa nota, o que favoreceu a minha autoestima depois de alguma frustração com a frequência da maioria das disciplinas do 2.º ano.

As provas de doutoramento do Professor Ilídio, em 1977, foram as primeiras a que alguma vez tinha assistido. Lembro, como se fosse hoje, a Sala de Actos, com a mesa do júri ao fundo e nós alunos a assistir à intensa interpelação do júri, esmagados por ver o Mestre numa posição, que nos parecia, semelhante à nossa nas aulas.

O Professor Ilídio Moreira foi também o meu orientador de estágio. Estávamos em 1981. O estágio decorreu na Estação de Ensaio de Sementes, que então se passara a chamar Direcção de Serviços de Controlo da Qualidade de Sementes (DSCQS). Discutíamos o trabalho e os resultados, nos poucos momentos livres, entre officios e tarefas de gestão, porque, por essa data o Professor era Vice-presidente (1981) e Presidente (1982) do Conselho Directivo do ISA.

Dessa época recordo sobretudo o pragmatismo do Professor. A partir do nosso ano de ingresso no ISA, os estágios deixaram de ser defendidos publicamente. Eram entregues e o orientador

atribuía uma classificação. Grávida e com uma proposta de emprego lembro os conselhos do Professor, sentado no seu minúsculo gabinete que dava para o largo do carvalho: «Ana Maria, este não é o trabalho da tua vida, é apenas uma etapa para enfrentar honestamente e com dignidade e que urge concluir». E assim foi!

A partir dessa data os meus contactos com o Professor foram sendo mais esparsos, e, curiosamente, muitas vezes por interpostas pessoas a ele ligadas.

Trabalhei durante cinco anos na DSCQS dirigida pela Eng. Amélia Frazão e quando surgiu a oportunidade de rumar ao Nordeste para seguir a carreira docente na Escola Superior Agrária de Bragança, foi o Professor Ilídio Moreira com a sua forma directa e incisiva de analisar as situações, que esteve na base da minha decisão. Dizia, «o Instituto Politécnico de Bragança (IPB) é um desafio que deves agarrar, está tudo por fazer». Foi o próprio Professor Ilídio Moreira quem me apresentou ao Presidente do IPB, Professor Lima Pereira, no dia das provas de doutoramento do Professor Guedes-Pinto realizadas em Junho de 1986 na antiga sala da Química Agrícola, ISA.

Já em Bragança, os nossos contactos voltaram a intensificar-se. Eu era docente do Departamento de Biologia e Botânica e o Professor Ilídio, o membro do Conselho Científico responsável por esta área de conhecimento.

Durante a elaboração da minha tese de mestrado, no âmbito da Etnobotânica e da cultura tradicional de trigo, várias vezes debatemos questões relacionadas com a adaptação das variedades regionais e o problema do controlo das infestantes. Tenho presente a nossa conversa sobre o rumo da minha tese, quando nos encontramos em Zaragoza, num curso livre realizado no CIHEAM em 1990. Mais uma vez, a acutilância e pertinência das suas opiniões e observações tiveram um efeito muito positivo no desenvolvimento do trabalho.

Ao longo dos últimos anos foram vários os momentos em que discuti o meu trabalho e estive próxima do Professor Ilídio Moreira. Por um lado através de contactos profissionais e por outro através dos livros que continuou a publicar e que gentilmente me foi fazendo chegar às mãos.

Mas hoje em dia, continuo ligada ao Professor Ilídio Moreira de uma forma mais sublime. Através da relação profissional, mas sobretudo da amizade e dos bons momentos que vivo com a sua filha Amélia e de certa forma com o seu neto Tiago.

Revejo nesta partilha de interesses e de trabalho muitas das qualidades do Professor Ilídio Moreira, em particular, a provocação e o desafio constantes que nos obrigam a pensar e a repensar, o pragmatismo e a premência, que estimulam e ajudam a atingir metas e satisfazem, a par e passo, etapas da nossa vida tão efémera.

Penso no Prof. Ilídio Moreira e sinto como as experiências vividas nos fazem crescer e nos ensinam a entender e dar coerência ao passado. Fico de bem com a minha passagem pelo ISA e com o meu percurso académico. Bem-haja!

ILÍDIO MOREIRA PROFESSOR E AMIGO

Ana Maria da Silva Monteiro

Sintetizar, em poucas palavras uma vivência de 35 anos com alguém que marcou permanentemente o nosso crescimento psicológico e profissional, é difícil. Dificuldade acrescida pela memória ainda recente da sua presença constante nos momentos em que eu precisava de ajuda. Como agora!

Foi em 2 de Novembro de 1976 que tive o prazer de conhecer o Sr. Prof. Ilídio Moreira, numa aula de Botânica Geral. Vou começar com a primeira impressão dessa aula, que hoje recordo com muita nitidez, a fim de demonstrar o impacto que o *Professor* (era assim que eu o chamava) teve numa assembleia de caloiros que enchem por completo a Sala de Actos (que não tinha o aspecto actual).

A pequena (grande mesa) do fundo da sala estava completamente cheia de livros. A cada pilha correspondia uma nota e, a nota máxima era de 14 a 15 valores. Mas depressa compreendemos que a exigência não era gratuita, porque durante todo o ano lectivo houve sempre uma disponibilidade total do *Professor* para qualquer aluno, fosse qual fosse a dúvida. Os cerca de 400 alunos inscritos no ano de 1976/77 tinham que fazer, em grupo, um trabalho prático sobre uma planta, que abrangia todos os campos da botânica, desde a citologia até à sistemática e taxonomia, englobando, a histologia e anatomia. O meu grupo tinha cinco elementos, tinha que estudar cinco plantas, claro que apenas dois trabalharam. O *Professor* passou as férias da Páscoa a ajudar, a preparar cortes anatómicos, a fotografar e a interpretar as nossas preparações e desenhos.

Foi assim que aprendi que a docência exige disponibilidade total, criatividade e gosto pela profissão. O *Professor* Ilídio Moreira, em 35 anos de docência, demonstrou que ensinar é, para além duma ciência, uma arte que envolve uma entrega, uma vocação. É o prazer de ensinar que torna o professor mais acessível, mais aberto aos alunos.

Em Ciência, como em tantos outros domínios do conhecimento, tão importante como obter respostas é formular perguntas. Nada me impressionou mais que a criatividade e a imaginação do *Professor*, sempre a procurar a essência das coisas fundamentais, novos caminhos, novas possibilidades que conduzissem a respostas inovadoras mas, tendo sempre em mente uma visão global do conhecimento, de modo a procurar os pontos de união, as interdisciplinaridades. Qualidades bem patentes na diversidade de tarefas que realizou durante a sua atividade profissional e científica.

Quero realçar que, apesar de ser um orientador nato que põe à prova e avalia, sempre foi um professor sem ideias pré-concebidas ou inibidoras, dando total liberdade aos colaboradores e orientandos, aceitando as críticas que lhe são feitas. Em minha opinião, o *Professor Ilídio Moreira* marcou muitas gerações de *engenheiros agrónomos, florestais e não só*.

Não quero terminar estas palavras sem mencionar as suas características pessoais. No convívio, quase diário, entre 1983 e 2011, constatei que era um Homem que "gostava da vida" e aceitava o que ela lhe dava. Nunca ouvi o *Professor Ilídio Moreira* lamentar-se, mesmo nos momentos mais difíceis, e houve alguns que acompanhei mais de perto. Mesmo na exaltação era comedido, tinha sempre um cuidado extremo em não magoar o próximo. Tinha uma capacidade inigualável de

gerir pessoas e situações sem nunca se exaltar. Procurava sempre manter um ambiente de convívio próximo com colegas e alunos.

Como Amigo estava sempre disponível. Ouvia sem criticar, dando conselhos que ajudavam nas situações críticas. Via sempre o lado positivo do ser humano. Acreditava que todas as pessoas tinham qualidades, só que às vezes ainda não as tinham descoberto.

Pude constatar que o grande amor da sua vida foi a Senhora Eng.^a Amélia Frazão. Na voz e nas palavras transparecia sempre o carinho e admiração que sentia pela sua querida esposa. Os filhos, Amélia e Jorge, eram uma preocupação constante e, nos últimos anos, também os netos.

Professor, onde quer que esteja, quero que saiba que preciso de si como amigo, professor e cientista. Sinto a sua falta.

27 de Março 2012

EM MEMÓRIA DE ILÍDIO MOREIRA

António Fabião

Corria o final do Verão de 1968 quando entrei pela primeira vez no Instituto Superior de Agronomia (ISA) para me inscrever no primeiro ano. Já não me recordo exactamente da data, mas deve ter sido por Agosto ou Setembro, com a alma cheia do prazer de um Verão de praia e o corpo tisonado do Sol (pois, sou "branquelas", mas nesses tempos ainda me bronzeava bastante com um Verão de praia).

Vinha de um Liceu – o Liceu Nacional de Oeiras – onde frequentemente se confundia intimidação de gaiatos com preservação da disciplina: qualquer deslize, por pequeno que fosse, dava direito a suspensão com discurso mais ou menos conservador, os contínuos eram auxiliares da repressão e não auxiliares de educação, e o chefe da secretaria tratava crianças e adolescentes por "Oh sua besta!" sempre que o impresso das propinas lhe era entregue mal preenchido. Outros tempos!... Queira Deus que não voltem nunca mais!

Logo à entrada do edifício principal do ISA, tal como hoje, ficava a Secretaria, em frente e à esquerda. Uma senhora de aspecto e idade respeitável – a inolvidável e saudosa D. Ema, cuja simpatia e competência foram durante muitos anos uma das "imagens de marca" do ISA – disse-me com bons modos: "o senhor, se faz favor, vai ali à Associação de Estudantes comprar os impressos (ou seria a caderneta, já não me recordo), preenche-os e depois vem cá falar comigo".

O senhor? Se faz favor? O que é isto?... Foi a minha primeira surpresa agradável à entrada para a Universidade, e uma das primeiras razões para me tornar um adepto entusiasta e incondicional do ISA e do ambiente que por lá se vivia nesses tempos. Isso, a camaradagem que se viria a criar entre os colegas e os primeiros docentes com quem tive contacto.

Tive alguns professores notáveis em Oeiras, que prezo e recordo com carinho e saudade, mas infelizmente não foram a maioria. Com os outros também se aprendia, claro, e a maioria até eram bons mestres, mas os tempos eram de repressão da espontaneidade juvenil e de um falso respeito pela autoridade baseado no receio das consequências que poderia ter uma eventual irreverência. Era um "frete" que tinha de se cumprir e não deixava saudades. O ISA mostrou desde a primeira hora que era diferente, não só porque se vinha estudar o que se tinha escolhido, mas também e sobretudo pelo tratamento adulto e responsável que se dava aos alunos e deles se exigia.

Mandava a tradição da época que se tratassem os professores das teóricas por "Professor" e os docentes das práticas por "Engenheiro" (quem se lembrasse de chamar a um docente "Senhor Doutor", como no secundário, seria logo tachado de "bimbo" por toda a gente). O Ilídio Moreira entrava, por esses tempos, na classe dos "Engenheiros", pois era Assistente das práticas de Botânica Agrícola (as teóricas eram com o Prof. Pereira Coutinho) e regia também uma disciplina muito engraçada que existia na altura no currículo do primeiro ano do ISA, chamada Desenho Organográfico, que não tinha direito a Professor (não tinha aulas teóricas), mas apenas a Assistente.

Foi, talvez por isso – duas disciplinas com aulas práticas leccionadas pela mesma pessoa – um dos primeiros docentes do ISA com quem tive um contacto próximo. Gostava de desenhar, com

ou sem jeito (nem sempre me “saía” bem, confesso), e interessava-me bastante pela Botânica – tinha em casa dos meus pais um pequeno quintal cheio de plantas que costumava observar com interesse e entusiasmo e um microscópio “de brincar” – pelo que um docente que falava connosco nas aulas e respondia com boa vontade às perguntas ingénuas que a frequência do primeiro ano do ISA parece eternizar (ainda hoje é assim, graças a Deus!) tinha de me “cair no goto”.

O Eng.º Ilídio era, no meu juvenil imaginário, o que a gíria da época mandava que se chamasse mais ou menos carinhosamente “um gajo porreiro!”. Falava connosco sem grandes formalidades e sem “armar em Professor”, e não mandava dizer por ninguém o que de mau ou de bom tivesse para comentar. Sempre apreciei e me dei bem com pessoas assim. Ocasionalmente, a espontaneidade com que se expressava chegou a dar origem a uma ou outra situação caricata que alguns colegas dessa época são capazes de ainda recordar.

Por outro lado, preocupava-se connosco e recordo-me de me chamar um tanto à parte para me dar conta de uma classificação apenas mediana num teste, mitigando o relativo insucesso (a nota era, ainda assim, positiva) com uma apreciação favorável à minha maneira de escrever e à minha capacidade de síntese. Nessa altura, a sua atitude e o que disse fizeram por mim tanto ou mais do que teria feito uma classificação mais alta, e fiquei mesmo a achar que valia a pena esforçar-me um pouco mais. Foi coisa de Mestre, como se costuma dizer, e fiquei a dever-lhe um encorajamento de cuja importância para mim, provavelmente, nem ele se terá apercebido na altura. Era um ambiente novo e diferente e soube-me bem verificar que alguém prestava atenção ao que eu andava a fazer.

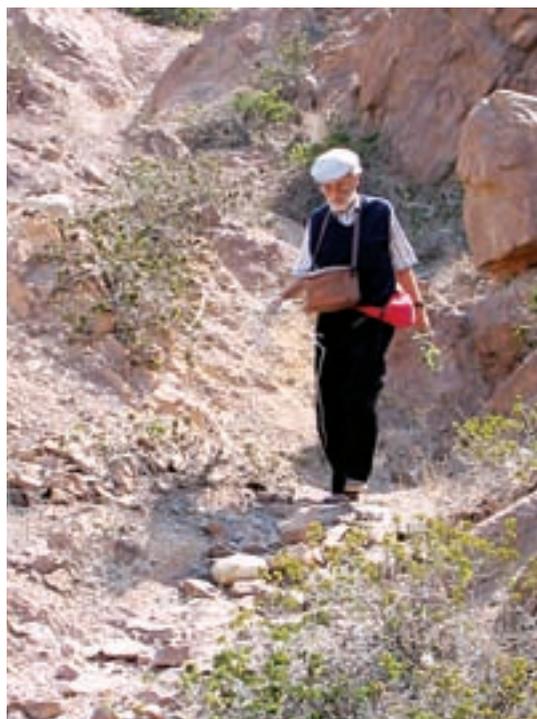
Anos mais tarde – e hoje parecem-me tão poucos como me pareceram muitos nesse tempo – já Assistente Estagiário do ISA e sendo ele Professor, foi um dos primeiros a aproximar-se de mim, a tratar-me como colega, a dar azo a um tratamento familiar entre nós e a falar-me de questões profissionais e sindicais, da necessidade de participarmos na gestão do ISA e de nos envolvermos em questões que eram do nosso interesse. Fê-lo com argumentos profissionais e de cidadania, que lhe deram uma dignidade e um crédito que provavelmente não teria tido de outra forma. Foi com ele que me sindicalizei e julgo que acabámos por ficar os dois (pelo menos eu fiquei) com os números de inscrição no Sindicato mais baixos do ISA.

Viríamos a ter várias vezes oportunidade de trabalhar em conjunto, e recordo sobretudo os anos mais recentes, num projecto de experimentação e demonstração que coordenou e na cooperação com outros Países de expressão portuguesa, designadamente com Cabo Verde e Angola. Entendíamos-nos bem e essas oportunidades de colaboração foram sempre um prazer para mim. Guardo com especial apreço algumas fotografias que tirei com ele em Angola, quando leccionámos em conjunto uma disciplina do Curso de Mestrado em Agronomia e Recursos Naturais, em colaboração entre a nossa Universidade e a Universidade Agostinho Neto. Reproduzo neste depoimento algumas delas, recordando o que então me ensinou sobre a vegetação de África, que eu não conhecia de todo.

O Ilídio – sei que não me levaria a mal a familiaridade, que ele próprio encorajou – marcou a minha juventude como estudante do ISA, a minha formação profissional, o prazer que tive e ainda vou tendo em viver e trabalhar no ISA e, em boa medida, a maneira como vim a encarar a vida depois de concluir a licenciatura. Isso me basta para o considerar um dos meus Mestres e para julgar que lhe devo este testemunho de consideração e amizade, por modesto e desajeitado que possa parecer a quem o ler.



Numa breve visita a Tunda Vala, perto do Lubango, Angola, em Julho de 2004, no contexto do Curso de Mestrado em Agronomia e Recursos Naturais.



Uma rápida recolha de plantas no regresso de uma viagem de fim-de-semana ao Namibe, já perto do Caraculo, Angola (Julho de 2004).

OBRIGADA, PROFESSOR

Fátima Quedas

Escola Superior Agrária
Instituto Politécnico de Santarém

Dos meus tempos de estudante do ISA, são ténues as memórias que guardo do Professor Ilídio Moreira, mas talvez não seja um acaso que o primeiro livro que comprei durante a faculdade tenha sido o da Katherine Esau, sobre anatomia vegetal, na então disciplina de Botânica Agrícola. O Professor Ilídio lecionava esta componente da disciplina e foram as únicas aulas que tive com ele.

Quando em 1981 concorri ao lugar de assistente estagiária no ISA a minha primeira escolha (de então e de sempre) eram a Genética e o Melhoramento de Plantas, mas fiquei em segundo lugar e acabei como assistente do Professor Ilídio e da Professora Wanda Viegas em Botânica. E essa foi a oportunidade feliz de trabalhar com o Professor e, sobretudo, de receber dele o principal apoio que tive para continuar a trabalhar na minha área de eleição.

O testemunho que aqui trago é, por isso, de gratidão. Uma gratidão que cresceu com o passar dos anos, porque pude verificar quão invulgares eram aquela empatia com os principiantes e as suas vocações, qualquer que fosse o domínio de saber onde se cumprissem, e a generosidade e sageza que votava a fazê-las crescer e a desembaraçarem-se de escolhos. Eu sou apenas uma entre muitos que, passados tantos anos e por muito que refilemos, nos continuamos a divertir muito, e sempre mais, com um trabalho abraçado com gosto, porque em algum momento contámos com o Professor Ilídio a partilhar e acarinhar os nossos afetos e sonhos e a encorajar-nos a concretizá-los.

Ainda que fosse sua assistente de Botânica e apenas há alguns meses, foi ele que me veio ao encontro com a sugestão, primeiro, e o apoio, depois, para realizar a minha pós-graduação em Melhoramento de Plantas e Produção de Sementes do Instituto Agronómico Mediterrâneo de Saragoça (IAMZ). Seria também o Professor Ilídio, um par de anos depois, a persuadir quem de direito para que eu viesse a substituir um colega, em doutoramento, na docência da Genética e do Melhoramento de Plantas. Acabei, desta forma, por ser a primeira mulher a lecionar essas disciplinas no ISA. Já como Presidente do IPS e coordenador do primeiro curso de estudos superiores especializados (CESE) lançado no País e votado à multiplicação de plantas, o Professor viria a dar-me a oportunidade de lecionar e de o secretariar neste curso, e aí aconteceu a minha mudança para a ESAS, onde pude assumir definitivamente a minha área de eleição. E a minha história acaba aqui. O CESE foi o último trabalho que fiz com o Professor; depois disso encontrámo-nos ocasionalmente. Mas a história tem um epílogo revelador de um carácter de exceção: não me lembro de alguma vez o Professor Ilídio me ter recordado o seu papel na minha vida profissional.

Obrigada, Professor!

PROFESSOR ILÍDIO MOREIRA, O ORIENTADOR

Francisca C. Aguiar

Um dia, tomei coragem e interrompi aquele passo apressado, aquele rumo certo, de quem encadeia tarefas, reuniões e aulas em dias demasiado curtos. Carregava então uma mala a abarrotar de assuntos e pessoas, e fez-me acompanhá-lo pelos corredores do Edifício Principal do ISA: "– Vai falando que eu vou ouvindo". "– Queria fazer um estágio consigo, Professor... botânica, herbologia, ... gosto muito das suas aulas..." E de facto, o Professor crescia na sala de aula, acompanhado de mil e um livros e por vezes de uma só transparência, com uma palavra escrita numa letra indecifrável, que completava com rabiscos, esquemas, setas por onde nos ia mostrando os campos e novos caminhos da herbologia.

Comecei assim, a entrar nos "curtos" dias do Professor, que viria a co-orientar o Trabalho Final de Curso, a orientar o meu Mestrado e o Doutoramento.

Transmitiu-me a necessidade de rigor, de seriedade, de dedicação e de honestidade na ciência, o respeito pelo uso do Língua Portuguesa, a vontade de seguir caminhos desconhecidos, de experimentar e conhecer, sem esquecer quem nos antecedeu.

Perseguiu-me ele também com o seu prontuário, sempre à mão numa prateleira alta do gabinete, com o qual corrigia escrupulosamente os meus manuscritos. Iniciava os trabalhos com dúvidas etimológicas e de semântica que me encomendava para resolver – [ripário-ripícola-ribeirinha-anfíbia /infestante-adventícia-erva daninha-ruderal] que correspondiam a dias de biblioteca e de dicionários de latim. Recompensava-me com o seu interesse por esses apontamentos que lia, relia e discutia com interesse.

No campo, partilhávamos o gosto pela ecologia, a diversidade botânica, pelas particularidades dos locais, o que nos valeu alguns sustos pelos desvios repentinos da estrada quando o chamamento da paisagem nos distraía. Se lhe perguntassem o material essencial para um dia de campo, acho que diria "uma máquina fotográfica". Capturava com ela as plantas, as pessoas a trabalhar, as paisagens com uma paixão enorme pelo momento presente.

No gabinete, contagiava-me com a ânsia de explorar um turbilhão de ideias e de projectos, de análises de dados, dava vários caminhos para um dado problema. Alguns desses caminhos eram becos com retorno ao ponto de partida, ao que ele chamava de "experiências e aprendizagens". No fim de um desses becos mais fechados desabafei "perdi tanto tempo", ao que o Professor me disse: "– Não perdeste tempo, apenas o gastaste!". Acrescentou depois com aquele sorriso muito próprio que tinha: "– Agora já temos a solução certa." Penso que terá sido a última vez que eu pensei que tinha perdido o meu tempo, e não perco oportunidade de partilhar esta máxima com outros em situações semelhantes.

Fica-me para sempre a recordação do seu bom humor, da sua simplicidade, da paixão pela ciência e da sua dedicação e dos momentos que com ele tive a sorte de partilhar, que não podem caber neste testemunho, por não ter mestria suficiente para me exprimir. Termina com uma transcrição do texto de agradecimento da orientação na minha dissertação de Mestrado, 1996:

"Ao Prof. Ilídio Moreira, orientador, pelo estreito acompanhamento, amizade e disponibilidade sem reservas, demonstrado em todas as fases desta dissertação e pelas preciosas sugestões,

esclarecimentos e críticas. Quero ainda expressar a minha gratidão por me ter transmitido a paixão pelos temas versados (“Vegetação dos ecossistemas dulciaquícolas: estimativa do risco de infestações”) e pela orientação dada segundo elevados padrões de método, rigor científico e seriedade.”

HOMENAGEM AO PROFESSOR ILÍDIO MOREIRA

José Alves Ribeiro

Prof. Emérito-U.T.A.D.

Estava eu nos inícios dos anos 80 a organizar os primeiros passos na carreira docente como jovem Assistente da então recém-criada Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, quando sou surpreendido pela visita do então ainda relativamente jovem Professor Ilídio Moreira que veio ter comigo por saber do meu interesse pela Botânica, perguntando-me de chofre: Ouça lá, qual é o ramo da Botânica a que pretende dedicar-se, para além das aulinhas do dia a dia? E eu, naquela ambição desproporcionada própria dos iniciados, avancei logo com o vislumbre da Fitossociologia, projecto logo alterado quando me fez reflectir que isso não seria o melhor para mim naquelas circunstâncias. Que essa seria uma carreira um tanto de ciência pela ciência, mais para botânicos do que para agrónomos e sugeriu-me a Herbologia, onde se pode conjugar muito bem a Botânica com a Agronomia de modo bem mais pragmático e em que estavam a arrancar a nível nacional projectos aliciantes.

E, estavam e, pela mão deste nosso saudoso Professor.

Integrando-me desde logo numa rede nacional, coordenada pelo Professor Ilídio, de inventariação herbológica de diversas regiões agrárias, focalizada mais particularmente nas regiões vitivinícolas, tive o privilégio de melhor conhecer e fazer amigos no grupo de colegas que iam, como eu, fazendo carreira na Herbologia.

Esta ciência, ramo da Agronomia e da Botânica que, apesar de ter dado alguns primeiros passos no nosso país pela mão do Professor Pedro Amaro, deve ao Professor Ilídio Moreira a sua verdadeira expansão e desenvolvimento. Um desenvolvimento exponencial e em que se foram atingindo excelentes padrões técnico-científicos, de tal modo prestigiados a nível internacional, que não foi por acaso que o Professor Ilídio, para grande orgulho de todos nós, atingiu ele próprio o mais alto escalão da liderança da EWRS – European Weed Research Society – a Associação Científica de topo da Herbologia a nível europeu. Neste contexto, há que salientar um aspecto, exemplar para outros sectores da actividade agronómica no nosso país, que foi a excelente colaboração nesta saga nacional, por parte dos Institutos Politécnicos – e não só o de Santarém que foi presidido pelo Professor – das Universidades, da Estação Agronómica Nacional e da Direcção Geral do Ministério da Agricultura que tinha o pelouro da Protecção das Culturas, colaboração essa que foi sempre harmoniosa e frutuosa dada a excelsa personalidade do nosso Professor e também, há que reconhecê-lo, dado o excelente espírito de abertura e de colaboração dos colegas e das colegas que no Ministério trabalhavam nessa época.

Finalizo este testemunho, que terá de ser sintético, deixando na memória muitos episódios que poderíamos recordar e que nos deixaram imensas saudades, tanto ao longo dos trabalhos que fomos realizando – e relembro que o Professor Ilídio foi o orientador de inúmeras teses de mestrado e de doutoramento, sendo a minha uma delas, focalizada na herbologia da minha região duriense – como ao longo de imensas reuniões e congressos realizados nessa época.

Num desses congressos, em Dijon, na bela região vitivinícola da Borgonha, o Professor Ilídio fez-se acompanhar pelo seu filho Jorge, ainda a convalescer de um grave acidente de automóvel, e eu

tive oportunidade de ir apreciando o carinho do Professor para com o seu filho. Perfeitamente natural, poder-me-ão contrapor, só que era também com esse mesmo imenso carinho que o nosso saudoso Professor sempre lidou connosco e nos deu desinteressadamente a mão a puxar pelas nossas carreiras técnicas e académicas e essa é mais uma das muitas razões para aqui estarmos de alma e coração a prestar-lhe esta justíssima homenagem.

Março de 2012

ILÍDIO MOREIRA DIRECTOR DO CENTRO DE BOTÂNICA DO IICT

Maria Adélia Diniz

Investigadora Coordenadora Aposentada
Instituto de Investigação Científica Tropical
adeliadiniz@gmail.com

É para mim uma honra e um privilégio dar testemunho do Prof. Ilídio durante o exercício das suas funções de Director do Centro de Botânica do IICT. Conheci-o em Maio de 1986 quando ele assumiu as funções de Director, substituindo o Dr. Eduardo Mendes que se aposentou nessa data. Em 1990, por decisão do Presidente do IICT, Prof. Cruz e Silva fui designada substituta do Prof. Ilídio nas suas ausências devido à sua actividade intensa quer como professor no ISA, quer como Presidente da Comissão Instaladora do Instituto Politécnico de Santarém, o qual se manteve nesta situação até Maio de 1998 data em que lhe foi concedida a exoneração do cargo de director, vindo eu a ser nomeada directora do Centro de Botânica, cargo que exerci até Abril de 2006.

Os seus conselhos, como chefe e amigo, influenciaram a minha forma de estar na vida profissional. A minha timidez e por vezes falta de confiança nas minhas possibilidades de ser mais arrojada e ir mais em frente foi diminuindo devido à sua persistência e entusiasmo, estimulando-me sempre a responder a novos desafios.

Uma das suas características mais marcantes era a capacidade de criar novas acções ou projectos tentando integrar todos os investigadores do Centro. Por vezes não encontrava disponibilidade espontânea da parte destes mas ele tinha a capacidade de os convencer.

O Prof. Ilídio, nas reuniões com os investigadores lançava ideias para novos projectos com vista a suscitar a discussão e a semente, se não germinava de imediato, pelo menos inchava e dava origem a novas acções a curto prazo.

Com a sua chegada ao Centro de Botânica deu-se uma diversificação das actividades, participando com outros Centros do IICT e conduzindo os investigadores a uma abertura ao exterior de cooperação interdisciplinar com outras instituições.

Recordo com saudade a expressão carinhosa com que me tratava quando entrava no meu gabinete e dizia "Olá patroa!".

Sempre fui muito leal para com ele em todas as decisões que tive que tomar na sua ausência. Apesar de o Prof. Ilídio chegar a estar semanas inteiras sem ir ao Centro posteriormente dava-lhe conhecimento de tudo o que tinha decidido relativamente à administração e recordo que nunca se aborreceu comigo com algo que não fosse do seu agrado. Tivemos sempre uma óptima colaboração.

A investigação do Centro de Botânica centrava-se na Taxonomia Botânica principalmente no estudo das floras africanas, nomeadamente para elaboração da Flora Zambesiaca, da Flora de Moçambique e do *Conspectus Florae Angolensis*. Os taxonomistas eram cada vez menos e a taxonomia botânica clássica deixou de ter o prestígio que tivera, não beneficiando de apoios quer nacionais quer internacionais.

Com a vinda do Prof. Ilídio a colaboração com os países de expressão portuguesa intensificou-se com diversificação de projectos e com acções no terreno. Deu-se continuidade aos projectos em

curso e iniciou-se o estudo da Flora e da Vegetação primitivas da ilha de Santiago e o estudo da Flora de Cabo Verde em colaboração com o Instituto de Investigação e Desenvolvimento Agrário (INIDA) de Cabo Verde sendo o Centro de Botânica responsável pela publicação das famílias botânicas. O Centro participou também na Actualização da Carta Fitoecológica da Ilha de Santiago, projecto financiado pela CEE-DGVIII da responsabilidade do INIDA de Cabo Verde e com o CIRAD.

Com a República da Guiné-Bissau envolvemo-nos em vários projectos como o do estudo das infestantes das culturas, quer de planalto quer das bolanhas e o estudo da flora e da vegetação em especial de Parques como o Parque Natural da Cufada, o Parque das Florestas do Cantanhez e o Parque dos Mangais do Cacheu, alguns destes financiados externamente. Estes projectos tinham uma componente interdisciplinar dentro do IICT e com outras instituições nacionais, sempre em colaboração com instituições guineenses.

Outra área em que participámos foi o estudo de plantas medicinais na Guiné-Bissau em colaboração com a Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, a Faculdade de Ciências da Universidade Nova de Lisboa, outras Universidades e Institutos europeus e sempre com a colaboração de entidades governamentais e não-governamentais da Guiné-Bissau.

Participámos também no projecto Utilização de *Azolla* em rizicultura na Guiné-Bissau da responsabilidade da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, sendo um dos objectivos do projecto a utilização deste pteridófito como biofertilizante azotado.

Estas acções levaram os investigadores do Centro de Botânica a terem uma intervenção muito activa em missões de campo nestes países africanos e a participarem intensamente na comunidade científica com apresentação de comunicações em congressos e outras reuniões científicas e publicação de trabalhos científicos, quer livros quer artigos em revistas nacionais e internacionais.

Intensificou-se a cooperação com as instituições africanas com que já colaborávamos anteriormente e iniciou-se o processo de formação especializada de recursos humanos realizando-se estágios técnico-científicos de técnicos dos PALOP. Regra geral estes técnicos passavam a prestar a sua colaboração in loco quando de deslocações de missões de campo aos respectivos países. Também passámos a ser solicitados por instituições universitárias para a co-orientação de mestrados e doutoramentos na área de Botânica Sistemática.

Era seu costume acompanhar ao Centro de Botânica, técnicos africanos, em particular dos PALOP, previamente recebidos por si no Instituto Superior de Agronomia para dar a conhecer o seu valioso herbário tropical e facilitar contactos conducentes a futuras parcerias técnico-científicas.

Aprendi muito com o Prof. Ilídio, tanto durante os anos em que trabalhei com ele enquanto director como também posteriormente à sua saída pois ele continuou a sua colaboração com o Centro de Botânica, agora livre do cargo de direcção. Mesmo após a sua saída, sempre que havia confraternizações, nos aniversários e Natais era invariavelmente convidado e nunca faltava.

Era um Homem Bom, muito dinâmico, por vezes parecendo zangado ao elevar um pouco mais a voz nalgumas reuniões mas isso apenas se devia ao entusiasmo com que expunha as suas convicções. O seu sorriso permanente e a sua boa disposição contribuíam sempre para manter ou retomar a boa relação com os funcionários com os quais se cruzava.



Convívio de Natal no Centro de Botânica (28 de Novembro de 2005)

O nosso agradecimento ao Prof. Ilídio por deixar um marco sempre presente no Centro de Botânica do IICT.

PROFESSOR ILÍDIO MOREIRA O CIENTISTA

Maria da Graça Amaral Neto Saraiva

Arquitecta Paisagista / Engenheira Agrónoma
Professora Associada da Faculdade de Arquitectura da UTL
Docente no ISA entre 1989 e 2002

Conheci o Professor Ilídio Moreira enquanto ‘caloira’ no Instituto Superior de Agronomia, no ano lectivo de 1968/69. Era ele, então, o Assistente das aulas práticas de Botânica Agrícola e de Desenho Organográfico, lugar que no final desse ano teve que deixar devido à sua incorporação como Capitão Miliciano na Guiné.

Desde logo marcou pela diferença. Não esquecemos o seu espírito directo e franco, interpelando e gracejando com os alunos, tratando-os por tu, num registo muito distinto do que na época era o quadro de relações professor-aluno no ISA, marcado pela formalidade e pela distância.

Voltei a reencontrá-lo no início da década de noventa, estava eu como Assistente do ISA a preparar o Doutoramento, envolvida na preparação de um projecto de investigação multidisciplinar visando o planeamento e gestão na escala de uma bacia hidrográfica, que procurava levar a cabo como enquadramento para o trabalho a desenvolver no âmbito do Doutoramento. Tendo em conta que a coordenação do projecto de investigação deveria caber a um Professor ‘senior’, abordei nesse sentido o Professor Ilídio Moreira, conhecendo o seu importante currículo no tema da ecologia da vegetação aquática e ribeirinha, e recordando a grande disponibilidade que sempre manifestou para com os alunos, que tinha marcado a minha memória dos primeiros anos passados no Instituto. Ele, embora inicialmente hesitante, referindo que a que a sua área ‘de conforto’ se prendia preferencialmente com a Herbologia, e também porque não recordava uma aluna de há vários anos que entretanto esteve afastada dos caminhos da investigação, veio depois a aceitar a coordenação desse projecto. Assim nasceu uma colaboração que rapidamente se fortaleceu com uma sólida amizade, que foi crescendo ao longo dos anos em que tive a sorte de trabalhar e aprender com ele e aperceber-me das suas grandes qualidades humanas e de cientista e investigador.

O projecto em causa, denominado ‘Conservação e valorização de sistemas fluviais no quadro do ordenamento de bacias hidrográficas’ (Projecto R&D n.º 20/93 do Programa Ambiente, financiado pela JNICT/Direcção Geral do Ambiente), preparado em 1992/93 e que oficialmente decorreu entre 1994 e 1996, estendeu-se por mais alguns anos, culminando com a publicação, em 2004, do livro *Gestão Ambiental de Sistemas Fluviais. Aplicação à Bacia Hidrográfica do Rio Sado*.¹

Foi um projecto que incidiu sobre a bacia hidrográfica do rio Sado, envolvendo 7 equipas de diversas instituições, com um total de 21 investigadores, representando uma abordagem inovadora baseada na multidisciplinaridade, visando a avaliação do estado de conservação de corredores fluviais em condições mediterrâneas, na referida bacia hidrográfica.

O Professor Ilídio Moreira desempenhou um papel chave como Coordenador desta vasta equipa. As suas qualidades de investigador e de liderança foram cruciais para promover a compatibiliza-

¹ Moreira, I.; Saraiva, M.G. & Nunes Correia, F., 2004, ISA Press, Lisboa ISBN 972-8669-13-5.

ção e concertação dos vários domínios envolvidos, para ultrapassar as dificuldades inerentes à dimensão da equipa e às dificuldades que surgiam, apontando caminhos para a integração do conhecimento adquirido, apesar das lacunas necessariamente reconhecidas, num momento em que trabalhos desta índole estavam numa fase inicial de desenvolvimento. As suas capacidades humanas e científicas, o seu entusiasmo e a visão, enquanto Coordenador deste projecto, conduziram a que os resultados obtidos tenham constituído uma contribuição inovadora e relevante para o estabelecimento de metodologias que vieram a ter aplicação no processo de elaboração dos Planos de Bacia Hidrográfica, no final da década de noventa.

Na sequência desta experiência de investigação, tive a oportunidade de colaborar com ele noutro projecto que pretendeu desenvolver algumas linhas iniciadas no anterior, nomeadamente no que respeitava à oportunidade de promover a valorização das galerias ripícolas enquanto sistemas ecológicos de ordenamento dos espaços ribeirinhos e de minimização dos impactes originados pelas actividades agrícolas na envolvente dos sistemas fluviais.

Nesse contexto, o Professor Ilídio Moreira lançou as linhas orientadoras que se concretizaram no projecto MEVAGAR – ‘Medidas de valorização de galerias ribeirinhas e sua avaliação no contexto agro-ambiental’, no âmbito do Programa de Apoio à Modernização Agrícola e Florestal (PAMAF 4059, 1995-1998), coordenado pelo Instituto Nacional de Investigação Agrária. Neste projecto, tive a honra e o enorme gosto de apoiar o Professor Ilídio Moreira enquanto Coordenador, com a participação de uma vasta equipa multidisciplinar, tendo resultado do seu desenvolvimento a publicação *As Galerias Ribeirinhas na Paisagem Mediterrânica. Reconhecimento na Bacia Hidrográfica do rio Sado*.²

O Professor Ilídio Moreira foi também o Coordenador da equipa do ISA no Grupo de Acompanhamento à elaboração dos Planos de Bacia Hidrográfica, no Instituto da Água (INAG) entre 1998 e 2000. Seguidamente, tendo em conta o valioso trabalho e experiência no domínio dos ecossistemas dulçi-aquícolas, coordenou o Grupo de Trabalho ‘Ecossistemas de Águas Interiores Superficiais’ no âmbito da elaboração do Plano Nacional da Água, pelo INAG, entre 2000 e 2002. Este Grupo de Trabalho lançou as bases metodológicas para a caracterização, diagnóstico e avaliação dos ecossistemas dulçi-aquícolas, tendente ao conhecimento e avaliação do estado ecológico das massas de água interiores superficiais, na óptica da aplicação da Directiva-Quadro da Água,³ tendo resultado uma importante publicação da qual ele foi o primeiro editor⁴.

Muitos outros artigos, publicações e contribuições se poderiam referir, neste e em domínios científicos afins, elaborados pelo Professor Ilídio Moreira e seus colaboradores mais próximos. Orgulho-me de ter colaborado com ele nalguns desses trabalhos, o que muito contribuiu para a minha aprendizagem e aprofundamento nos caminhos da investigação, e sua aplicação nos domínios da gestão ecológica e ambiental de sistemas fluviais, do ordenamento do território, de uma melhor compreensão da paisagem e dos sistemas ecológicos que contribuem para a sua riqueza e diversidade.

² Moreira, I. e Saraiva, M.G. (Coords.), 1999, com a colaboração de Francisca Aguiar, José Carlos Costa, Maria Cristina Duarte, António Fabião, Isabel Loupa Ramos, Mário Lousã, Filipa Pinto Monteiro, ISA Press, Lisboa. ISBN 972-8669-13-5).

³ Directiva 2000/60/CE do Parlamento Europeu e do Conselho de 23 de Outubro de 2000 que estabelece um quadro de acção comunitária no domínio da política da água.

⁴ Moreira, I.; Ferreira, M.T.; Cortes, R.; Pinto, p. & Raposo de Almeida, p. (Eds), 2002, *Ecossistemas Aquáticos e Ribeirinhos. Ecologia, Gestão e Conservação*, Instituto da Água, MCOTA, Lisboa.

Por tudo isto testemunho a minha grande admiração e afecto pelo Professor Ilídio Moreira, pelo seu rigor, tenacidade, profundo conhecimento, mas também pela alegria, humildade científica e pelas grandes qualidades humanas que sempre soube transmitir e que o tornaram uma pessoa e um cientista prestigiado, que deixa em cada colaborador um amigo e um admirador.

Tenho para com ele uma promessa para cumprir. E espero conseguir cumpri-la.

Lisboa, Março de 2012

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O PROFESSOR ILÍDIO MOREIRA

Maria Leopoldina Rosa

Quando escrevo sobre o Homem que foi o Prof. Ilídio Moreira torna-se impossível separar as palavras que o caracterizam como Professor, como Cientista, como Amigo, porque ele foi para todos nós um Amigo que nos ensinava sempre em todas essas vertentes da sua, e da nossa, vida.

O Prof. Ilídio recebeu-me na sua equipa, deu-me força para aprender a ensinar, para aprender a investigar. Tive o grande privilégio de aprender com ele o muito que me ensinou de Botânica e de aprender como pessoa, com aquela enorme alma sempre disponível para ensinar, encorajar, dar a volta às dificuldades, sobretudo nos momentos em que a coragem falta.

Não esqueço o conselheiro que foi para alguns alunos que o procuraram em ocasiões de dúvidas sobre o curso que frequentavam. Lá estava o Prof. Ilídio sempre com a sua faceta de Amigo, ouvindo, ouvindo, e, sem nunca dar a sua opinião clara, mostrava aquela enorme compreensão que os alunos procuravam. Todos nós, que em muitos momentos lhe pedíamos conselho, recebíamos essa compreensão e disponibilidade que, afinal, procurávamos. A decisão era sempre nossa, como fazia questão de frisar, mas passava a ser uma decisão tomada com o suporte de um grande Amigo. E, sempre que era pedida a sua ajuda, o Prof. Ilídio continuava a estar presente.

Por todo o apoio, colaboração, disponibilidade, encorajamento, amizade, o meu Muito Obrigada Prof. Ilídio.

30 de Março de 2012

PROF. CATEDRÁTICO EMÉRITO ILÍDIO ROSÁRIO DOS SANTOS MOREIRA O HERBOLOGISTA

Maria Lisete Caixinhas

Relembrar e homenagear o Professor Ilídio Moreira é recordar toda a sua actividade Profissional ao longo de mais de 30 anos.

Em 1968 "*teve a felicidade de ingressar no Gabinete de Botânica do Instituto Superior de Agronomia*", frase por ele utilizada num discurso que proferiu em 1999 na Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal.

Nesse mesmo ano de 1968 o Professor João de Carvalho e Vasconcellos tinha sido jubilado e a direcção do Gabinete de Botânica ficara a cargo do Professor Miguel Pereira Coutinho.

Como era usual na época, sempre que um novo membro entrava para o Gabinete de Botânica era apresentado aos que já aí trabalhavam. Foi então que conheci o Eng.º Agrónomo Ilídio Moreira, assistente das disciplinas de Botânica Agrícola e Desenho Organográfico. A sua actividade docente foi interrompida em meados de 1969 por mobilização militar. No ano lectivo de 1972/73 retomou a docência e sob a orientação do Professor Miguel Pereira Coutinho iniciou o trabalho experimental sobre a biologia de infestantes rizomatosas que conduziria à apresentação da sua tese de doutoramento em 1977.

Voltando ao início da década de 70, do século passado, até 1971, a identificação de infestantes no estado de plântula ainda não tinha sido estudada em Portugal. Nesse ano, iniciou-se o referido estudo, e a jovem estagiária de agronomia Elisa Silva apresentou no I Simpósio Nacional de Herbologia as 1.ªs Chaves de Determinação de Plântulas de Infestantes das Searas de Trigo.

Em 1976, ao ser criado o Centro de Botânica Aplicada à Agricultura (CBAA) da Universidade Técnica de Lisboa, o sector de Herbologia ficou confiado ao Professor Ilídio Moreira. No âmbito desta área da Botânica, a primeira sugestão de trabalho que me foi feita, foi precisamente o estudo das Plântulas de Infestantes de Dicotiledóneas. Desde então a elaboração de fichas onde ficaram descritas cerca de 100 espécies no estado de plântula e ilustradas por um ou mais desenhos e/ou uma ou mais fotografias ocupou-me algum tempo entre outras tarefas que tinham de ser executadas. A boa aceitação desta primeira publicação, que rapidamente se esgotou, levou à preparação de uma segunda edição em 1980 e reimpressão em 1984, financiadas, tal como a primeira, pela Direcção-Geral de Protecção da Produção Agrícola do Ministério da Agricultura e Pescas.

Em 2001, uma terceira edição valorizada pela participação das colegas Ana Monteiro e Edite Sousa foi também prefaciada e incentivada pelo Professor Ilídio Moreira.

O impulso que o homenageado deu à ciência das infestantes conduziu certamente à sua eleição para Presidente da Direcção da Sociedade Portuguesa de Fitiatria e Fitofarmacologia (SPFF) durante o período de 1979-1987, bem como para a nomeação para diversos cargos que ocupou na «European Weed Reseach Society» (EWRS).

Devido ao seu mérito como herbologista foi convidado para um projecto apoiado pela FAO, cujo objectivo consistia no estudo morfológico das plântulas e plantas adultas das espécies

de ervas daninhas da bacia mediterrânica. A diversidade desta flora existente em todas as culturas desta região levou à selecção, somente, das infestantes das vinhas e pomares da parte ocidental dos países do Mediterrâneo ocidental.

No ano de 1986 foi editada pelo Instituto Superior de Agronomia a versão francesa intitulada «Mauvaises Herbes des Vergers et Vignes de l'Ouest du Bassin Méditerranéen (Moreira *et al.*, 1986a), no mesmo ano foi publicada a tradução em português (Moreira *et al.*, 1986b), e em 1989, em espanhol (Moreira *et al.*, 1989). Uma 2.^a edição da versão portuguesa foi publicada em 2000.

De 1992 a 1995, o projecto «An Hypermedia System for Plant Protection (HYPP)», coordenado pela «Association Coordination Technique Agricole (ACTA) e subsidiado pela CE-DGXII, foi desenvolvido por herbologistas de diversos países europeus. Em Portugal foi entusiasticamente aceite pelo Prof. Ilídio Moreira em colaboração com as Eng.^{as} Teresa Vasconcelos, Dalila Espírito Santo e por mim própria. O objectivo do referido projecto consistia na descrição e digitalização das imagens das principais infestantes da Europa ocidental no estado de plântula e planta adulta, de modo a criar uma base de dados com a finalidade de se proceder à identificação de 580 espécies. O resultado foi a edição de um CD-ROM (Cussans *et al.*, 1995).

Ainda no domínio da Herbologia é de referir a colaboração do Professor em dois livros publicados em 2000, um sobre a flora infestante da cultura do tomate (Portugal *et al.*, 2000) e outro sobre a flora infestante das culturas de sequeiro do Alentejo (Vasconcelos *et al.*, 2000).

Entre 1986 e 1998, como director do Centro de Botânica do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT), devo salientar a excelente colaboração que promoveu entre investigadores do referido Centro, tendo contribuído para o incremento das actividades científicas, nomeadamente entre os conhecimentos botânicos em países africanos. Desta troca de saberes resultou a publicação de 3 livros e diversos capítulos de livros. Entre os livros menciono a «Flora das culturas agrícolas de Cabo Verde» (Diniz *et al.*, 2002) e a «Flora das culturas de planalto da Guiné-Bissau» (Diniz *et al.*, 2002).

No âmbito do ensino da Histologia Vegetal, nos anos 70, em colaboração com a Eng.^a Amélia Frazão, divulgou um documento sobre técnicas de preparação histológica, o que facilitou a publicação de um primeiro livro, em 1976 e uma nova edição em 1983.

Em colaboração com a Prof. Leopoldina Rosa publicou um pequeno Atlas de Anatomia em 1985, preparado sobretudo para o ensino politécnico.

Os livros «Anatomia das Plantas. Estruturas» e «Anatomia das Plantas. Estruturas Secretoras», publicados em 2010 (com impressão póstuma, incluído na Série Didáctica de Botânica 4), foram coordenados por ele próprio e pela Professora Ana Monteiro. O primeiro foi o seu último livro publicado em vida. Considero uma excelente obra e comove-me a Nota Prévia. Nela, os coordenadores ao mencionar a reprodução de diversas fotografias ao microscópio óptico de livros didácticos prestam também uma *singela homenagem aos saudosos Professores de «Botânica Agrícola» João de Carvalho e Vasconcellos, Miguel Carlos Pereira Coutinho e João do Amaral Franco*. Também não posso aqui deixar de relembrar o trabalho meticuloso da auxiliar Maria de Lourdes Santos do Gabinete de Botânica, que nos anos 60 e 70 efectuava nítidas preparações definitivas (histológicas e anatómicas), que ilustraram numerosos *Relatórios Finais de Curso de alunos do ISA*, estes também mencionados na Nota Prévia anteriormente referida.

Outros colegas abordarão certamente muitas outras vertentes da obra do Prof. Ilídio, tais como as incluídas na área da ecologia da vegetação tropical, biologia e ecologia de espécies invasoras e exóticas, entre outras. No entanto foi minha intenção contribuir com o meu testemunho para que a MEMÓRIA que nos deixou este colega como impulsionador do saber científico em diversas áreas seja perpetuada.

Lisboa 25 de Março de 2012

ILÍDIO MOREIRA O COLEGA E O AMIGO

Maria Manuela Chaves

Dar um testemunho sobre o Ilídio dos Santos Moreira é lembrar o colega e o amigo, é tentar ler o sentir pessoal, interpretando também o de muitos colegas da nossa 'casa comum', o Departamento de Botânica e o Centro de Botânica Aplicada à Agricultura, aonde convivemos de perto durante largos anos.

O Ilídio Moreira foi alguém muito importante no nosso Departamento/Centro – foi uma espécie de 'irmão mais velho' que assegurou uma liderança harmoniosa do nosso grupo após a jubilação do Professor Miguel Pereira Coutinho em 1985.

Com a formação em 1997 do Departamento de Protecção de Plantas e de Fitoecologia o Ilídio Moreira aceitou o desafio de ser o seu primeiro Presidente (ele sempre gostou de desafios...), mantendo-se no entanto ligado na actividade de investigação ao Centro de Botânica e Engenharia Biológica.

A sua área de investigação científica por excelência foi a Herbologia, aonde criou 'escola' no ISA e era reconhecido *inter-pares*. Para além disso, o Ilídio deu imensa força ao grupo de Botânica e Fitoecologia, que passou a integrar o novo Departamento, tendo valorizado as componentes da biodiversidade e falando 'antes do tempo' da sustentabilidade em agricultura.

Dos seus interesses pessoais destaco ainda a atenção que sempre deu à integração entre estrutura e função das plantas, que está patente no seu livro de Anatomia e cuja mensagem passava sempre na sua actividade docente.

O seu estilo era inconfundível, uma mistura de sensatez, suavidade e irrequietude que o levou a tomar grandes desafios, mesmo depois de jubilado e a manter uma postura de 'eterno jovem' durante toda a sua vida, incluindo a mais recente. Basta recordar a sua actividade no ensino de post-graduação em Angola ou a tarefa gigantesca que empreendeu com os três colegas 'dos almoços de 3.^a feira' (António Monteiro Alves, Fernando Luís Estácio e Edgar de Sousa) para dar corpo ao Livro 'O Instituto Superior de Agronomia na segunda metade do Século XX', publicado em 2007, uma memória rigorosa da actividade de ensino e de investigação e das pessoas que passaram pelo Instituto no último quartel do século.

Lisboa, 30 de Março de 2012

PROFESSOR ILÍDIO MOREIRA, O ECOLOGISTA

Maria Teresa Ferreira

Conheci o Professor Ilídio Moreira em 1982, ainda recém-chegada da Faculdade de Ciências de Lisboa a esta Casa-Mãe Agrária, para ensinar e investigar em Ecologia no Instituto Superior de Agronomia. Falava-se e ensinava-se então pouco no ISA sobre ecossistemas, sobre conservação da natureza e sobre gestão de recursos naturais não produtivos. Apesar da receção entusiástica das matérias ecológicas por parte dos alunos (relembro com saudade as saídas práticas para as Dunas do Guincho na disciplina de Silvicultura Geral, que terminavam em confraternização no bar de praia mais próximo ao fim do dia de trabalho...), havia ainda nessa altura pouca atividade de investigação científica vocacionada para os pressupostos e métodos da ciência ecológica, que se tornaram hoje omnipresentes na Escola, após três décadas. Em conjunto com outras figuras ilustres do Instituto, o Professor Ilídio Moreira foi precursor da modernidade, ao abraçar convictamente esta área do saber, hoje reconhecida como uma das áreas científicas do ISA (Ecologia e Ciências do Ambiente, Despacho n.º15796/2010, DR 2.ª série n.º 203 de 19 de Outubro).

Mais ou menos perdida e só, andava eu nas lides da investigação, quando um dia um professor baixinho de olhar tímido e inteligente, e de sorriso prazenteiro, veio ter comigo. “Ouvi dizer que trabalhas em Ecologia. Olha, eu quero fazer gestão ecológica de canais de rega e tenho um projeto para desenvolver, gostaria que fizesses parte da minha equipa”. Foi exatamente há 30 anos e nunca mais deixámos de trabalhar juntos e de ser amigos, até ao final da sua vida.

Enquanto herbologista, o Professor Ilídio Moreira cedo compreendeu que o ambiente abiótico e as interações ecológicas são determinantes da invasibilidade e que o controle de plantas invasoras passa pela gestão dos ecossistemas agrários em conjunto com os ecossistemas não cultivados. Por isso procurou causas em vez de efeitos e testou métodos naturais de controlo em vez dos tradicionais, ambientalmente pouco amigáveis. No contexto em que foi feita, a atividade científica do Professor Ilídio Moreira na área de Ecologia pode ser caracterizada pelas seguintes expressões: ousadia e visão na abordagem de temas quase sempre inovadores face à praxis agrícola dominante; entusiasmo e persistência nunca esmorecidos na tentativa de gerir os ecossistemas agrários de forma sustentável; um permanente e juvenil sentido de humor; uma inesgotável sede de saber, de fazer mais e melhor, de se meter em novos projetos e desafios; uma confiança infundável (muitas vezes imerecida) na natureza humana e nas capacidades de trabalho das equipas que criou, entusiasmou e empurrou na senda ecológica; uma capacidade inigualável de atrair pessoas para trabalhar e de gerir situações e conflitos humanos sem nunca se irritar e sem perder a paciência, boa disposição e otimismo. Pela parte que me toca, bem-haja o Professor Ilídio pelo exemplo de sensatez e humanidade que sempre representou.

Entre as áreas de Ecologia que o Professor Ilídio Moreira abordou de forma pioneira incluem-se: a ecologia da vegetação tropical; a ecologia e formas de controlo de espécies invasoras e exóticas, nomeadamente em canais de drenagem e de irrigação; a ecologia e padrões de distribuição da vegetação fluvial e ribeirinha; a gestão ecológica e restauro da galeria ribeirinha; e o estudo de bioindicadores vegetais de qualidade ecológica. Os resultados? Encontram-se consubstanciados em dezenas de comunicações orais, painéis e trabalhos de revistas nacionais

e estrangeiras, na elaboração de livros e na organização de várias reuniões científicas, cabendo destacar o Simpósio Internacional sobre Plantas Aquáticas Invasoras, em 1998. A coordenação de todos os trabalhos sobre Ecossistemas Aquáticos e Ribeirinhos no âmbito da elaboração do 1.º Plano Nacional da Água, concluídos em 2002, foi o culminar de duas décadas incansáveis de trabalho científico em Ecologia Aquática, que se prolongou em colaborações até muito recentemente.

O Professor Ilídio Moreira deixou marcas na Casa-Mãe Agrária, quer nos discípulos e amigos que criou e cultivou, quer na abordagem científica ecológica, de que foi um dos percussores. Cá para mim, tenho que o Professor Ilídio Moreira sempre foi ecologista, mesmo quando trabalhava em outras áreas científicas. Pois o que significa sustentabilidade dos ecossistemas agrários senão uma gestão que aprenda na natureza as bases da ecologia? O que significa ecologia senão interações de atores biológicos, com os seus motivos e processos de atuar? O Professor Ilídio Moreira viveu sob a égide dos dois pilares do desenvolvimento, a curiosidade científica e a grandeza humana, e por isso será lembrado.

O PROFESSOR ILÍDIO ROSÁRIO DOS SANTOS MOREIRA

Mário Fernandes Lousã

Nascemos na mesma terra, vivemos no mesmo bairro, estudámos na mesma escola, frequentámos o mesmo liceu e cursámos na mesma Universidade (mas em anos diferentes pois o Prof. Ilídio Moreira era mais velho que eu). Mas nunca nos cruzámos. Vi-o pela primeira vez, ainda ele era jovem, no bar do Instituto Superior de Agronomia (ISA) quando ele terminou o curso.

Voltámos a encontrarmo-nos em 1976 quando eu, recentemente regressado de Moçambique, fui ao ISA para ver se teria alguma chance de encontrar trabalho pois tinha-me afastado completamente do serviço público já em Moçambique. Eu vinha disposto a todos os sacrifícios e a qualquer tipo de trabalho na Universidade pois tinha uma família para sustentar.

Como no ano lectivo anterior tinham entrado poucos alunos para o ISA existia a perspectiva de entrar o dobro dos alunos no ano lectivo que estava para começar. Como tinha feito a minha tese de licenciatura na área da Botânica e trabalhado na mesma área em Moçambique fui convidado para apoiar a disciplina de Botânica Agrícola em que o Prof. Ilídio Moreira era um dos docentes principais. Foi assim que passei a cruzar-me todos os dias com ele e a ser um dos seus assistentes eventuais. A partir desta altura passei quer na docência quer na investigação a ter como orientador inseparável o Prof. Ilídio Moreira.

Participámos juntos em vários projectos de investigação, em inúmeras visitas de campo sempre guiados pelo seu entusiasmo científico. Também sempre me incentivou a melhorar os meus conhecimentos sugerindo-me cursos em que deveria participar. Sempre me estimulou a ir ao estrangeiro aprender a conhecer e a melhorar os meus conhecimentos de fitoecologia, de fitossociologia e de sinfitossociologia.

Em 1980 foi-me proposto pelo Prof. Ilídio Moreira fazer o mestrado ou o doutoramento tendo aceitado este último. Com a sua ajuda foi escolhido o tema “Vegetação da Reserva Natural de Castro Marim – Vila Real de Santo António” mais tarde abreviado para sapais em vez de vegetação tendo sido sempre o seu orientador. Também foi ele que me propôs às provas de doutoramento e que escolheu o júri tendo participado activamente nas provas.

Sob o seu impulso, muito trabalho científico foi realizado no Gabinete de Botânica, mais tarde Departamento de Botânica e Engenharia Biológica e no Centro de Botânica Aplicada à Agricultura da Universidade Técnica de Lisboa (CBAA), não esquecendo que ele foi um dos fundadores da ALFA (Associação Lusitana de Fitossociologia) comigo e outros colegas do Departamento ou que trabalhavam na mesma área científica. Embora de uma área científica diferente ele gostava de participar nos eventos da ALFA que procurava impulsionar normalmente através de boas sugestões. Não se deve esquecer que foi o Prof. Ilídio Moreira que propôs o nome do Prof. Cat. Salvador Rivas-Martínez para doutor “*Honoris causa*” da Universidade Técnica de Lisboa e foi o seu padrinho.

Soube rodear-se de bons colaboradores e boas colaboradoras com o(a)s quais reunia amiudadamente (não só no ISA mas também no IICT) e procurava dinamizá-los no sentido da produção de bons artigos científicos e na melhoria progressiva da sua linha de investigação (Herbologia) dentro do CBAA.

Para mim foi sempre um modelo a seguir não só em relação à docência mas também à investigação. Muito obrigado por tudo o que fez por mim, Prof. Ilídio Moreira.

ILÍDIO MOREIRA REFLEXÕES SOBRE O HOMEM E O PROFESSOR...

Paulo Jorge Fonseca

Maria da Conceição Duarte

Pediram-nos para escrever umas palavras sobre o Professor Ilídio Moreira. Pois bem, ao reflectirmos sobre o assunto, e querendo ser breves, pois demasiadas palavras acabam por obscurecer a mensagem, temos necessariamente que considerar as duas dimensões, a de Homem e a de Professor.

Quanto ao Homem há essencialmente 3 pontos a considerar: em primeiro lugar o Ilídio Moreira era um homem bom, em segundo lugar um homem bom e, finalmente, um homem bom. Durante o tempo em que tivemos o privilégio de interagir com ele, sempre mostrou frontalidade e, ao lidar com o seu semelhante, e frisamos O SEU SEMELHANTE (pois o Ilídio era um desses homens que respeitam as pessoas como tal, e não pelo cargo ou posição que ocupam em sociedade), sempre o vimos a colocar a dimensão humana nas suas reflexões e decisões, tendo a preocupação de nunca prejudicar fosse quem fosse... como dizíamos, um HOMEM BOM.

Quanto ao Professor, que encontrei no ISA nas minhas escapadas frequentes a esta Escola para me encontrar com a minha futura companheira, e cujo perfil conheci melhor durante a preparação da minha dissertação em Biologia na FCUL, e da qual foi o principal orientador, a palavra que emerge na minha memória é descomplicador. O Ilídio, Professor, recebia-me sempre com simpatia no seu gabinete no Instituto Superior de Agronomia e, perante as minhas questões, que diziam frequentemente respeito a dificuldades logísticas para acesso ao campo onde eu estava a fazer a amostragem, ou para obtenção de verbas para análises de laboratório, arranjava sempre uma solução rápida. Por vezes após um telefonema feito ali e na hora. Interiorizava como sua função a facilitação do trabalho dos alunos que de si dependiam, permitindo-nos concentrar a nossa atenção no que era realmente importante para nós, alunos, i.e. a execução dos nossos projectos. Como dizia, um DESCOMPLICADOR.

Quanto ao Professor, como aluna de Agronomia e mais tarde do Mestrado em Protecção Integrada, ambos no ISA, tive o privilégio de ter o Ilídio como docente em várias disciplinas, tendo sido ele a cativar-me, durante as frequentes trocas de impressões sobre temas de trabalho, para o estudo do papel das infestantes na manutenção de populações de nemátodos fitófagos, o que acabou por ser um dos temas abordados na minha tese de mestrado. Tanto durante a minha formação, como mais tarde como professora na Escola Superior Agrária de Santarém, onde colaborei com sua esposa, a Enga. Amélia Frazão, continuei a aprender e fui muito apoiada pelo Ilídio, o Professor, não só no âmbito profissional como na sua vertente humana e pessoal.

Fica pois, aqui, uma palavra nossa de gratidão a ambos.



O Tropicalista



OLHA PRÓ ILÍDIO RECORDAÇÕES

Arcanja Gomes

Os cinco, debruçados sobre o parapeito da varanda de um segundo andar, desfrutavam silenciosamente o espectáculo de cores quentes do pôr-do-sol africano que pairava sobre o cais de Lourenço Marques. Tal silêncio era coisa rara para os cinco. Inesperadamente o Ilídio vira-se para mim e pergunta:

- Então já recebeste a tua nota de matemática? O professor já entregou os pontos?
- Já.

Senti-me entre a espada e a parede pois tinha tido um 6 numa escala de 20. Engoli em seco, mas com uma voz composta continuei:

- Já sim e até estou bastante satisfeita.
- Ainda bem. Quanto tiveste?

A pergunta cilindrou-me, mas recompus-me e...

- Olha, para não me fazeres mais perguntas vou-te mostrar o ponto e acabam-se os inquéritos. Para tua informação tive 16.

Fui buscar o cujo dito ponto e com os dedos tapei o espaço à esquerda do 6 deixando à vista a assinatura da professora. Era uma questão de 'autenticidade'.

- Olha vêes aqui o 6? Estás satisfeito agora?

O Ilídio com um tom de voz que parecia não querer magoar, continuou

- Sim vejo o 6, mas podia ver também o 1?
- Mau, não sabes que entre nós os cinco nunca se duvida?

Com esta 'lógica' saí fingindo sentir-me traída mas ainda o ouvi dizer em tom perdido:

- Mas eu só queria saber...

É preciso que se veja que o panorama académico do grupo não deixava de ter o seu interesse. O Ilídio parecia ter residência permanente no quadro de honra, enquanto os outros mostravam uma versatilidade de conjunto de notas positivas e negativas que automaticamente os eliminava do ilustre quadro de honra. No entanto o Ilídio nunca mencionou nem se gabou das suas notas a nós ou aos nossos pais.

Nessa mesma noite, para o fim do jantar, surge a derradeira pergunta da minha mãe:

- Já lá vai uma semana, de certeza que a tua professora já entregou os pontos de matemática. Que nota tiveste?
- Um 6.
- O quê?
- Foi um azar.
- Chama-lhe azar, eu chamo-lhe preguiça sem fim. Olha pró Ilídio. Ele teve um 17 e de certeza que vai para o quadro de honra outra vez. Olha para o Ilídio, porque não te dedi-

cas ao estudo como ele?... *(em voz de desgosto profundo)* mas tu...tu... nem o 10 consegues. Santo Deus!

Este razoado surgia sempre que houvesse entrega de pontos, o que era uma ocorrência semanal.

Uma das memórias mais vivas desta época da nossa juventude africana foi o dia em que o Ilídio convidou os três para jantar e dormir em casa dos pais.

- Tenho uma surpresa para vocês todos. Tenho a certeza que vão adorar.

Ao jantar, como era habitual, portámo-nos todos que nem meninos de coro. Mas tal comportamento era só para impressionar os meus padrinhos, os pais do Ilídio. A ‘feira’ estava por baixo da mesa. Com ar angélico eu continuava a comer, mas assim que a oportunidade permitisse mandava-lhe um pontapé e entre dentes perguntava-lhe:

- Qual é a surpresa?

E o Ilídio, com um sorriso nos lábios e um olhar a brilhar de contentamento e de malandrice, respondia também em surdina:

- Espera, aprende a esperar.

Eu e o Jorge, alternadamente, continuámos o interrogatório até ao fim do jantar obtendo sempre a mesma resposta. No fim do jantar, já era noite escura, o Ilídio mandou-nos para o jardim, para debaixo da mangueira onde habitualmente jogávamos o paulito. Entretanto desapareceu para reaparecer trazendo uma lata de gasolina cortada a meio cheia de latas vazias de leite condensado.

- Ó pá o que é isso?
- Esta é que é a surpresa. Esperem, arre... que vocês não sabem esperar.

E dos bolsos bojudos começou a tirar pequenos foguetes que tinha comprado, segundo nos dizia, ao indiano da esquina da Rua Carlos da Silva.

- Ê pá a festa vai começar.

Dissemos quase em unísono.

Com precisão de quem sabe o que faz, o Ilídio posicionou umas seis latas no murete que dividia o jardim do quintal. Estavam os outros quatro membros do elenco com os olhos esbugalhados a olhar para o espetáculo quando o Ilídio convida o Jorge e eu a pegar, cada um, em dois ou três foguetes, acendê-los e metê-los rapidamente debaixo das latas. É preciso ver que este convite só se fazia a quem tivesse ‘coragem’ e ‘gabarito’. Eu estava toda empolgada de importância. Foram incendiadas as seis latas que foram projectadas para o ar com a pompa e efeito desejado. De repente, uma voz de miúda, pois o resto tinha uma idade de ‘respeito’, isto é, a Benevides pergunta:

- E onde vão cair as latas?

Em unísono os quatro responderam com o desprezo característico de quem sabe e se encontra no meio de ignorantes.

- Bem, onde devia ser? No chãão ...

Eis senão quando uma lata após outra cai com uma cadência assustadora sobre o telhado de zinco da casa, quebrando a serenidade da noite. Silêncio sepulcral se seguiu.

– E agora? hesitou a Maurícia.

De repente a luz da varanda que dava para o jardim acendeu-se e a figura do meu padrinho, que era um dos adultos que mais compreendia os cinco, surge com ar carrancudo. Nunca tínhamos visto semelhante coisa, o padrinho carrancudo? E depois a sua voz cavernosa que também nos era inédito...

– O que é isto? Que estrondos são estes?

Foi tão difícil mentir a um homem bom, mas conseguimos.

– Estrondos? Que estrondos?

Claro que assim nos denunciámos, mas o padrinho de repente mudou de semblante e ficou, como o conhecíamos, sorridente mas mesmo assim em voz severa nos disse:

– Bem, bem tenham é juízo que é o que vos mais falta.

E foi-se embora.

Para o espanto de todos, o Ilídio pensando em voz audível ordenou:

– Bem, vamos tentar outra vez mas agora vamos colocar as latas restantes noutra posição e tudo vai correr bem.

Assim surgiu a segunda 'dose' de mísseis *home made*, mas um ventinho inesperado e maroto levou as latas mais uma vez para cima do telhado da casa com efeito inevitável.

A cena repetiu-se, a luz da varanda acendeu-se, o meu padrinho hirto na varanda, outra vez carrancudo, olha para baixo para o jardim semi-iluminado (parecia uma cena de filme americano aquando os prisioneiros se evadem da prisão e o guarda olha para a clareira criada pelo holofotes) excepto que desta vez não havia ninguém que se atrevesse a encarar o padrinho. Estávamos todos escondidos num recinto aberto debaixo da casa. Presenciei a cena por uma pequena nesga no tecto do recinto. Eventualmente saímos do esconderijo. Foi das raríssimas vezes que entrámos silenciosamente em casa sem olhar uns para os outros. Dissemos o nosso 'boa noite' aos pais do Ilídio olhando sempre para o chão. Faltava-nos a habitual algazarra e dinamismo. De soslaio olhei para o padrinho e notei ter um ligeiro sorriso nos lábios o que me permitiu dormir melhor. Olhei para o Ilídio e ele tinha o mesmo sorriso... mas por razão diferente... era o '*feeling*' de missão cumprida.

O nosso mundo, o mundo dos cinco, era perfeito, assim pensávamos. Tínhamos as latas e as notas elevadas do Ilídio, o apetite devorador do Jorge (dava gosto vê-lo comer), as tentativas inglórias da Maurícia de melhorar o nosso comportamento, os comentariinhos da mais nova, a irmã do Ilídio, a Benevides, e finalmente as vitórias nos campeonatos de 'passeio' de berlinde do mosquito-trompeteiro-*par-excellence* do grupo, eu, que mais poderíamos querer? Além disso eramos todos especialistas do grande 'desporto' de berlinde e ... abafadores, de diversas cores, *designs* e tamanhos, que comprávamos, permutávamos e 'abatíamos'. Comparávamos as nossas técnicas e vitórias no desporto como poucos outros grupos. Eu só detectava um irritante na vida, era o 'olha pró Ilídio' da minha mãe, de resto era um Shangrila. O mundo era redondo, era perfeito.

A VIVÊNCIA EM MOÇAMBIQUE

Benevides Moreira

O Ilídio nasceu na em Moçambique, na então Lourenço Marques (hoje Maputo), cidade cosmopolita que, para além da população autóctone e dos colonos portugueses, integrava diferentes comunidades de indianos, paquistaneses, chineses, mauricianos, gregos e outras, na maioria ligadas a actividades comerciais, com que nos cruzávamos no dia a dia, o que nos proporcionou o contacto com outros povos e culturas. O convívio diário com os nossos empregados moçambicanos despertou-nos, igualmente, o interesse em conhecer os usos e costumes das suas terras de origem. Recordo as amenas conversas com o Fabião, o Lourenço, que nos desvendavam as crenças e costumes das suas etnias, e a devotada Maria, assídua frequentadora da *Missão Suiça*, que se deliciava a citar e a explicar-nos excertos da Bíblia.

Aí viveu até aos 17 anos, em ambiente pacato, descontraído e simples, interrompido aos 7 anos, por uma estadia de cerca de um ano na Metrópole, como na altura se dizia, por ocasião de “licença graciosa” do pai, funcionário público. Seguiu-se, de regresso a Moçambique, uma estadia de meses em Quelimane, conhecida como terra da boa gente, que lhe permitiu conhecer os extensos palmares da Zambézia e a foz do Rio dos Bons Sinais (Rio Quá-Quá, na língua local), referido nos Lusíadas, pela sua importância para Vasco da Gama, na descoberta da Índia.

Em Lourenço Marques, frequentou o Liceu Salazar, para onde se deslocava de “machibombo” (autocarro), ou a pé, com os colegas mais próximos, ao longo de belas avenidas ornadas de frondosas acácias multicores, sendo o começo das aulas, às 8 horas, por vezes precedido de curtos mas refrescantes banhos matinais, na Praia da Polana. Em casa adoptava-se o lema «deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer».

Nos estudos, recordo a sua capacidade de concentração, que lhe permitia libertar-se mais cedo dos trabalhos de casa escolares, para ir ao clube jogar umas partidas de *ping-pong*, antes do jantar. Saliento, também, a sua apetência para reproduzir as experiências descritas nos manuais de Física e de Ciências Naturais, disciplina em que foi determinante a influência de um professor, médico, que teria contribuído para as suas futuras opções académicas. Recordo, ainda, o seu interesse pela ficção científica, que se manifestava no gosto e entusiasmo com que lia os livros de Júlio Verne.

A par das actividades escolares, geralmente bem sucedidas, praticava, no âmbito do Liceu e do “Clube Desportivo Ferroviário”, alguns desportos e jogos, como a ginástica, a vela, o *basket* e o *voley-ball*, a patinagem, o bilhar, o xadrez, o *ping-pong*. Também nos tempos livres, com os primos e amigos, além de umas idas ao cinema, brincava, colecionava selos, jogava às cartas, às damas, ao loto, à batalha naval, entretendo-se, ainda, com jogos tradicionais, como o berlinde e o paulito, a construir brinquedos com latas de leite condensado, carrinhos de linhas e outros materiais ou a inventar brincadeiras, por vezes inusitadas.

Por natureza introvertido e pouco propenso a grandes paródias, a rotina urbana era quebrada aos fins de semana e nas férias por prolongadas estadias na praia, com a família e amigos, incluindo piquenique no parque das merendas, donde surgiam macacos matreiros a roubar as frutas expostas inadvertidamente, ou por passeios familiares, de comboio ou de carro, nos arredores

da cidade – Machava, Marracuene, Matola, Ressano Garcia, Komatiport, Namaacha, que propiciavam o contacto com os grandes espaços e com alguma flora e fauna africanas, como os jacarés e os hipopótamos do rio Incomati e do rio Limpopo.

Teve ainda a oportunidade de conhecer Joanesburgo e de se deslocar de comboio, com o primo Jorge, até Untali, cidade da ex-Rodésia (actual Zimbabwe), na altura um protectorado do Reino Unido, tendo aproveitado para visitar algumas zonas da Rodésia, mas também da província moçambicana de Manica e Sofala, nomeadamente a Beira, Inhaminga e o Parque Nacional da Gorongosa. Permaneceram em casa de amigos e familiares que lhes proporcionaram uma agradável estadia. Mais tarde, visitou Nampula e a Ilha de Moçambique.

Em 1953 veio frequentar o curso de Agronomia em Lisboa, só voltando a Moçambique cinco anos depois, para realizar o estágio final de curso, na Colónia Agrícola do Limpopo.

Embora tenha vindo trabalhar e residir para a Metrópole, o fascínio e o interesse por Africa perdurou sempre ao longo da sua vida, traduzindo-se no entusiasmo que manifestava nas suas deslocações a Angola, Cabo Verde, Guiné e Moçambique, no âmbito da actividade profissional, parecendo confirmar a crença de que Africa tem feitiço.

ILÍDIO MOREIRA, UM AMIGO APAIXONADO POR ÁFRICA

Carlos Cabral

A vida de cada um de nós é feita de encontros e desencontros com os outros. E só assim faz sentido. Um dos encontros mais felizes que tive foi com o Ilídio Moreira. Conhecemo-nos desde que entrei no Instituto Superior de Agronomia e ele ainda foi meu professor. Estivemos juntos num Conselho Directivo. Mas foi só a partir das nossas experiência africanas, em conjunto, que conheci bem e passei a admirar o Ilídio.

Estivemos juntos na Guiné-Bissau, em Angola e principalmente em Cabo Verde. Neste país conjuntamente com o Manuel Correia preparámos e coordenámos os dois primeiros cursos de Bacharelato dados pelo Instituto Superior de Agronomia em África.

Tive então oportunidade de viajar com o Ilídio diversas vezes, para reuniões de coordenação e leccionação de aulas.

O Ilídio era um companheiro de viagem admirável. Com o seu feitio sempre calmo e discreto, ia sempre ensinando algo sobre as suas paixões: a colheita e fotografia de plantas e a organização de futuras publicações. E eu, sempre atento, a tentar entrar no mundo dele, obviamente diferente das minhas áreas de estudo e dos meus interesses profissionais.

O seu entusiasmo era tanto que uma vez quase perdemos o avião para Lisboa. O Ilídio fotografava o colhia amostras nas salinas Pedra Lume. Eu, do outro lado, chamava dizia que íamos perder o avião, mas quando finalmente chegou ao pé de mim, explicou-me a importância da colheita daquelas plantas que resistiam a graus de salinidade muito elevados e eram extremamente interessantes.

Outros, neste livro, falarão do Ilídio como professor, investigador, dirigente dos Órgãos de Gestão do Instituto Superior de Agronomia.

Para mim gosto de recordar a sua paixão por África, a paixão pelas plantas africanas e aquela que sublinho ser, no meu entendimento, a maior qualidade do Ilídio. A bondade. O Ilídio era um Homem Bom. De uma bondade que é difícil encontrar. Basta ter estado com ele nas entrevistas aos jovens africanos, candidatos ao curso de Cabo Verde para recordar o seu humanismo, a bondade com que conseguia transformar qualquer entrevista em descoberta de qualidades, para eles poderem entrar no curso que estávamos a preparar. Essa bondade levou-o a trabalhar intensamente na correcção das teses dos alunos do mestrado de Angola, conseguindo transformar primeiras versões, de difícil entendimento, em trabalhos apresentáveis e que obtiveram êxito.

Uma das suas preocupações fundamentais era a edição de livros, conhecimento, bases científicas para a agricultura africana. Ele acreditava plenamente, que era pela educação e pelo conhecimento que se poderia avançar na transformação daqueles países. Essa era a grande paixão da sua vida, pela qual sempre trabalhou e sempre deu o seu melhor até ao dia em que nos deixou.

Ter tido a oportunidade de conviver, acompanhar e conversar com o Ilídio nas belas noites africanas foi um privilégio que marcou indelevelmente uma parte da minha vida.

A amizade não se agradece mas agradeço sem dúvida a sorte deste meu encontro.

Não podia terminar sem referir o Centro de Estudos Tropicais para o Desenvolvimento (Centrop) e o papel do Ilídio na sua formação e no seu acompanhamento.

Foi Presidente da Assembleia-geral e foi dinamizador da sua actividade. Os cursos de Cabo Verde e Angola teriam tido muito mais dificuldade em se realizar sem a sua presença, o seu querer, o seu saber e sem dúvida o seu entusiasmo.

Editar mais obras científicas sobre a realidade africana é continuar um dos seus desejos mais queridos. Assim sejamos capazes de contribuir para o realizar, mostrando que merecemos a sua amizade.

SINGELA HOMENAGEM AO PROFESSOR ILÍDIO MOREIRA

João Ferreira da Costa Neto

Instituto Nacional do Café de Angola

Decorria o ano de 1991 quando, numa visita realizada pelo Professor Ilídio Moreira à Província do Huambo, o conheci, na Chianga. O nosso primeiro encontro decorreu num ambiente fraterno, embora se tratasse do contacto entre o experiente e reconhecido Professor Catedrático do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa e Director do Centro de Botânica do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT), com um Assistente da disciplina de Botânica da Faculdade de Ciências Agrárias da Universidade Agostinho Neto, recém-licenciado e que sem orientação de mais alguém leccionava aquela disciplina. Já lá vão mais de 20 anos mas, recordo-me do olhar preocupado do Professor Ilídio ao constatar que aquele jovem e inexperiente Assistente era o regente da disciplina, numa Faculdade onde existia uma gravíssima falta de docentes.

Da sua constatação surgiu, após menos de meia hora de conversa o convite para que frequentássemos um estágio no Centro de Botânica do IICT e prontificou-se em garantir uma bolsa de estudos do Instituto Nacional de Investigação Agrária (INIA). Três meses depois estava em Portugal, no Centro de Botânica, a aprender, de facto, Botânica. Do encontro do Huambo seguiram-se outros durante a minha formação no Instituto Superior de Agronomia (Mestrado e Doutoramento) em que o Professor Ilídio sempre, com afecto e amizade, demonstrou a sua disponibilidade em ajudar.

Num âmbito mais vasto e recente, não me atrevo a fazer uma descrição do trabalho científico desenvolvido pelo Professor no quadro da investigação e do ensino da agronomia de Angola, por se tratar de uma vasta obra quer ao nível de orientação de teses, quer na correcção dos trabalhos de mestrados e doutorandos, quer ainda nas inúmeras visitas de trabalho ao país (algumas já com débil condição de saúde). Pretendo, nesta singela homenagem, referir alguns factos relativos à sábia orientação, contribuição e dedicação às inúmeras dissertações (mestrado e doutoramento) de muitos angolanos nos quais, com invulgar e inigualável paciência, o Professor Ilídio prestou todo o seu contributo e saber. É de sublinhar que, nos últimos anos, os quadros angolanos em formação no Instituto Superior de Agronomia tiveram o privilégio de absorver os ensinamentos do Professor Ilídio Moreira e de beneficiar da sua capacidade científica e metodológica de transmissão de conhecimentos.

Uma das grandes contribuições do Professor na formação de quadros séniores de Angola consubstanciou-se na Coordenação do 1.º Curso de Mestrado em Agronomia e Recursos Naturais, realizado em parceria com a Universidade Agostinho Neto. Para os estudantes angolanos do Instituto Superior de Agronomia, o Professor Ilídio sempre foi visto como o Orientador de todos, o amigo e conselheiro e, principalmente, como aquele que melhor compreendia os nossos anseios e sobretudo as nossas debilidades. Aliás, a este respeito, expressei mais um episódio. Um belo dia, encontro o Professor Ilídio, no seu Gabinete, a corrigir as dissertações de Mestrado de um grupo de estudantes angolanos. O Professor convida-me a entrar e mostra-me as dissertações que ainda tinha sobre a sua secretária para a devida revisão e exclama: Oh! João Neto, vocês escrevem muito mal; e eu, meio sorridente retorqui: Professor, os portugueses

também escrevem muito mal. O Professor expressou um sorriso e disse: mas nunca vi coisa igual; vocês escrevem muito, sem dizer absolutamente nada. Este pequeno episódio espelha a paciência e o amor que o Professor Ilídio Moreira tinha para com todos os estudantes africanos do Instituto Superior de Agronomia.

E afinal o porquê da minha visita ao Gabinete do Professor Ilídio naquele dia? Ia entregar o meu artigo, para a devida correção do Professor, antes da sua publicação no livro *Angola: Agricultura e Recursos Naturais*, publicação por ele coordenada.

ILÍDIO MOREIRA: UM PERCURSO EM PROL DO DESENVOLVIMENTO DA BOTÂNICA TROPICAL

Maria C. Duarte, M.M. Romeiras, Luis Catarino

Jardim Botânico Tropical, Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT), Trav. Conde da Ribeira 9, 1300-142 Lisboa

Este texto é um breve testemunho da passagem do Prof. Ilídio Moreira pelo IICT e do que foi a sua obra mas é também, e especialmente, uma sentida homenagem ao “chefe”, ao mestre e ao amigo.

O Prof. Ilídio Moreira foi Diretor do Centro de Botânica (atualmente integrado no Jardim Botânico Tropical) do IICT, entre maio de 1986 e maio de 1998. Durante o período em que o dirigiu procurou consolidar as atividades até então prosseguidas, ligadas sobretudo à taxonomia da flora africana, mas empenhou-se, sobretudo, em alargar os horizontes científicos, através do desenvolvimento de novas linhas de investigação, nomeadamente nas áreas da fitoecologia, da etnobotânica e da herbologia.

Embaixador de ideias, criava nas suas missões ao estrangeiro e, especialmente das realizadas a países africanos lusófonos, laços científicos que quantas vezes se concretizaram em projetos de cooperação.

Das inúmeras áreas científicas que dominava e articulava com mestria salienta-se a sua predileção pela herbologia, que desenvolveu na Guiné-Bissau, em Cabo Verde e, mais recentemente, em Angola, considerando que o contributo que esta ciência poderia dar no aumento da produtividade das culturas seria uma forma importante de melhorar a qualidade de vida das populações locais.

Reconhecendo a importância do conhecimento da biodiversidade, continuou a desenvolver os estudos sobre a flora tropical africana em que o ex-Centro de Botânica se centrava, assumindo projetos como a Flora Zambesiaca e a Flora de Cabo Verde, pertencendo, inclusivamente, à sua Comissão Editorial. No entanto, era preciso responder a novos desafios e desenvolver áreas de investigação relevantes para a gestão e conservação da biodiversidade e dos ecossistemas. Foram disso exemplo os estudos de vegetação, primeiro em Cabo Verde, depois na Guiné-Bissau e, mais recentemente, em Angola. Este era aliás um dos sonhos da sua carreira, que se concretizou, assim que a paz o permitiu, ao percorrer trilhos como os do deserto do Namibe à Serra da Chela, dedicando os últimos tempos de vida a uma das mais fascinantes áreas deste vasto território.

Pelas suas mãos passaram inúmeros mestrandos e doutorandos, nomeadamente alunos e investigadores oriundos dos PALOP que encontravam no IICT uma instituição onde lidavam, de forma bastante direta, com temáticas científicas que lhes poderiam ser úteis e vir a contribuir para o desenvolvimento dos seus países de origem.

Autor ou coautor de numerosos trabalhos versando áreas diversas da botânica e da ecologia tropicais africanas, em particular dos países lusófonos, e editor de livros e revistas periódicas como *Garcia de Orta – Série de Botânica*, o Prof. Ilídio Moreira primava pelo rigor científico, prestigiando os trabalhos que assinava.

Um dos traços marcantes da sua liderança à frente do ex-Centro de Botânica do IICT foi o incentivo à colaboração e à realização de parcerias com outras instituições quer nacionais (e.g. ISA,

ICNB, IHERA, INAG, etc.) quer estrangeiras, sobretudo dos países africanos de língua oficial portuguesa, como o Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário, em Cabo Verde, o Centro de Botânica da Universidade Agostinho Neto, em Angola, ou o Instituto Nacional de Pesquisa Agrícola, na Guiné-Bissau.

Um constante germinar de novas ideias, concretizadas em projetos, marcou o seu percurso científico, destacando-o pelo cunho multifacetado e pluridisciplinar.

Aquando da sua saída da direção do ex-Centro de Botânica, em 1998, a sua colaboração foi objeto merecido de louvor do então Presidente do IICT, Prof. Cruz e Silva "... pela competência científica, zelo e dedicação com que desempenhou as suas funções ...".

Após ter deixado de exercer funções diretivas no IICT, o Prof. Ilídio Moreira continuou ligado ao trabalho desenvolvido no Jardim Botânico Tropical, mantendo uma estreita colaboração com vários investigadores e sendo visita frequente da biblioteca e do herbário (as "plantas empalhadas" como, em ar divertido, tantas vezes lhes chamava) onde ganhou o gosto pela taxonomia,

Da sua passagem pelo IICT ficou a marca de um verdadeiro líder: o genuíno interesse pela Ciência Tropical, o incentivo, apoio e reconhecimento do trabalho dos seus colaboradores, a permanente passagem de testemunho aos mais novos e, especialmente, o olhar para o futuro com que sempre construía o presente.

Com o seu dinamismo e entusiasmo contagiantes, juntou à sua volta discípulos e, especialmente, amigos que ainda hoje desenvolvem os percursos que projetou fazendo disso a sua homenagem ao Mestre.





ILÍDIO: O MESTRE, COLEGA, COMPANHEIRO E AMIGO

Pedro Leão de Sousa

É com um sentimento difuso que inicio a escrita destas breves palavras dirigidas à figura destacada do Ilídio Moreira, transversal em múltiplos aspectos ao universo de todos aqueles que tiveram o privilégio de o conhecer e de lidar com ele. Se por um lado sinto um grande pesar pela partida deste grande amigo, por outro lado faço o balanço sobre tudo aquilo que nos deixou, concluindo que esse legado é de tal forma importante e vivo que nos transmite a impressão de ele continuar entre nós. E é dentro desta perspectiva que deve ser apreciada a vivência que nos foi propiciada pelo Ilídio, valorizando os bons momentos que tivemos a oportunidade de desfrutar com ele em vida.

Numa breve retrospectiva, recuo à segunda metade da década de sessenta do século passado, altura em que conheci o Ilídio, então como assistente na área da Botânica/Desenho Organográfico. Numa época em que entre um aluno e o professor existia um fosso quase que intransponível, foi com agrado que estabeleci os primeiros diálogos com um professor. Retive assim uma boa imagem desse jovem assistente que conosco convivia, mas pouco mais, pois perdi o contacto com ele até ingressar como docente no ISA, em 1978.

E, a partir dessa altura, passámos a encontrar-nos com alguma regularidade, para conversar sobre aspectos ligados à instituição, mas também abordando temas mais vastos e variados, como sempre acontecia com uma pessoa tão rica de conhecimentos como era o Ilídio. Nessa sequência fui convidado para integrar a equipa do Conselho Directivo do ISA, liderada por ele e que cumpriu o mandato de 1981-1982. Foi pois com o Ilídio que dei os primeiros passos na gestão do ISA, com quem muito aprendi, particularmente com a sua capacidade para ler integradamente as diferentes vertentes de cada problema, do seu bom-senso, da sua elevada sensibilidade para os problemas humanos e da grande abertura para escutar as diferentes opiniões.

Seguiram-se vários anos em que estive envolvido na gestão da Escola, com os presidentes Edgar da Conceição e Sousa, Joaquim Pedro Pereira Amaro e Pedro Augusto Lynce de Faria, mas mantendo sempre um relacionamento próximo do Ilídio, que também não se distanciou dos Órgãos de Gestão, assumindo a presidência da Assembleia de Representantes (1982-83 e 2001-02) e do Conselho Científico (1993-1995).

Já a partir da segunda metade da década de noventa, com ambos afastados das questões administrativas, desenvolvemos em conjunto três projectos de investigação, o primeiro estudando as técnicas de controlo e ecologia das infestantes em canais revestidos no Vale do Sorraia (1997/2000) e os dois outros na Lezíria Grande de Vila-Franca de Xira abordando a problemática da gestão integrada do solo e da água (2001-2004) e na divulgação e apoio à implementação de boas práticas de rega, fertilização e protecção das culturas (2004-2007). As frequentes deslocações ao Vale do Sorraia e à Lezíria de Vila Franca, que nos davam a oportunidade de falar e reflectir pausadamente, não só das questões científicas que aí nos conduziam, mas igualmente sobre os mais variados temas, constituiu um período importante da nossa convivência.

Durante esses anos tivemos a ocasião de desenvolver algumas outras actividades, de entre as quais se destaca a participação de ambos na *Comissão de especialistas de acompanhamento à elaboração*

do *Plano Nacional da Água*, de 1997 a 1999. Éramos aí apenas dois elementos do ISA, de entre uma vasta equipa de especialistas, cuja difícil missão de defender a utilização da água em agricultura e nas zonas rurais, mais uma vez pôs à prova o bom entendimento entre nós, com longas sessões de trabalho de preparação para as sucessivas e frequentes reuniões dessa comissão.

Mas, perpassando todas estas actividades foi surgindo um fio condutor, que ganhou dominância ao longo das duas últimas décadas, com raízes na vivência durante a nossa juventude por terras africanas. Foi assim que o interesse e as preocupações sobre tudo o que se relacionava com a envolvente tropical me proporcionou um enriquecedor e longo trabalho com o Ilídio.

Desde o primeiro curso de bacharelato em Cabo Verde (1993-1996) até um passado recente em que trabalhámos com uma excelente sintonia no que respeita às questões tropicais e do desenvolvimento, tendo o Ilídio as funções destacadas de Presidente da Assembleia Geral do CENTROP, foi-me dado o privilégio de o acompanhar em múltiplas viagens a África.

Nessas deslocações podíamos sempre contar com um Ilídio entusiasta, dinâmico, profundamente conhecedor das distintas realidades visitadas, não só em termos científicos e técnicos, mas também nos aspectos sociais e culturais, com quem muito aprendíamos. Eram obrigatoriamente três os “equipamentos” que nunca dispensava nessas visitas: uma *máquina fotográfica*, que disparava sistematicamente sobre todas as espécies vegetais endógenas, em cada paragem, alturas em que o Ilídio desaparecia por algum tempo na mata, na savana ou no deserto (recordo-me que uma das vezes, com preocupação, o perdemos de vista durante longos minutos nas dunas do deserto do Namibe...); uma *mochila*, onde transportava tudo o que era essencial para uma curta sobrevivência em terras com escassez e irregularidade de disponibilidade de bens, sendo que nunca faltava o pacote de bolachas, que ingeria com pontualidade todas as duas horas, mas sobretudo para precaver os inevitáveis atrasos na hora das refeições; e, por último, o seu *chapéu de pano branco*, para prevenir os efeitos nefastos de radiações solares mais agressivas.

No decorrer dos dois bacharelatos (1993-1996 e 1998-2001) e da licenciatura de Engenharia Rural e de Ambiente (2004-2008), realizados em Cabo Verde, o Ilídio manteve sempre um papel activo, em particular na coordenação e organização dos cursos, mas sobretudo no apoio aos alunos, cujo reconhecimento foi patenteado em sucessivas situações.

Contudo, foi no Mestrado em Agronomia e Recursos Naturais, realizado em Angola (o primeiro a ser ministrado neste País!) entre 2004 e 2006, que o Ilídio, enquanto coordenador pela parte portuguesa, mais se empenhou numa formação no exterior, de tal forma que o mesmo constituiu um sucesso amplamente louvado pelas entidades angolanas e portuguesas. Dos 26 alunos que terminaram a parte escolar, 19 defenderam as suas dissertações logo no segundo ano, em provas realizadas nas instalações da Faculdade de Ciências Agrárias do Huambo. Este indiscutível êxito só foi conseguido em resultado do envolvimento e total disponibilidade do Ilídio na coordenação e no apoio directo aos estudantes. Estes referem-se à sua figura com uma particular estima e respeito pela sua estatura científica e humana.

Tirando partido deste largo espectro de trabalhos e agregando um conjunto de outros autores com profundo conhecimento de Angola, o Ilídio “arregaçou mais uma vez as mangas” e coordenou a edição, através da ISAPress, do livro em 2 volumes “Angola. Agricultura, Recursos Naturais e Desenvolvimento Rural”. Trata-se de uma obra, publicada em 2006, com particular interesse para o desenvolvimento científico e técnico de Angola nestas áreas, que foi na altura objecto de

um lançamento público na Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (uma das entidades financiadoras do Mestrado), em Lisboa e posteriormente de um segundo lançamento em Luanda.

A partir desta altura o Ilídio, por razões de saúde, limitou muito as suas deslocações a África, que eu me recorde só por mais uma vez visitou Angola, embora as solicitações fossem muitas e frequentes. Contudo, continuou a acompanhar as actividades em curso, orientando doutorandos, cujos trabalhos experimentais decorriam em África, sempre com o mesmo entusiasmo e envolvimento.

E nesta última fase empenhou-se particularmente na produção escrita, havendo a destacar, para além de um número apreciável de artigos científicos, a edição ou participação na edição de alguns livros, de entre os quais se destacam: "Gestão Ambiental de Sistemas Fluviais – Aplicação à Bacia Hidrográfica do Rio Sado" (2004), "O Instituto Superior de Agronomia na segunda metade do Século XX" (2007); re-edição actualizada da "Carta Fitogeográfica de Angola", de Grandvaux Barbosa (2009). Por várias vezes me manifestou esta sua vontade da produção escrita, certamente consciente desse seu potencial, baseado num profundo conhecimento científico em múltiplas áreas, onde sempre, com competência e brilhantismo, ensinou, orientou, coordenou e escreveu.

A comunidade científica, todos aqueles que tiveram o privilégio de ter sido seus alunos, seus orientandos, seus colegas e seus amigos sentem profundamente esta insubstituível perda, embora cientes do seu elevado legado.

Muito obrigado, Ilídio, pela tua amizade, pelo teu companheirismo, pelo teu saber e agora, mais do que nunca, por tudo aquilo que nos deixáste e que nos permite ter-te sempre presente!

Bem hajas, Ilídio, aí onde estiveres.

Lisboa, Abril de 2012



De visita à Missão Católica da Huila, Angola, 2004.



Recolha de imagens de plantas endémicas, próximo do Mazozo, Província do Bengo, Angola, 2004



Registo de paisagem espectacular (lunar), a caminho da Barra do Kuanza, Angola, 2004.



Na companhia de um camponês e de dois jovens, próximo do Mazozo, Bengo, Angola, 2004.



Com estudantes e docentes do Mestrado em Agronomia e Recursos Naturais, na Huila, 2004.



Em sessão com os estudantes no início do curso de Mestrado, na Huila, em Outubro de 2004 (Ilídio Moreira, coordenador do curso, pela parte portuguesa, Armando Valente, Director da Faculdade de Ciências Agrárias do Huambo e Esperança Costa, coordenadora do curso pela parte angolana).

UM CAPITÃO PACIFISTA

Raul Miguel de Castro

Falar do Eng. Ilídio Rosário dos Santos Moreira é abrir folhas do livro da minha vida, com nostalgia e saudades de um Homem Bom, que um dia se cruzou no meu caminho.

Aquela fase em que jovens imberbes eram obrigados a prestar serviço militar para defesa da Pátria, levou-me a conhecê-lo, talvez em Abril de 1970, no Regimento de Penafiel, para formarmos outros militares, que posteriormente nos iriam acompanhar até às terras da Guiné.

De fácil trato, o então capitão miliciano Ilídio Moreira, também ele obrigado ao cumprimento do dever, interrompendo uma promissora carreira académica, desde logo soube granjear a simpatia de todos os que compunham as suas tropas.

Tive por diversas vezes, a oportunidade de conversar com ele sobre as agruras da vida, especialmente da busca das razões que justificariam a nossa postura “em defesa da Pátria”.

Sendo o capitão Ilídio Moreira um pacifista por natureza, sentíamos que efetuava um enorme esforço para cumprir a obrigação que tinha assumido. Por algumas vezes, constatámos a forma como tentava que todos pudéssemos voltar a Portugal com vida, dando instruções claras para que fossem tomadas determinadas decisões, se tal fosse necessário, como forma de evitar que o destino fatal atingisse as suas tropas. Infelizmente, em momento em que alguns não assumiram essas instruções, o resultado foi doloroso, com a perda de algumas vidas.

Não posso esquecer também a sua tentativa, quando um dia mandou preparar uma grade, puxada por “unimog”, lavrando terrenos junto da aldeia, o que permitiu uma colheita que causou enorme admiração por parte da população, fazendo jus à excelência de agrónomo bem credenciado.

Posteriormente ao nosso regresso das terras africanas, era figura presente sempre que possível, nos encontros de todos aqueles que para a História constituíram a Companhia de Artilharia 2743, do Batalhão 2920, superiormente comandada pelo Professor Catedrático Ilídio Moreira, que anualmente se têm realizado em várias zonas do nosso País.

O seu desaparecimento constituiu uma perda para todos os que enfrentaram sob o seu comando, uma “guerra” que causou enorme dor, mas também fortaleceu a sua AMIZADE com todos nós.

Meu caro “Capitão” esteja onde estiver, recordá-lo é VIVER!

Raul Miguel de Castro
Presidente da Câmara Municipal de Leiria





O Cristão



PROFESSOR ILÍDIO MOREIRA

† JOSÉ, Cardeal-Patriarca

Pedem-me para dar um testemunho pessoal sobre o Professor Ilídio Moreira, como cristão, o que faço com gosto, última expressão da amizade que nos uniu.

Conheci o Professor Ilídio no âmbito de uma Equipa de Casais de Nossa Senhora, que comecei a acompanhar como "conselheiro espiritual" no início dos anos 70. Nessa altura o Ilídio estava na Guiné, mobilizado para o exército. Quando o conheci, numa das suas vindas, ressaltou uma característica que nunca esqueci: a lucidez serena com que analisava a situação, mesmo com um certo espírito de humor.

Que memória me deixou como cristão? Antes de mais a profunda e serena inserção eclesial, através do Movimento e na Paróquia de Carcavelos, numa sintonia colaborante com o Pároco de então, o p. Aleixo Cordeiro. Mas prevalecia nele o espírito apostólico da Acção Católica, na JUC, que o fazia transpor para o seio da sua realidade a ousadia do testemunho cristão.

Era um homem sereno e profundo que ele exprimia tanto no silêncio como no discurso. Quando falava, via-se que havia uma interioridade cultivada no silêncio. Quando o ouvíamos, ficávamos nós calados. Esta serenidade manteve-se mesmo em momentos difíceis como foram o grave desastre do seu filho e a sua própria doença que acabaria por se transformar em bilhete para a eternidade.

Nele a fé cristã repassava toda a existência. Nunca senti nele sinais de conflito entre a actividade científica e a sabedoria cristã.

A sua afabilidade na maneira de ser ajuda-nos a mantermo-nos em comunhão com ele, na saudade humana e na comunhão dos Santos.

O ILÍDIO, A SUA SENSIBILIDADE SOCIAL E O SENTIDO DA SUA VIDA

António Ennes da Lage Raposo

Com 17 anos, meros 7 anos após o fim da segunda grande guerra, entrámos no Instituto Superior de Agronomia, ISA, em Outubro de 1953 subindo a Rampa da Asneira com alguma ansiedade sobre o que nos esperaria, olhando uns para os outros ávidos de captar não sabíamos o quê. Vínhamos de um mundo bastante arrumado e trazíamos fortes aspirações.

A nossa meninice passou-se durante a guerra, tempo de grandes dificuldades, mas em que o mundo estava, na nossa cabeça, dividido em bons e maus sendo uns e outros bem identificados. Saídos da guerra, o objectivo dado aos filhos da pequena e média burguesia era alcançar pelo estudo e pelo trabalho, num mundo em mudança acelerada e positiva, um lugar ao sol. Educados para os valores do cumprimento das regras, o esforço pessoal na construção de um mundo num novo patamar com desigualdades menos pronunciadas, em oposição à sociedade muito estratificada da época anterior, para mais bem estar, superando as austeridades dos tempos de conflito mundial, em suma, empenhados numa construção simultaneamente de vontade, ideais e esperança como protagonistas de um mundo melhor.

O ISA reflectia a realidade da época com muitos professores provenientes da estrutura anterior à guerra e outra camada com objectivos mais profissionais e melhor preparação científica e técnica. De toda a forma, no fundo, havia mais a introdução numa classe profissional ligada ao Estado do que um espírito de exigência para uma realidade verdadeiramente rigorosa e competitiva na sociedade civil. O ISA tinha ainda, para o bem e para o mal, as consequências do seu afastamento do resto da Universidade e a sua ligação ao mundo rural.

A Igreja, pela Juventude Universitária Católica, JUC, deu resposta a muitos dos anseios e aspirações que trazíamos: reflexão sobre a nova sociedade, abertura a realidades mais vastas do ponto de vista intelectual, abarcar os problemas da desigualdade social no mundo e na sociedade, o antinomismo entre a sociedade ocidental e a realidade do bloco comunista e os seus seguidores nas sociedades ocidentais pelos respectivos partidos comunistas, com uma situação política interna com muita ambiguidade entre a muito entranhada ligação à realidade ultramarina e o desejo da evolução para um modelo mais tido como europeu de uma transição para uma democracia mas sempre receando uma situação revolucionária. Sem a JUC muitos destes problemas nos poderiam ter passado ao largo sem qualquer reflexão. A JUC levou à sua abordagem adentro de um corpo de doutrina integrador e, para a época, bastante aberto. Permitiu a um número apreciável sair do meio restrito da Tapada da Ajuda e do Bairro (do Calvário ao Alto de Santo Amaro). A JUC foi efectivamente um espaço de liberdade, reflexão e promoção de pensamento, até porque, o Seminário dos Olivais, alfobre e divulgador do pensamento católico, era na altura mais competente que a média da universidade e de grande liberdade de pensamento como se veio a provar com as dificuldades desencadeadas no seio dessa mesma liberdade.

O materialismo dialéctico, concretizado no “socialismo real” com a sua estratégia expansionista entrou no pós guerra com o prestígio de ter estado contra a tragédia nazi, anunciava o fim da injustiça social, defendia as independências, parecia ganhar terreno em relação ao mundo ocidental e, a falta de informação na época, não tornava tão claro o que eram as realidades monstruosas nos países que colonizavam e a incompatibilidade filosófica radical com o cristianismo.

Este foi um factor importante de, ao fazer opções, estas se tornassem mais claras, esclarecidas e portanto mais conscientes e determinadas.

O Ilídio e eu fomos particularmente tocados pela situação da fome do nordeste brasileiro, e outras partes do mundo, por livros de D. Helder Câmara, Josué de Castro, René Dumont, Franz Fanon, Schweizer, Dominique, etc. e situações sociais difíceis em Portugal, na transição de uma sociedade rural para urbana com realidades gravosas em todo o país e mais visíveis no Alentejo. Não esqueço a frase do Prof. Castro Caldas a dizer "há um milhão de pessoas a mais na agricultura". Esse milhão foi parar aos bairros de barracas suburbanos e à emigração.

Não estava no entanto na nossa reflexão de preocupar, ou até de denunciar prescindir de contribuir e participar. O social de café não era suficiente e seria mesmo frustrante. Em Portugal, uma situação que nos empenhou no mais imediato foi a situação desastrada das raparigas que eram apanhadas pelas redes de prostituição.

A ocasião deu-se por três motivos conjugados: a) a medicina veio tirar o álibi sanitário às regras de polícia para o controlo da prostituição que levava a uma verdadeira escravidão das raparigas: os interesses dos proprietários dos bordéis e os da polícia conjugavam-se, quando não mesmo se integravam. b) este assunto foi objecto de acção de vários grupos na Europa e por cá na JUC em particular. c) um padre com especial preparação e sentido social, o p. Abel Varzim, foi colocado como pároco na Paróquia de Nossa Senhora da Encarnação (Bairro Alto) e compreendeu que o seu principal problema social, a exploração das raparigas na prostituição, era também o seu principal desafio como homem, como cristão e como pároco.

A Acção Católica exerceu pressão social e acabou por conseguir que as raparigas deixassem de ser juridicamente perseguidas mas sim os seus exploradores. O Ilídio e eu fomos dar uma ajuda ao p. Abel Varzim na sua "Casa de Trabalho" onde foi montada o que pode ser chamada uma "Porta da Esperança". As raparigas eram ali acolhidas em regime livre, tinham alguma defesa, tinham um trabalho remunerado, ainda que muito modesto, aprendiam trabalhos ditos à época como femininos e foi promovida a escolarização por voluntárias universitárias até se reequilibrarem e adquirirem rumo de vida.

O Ilídio aderiu ao catolicismo formal num percurso de entrosamento na JUC. A adesão à estratégia do primado do amor deixada por Jesus Cristo não é coisa que se faça de uma vez, por muito que haja momentos decisivos como terá sido aquele do Ilídio. Nem é abarcável de um salto nem tem os mesmos contornos, nem mesmo os seus conteúdos são permanentes, nem a nossa abertura e a nossa circunstância é um mar sem ondas. Mas é verdade que são saltos catárticos de decisão, vontade que nos determinam com um clic. Digamos que há três grandes obstáculos nesta continuidade. A primeira é a dificuldade de implementação confrontada com os nossos impulsos, provenientes de resíduos de estratégias de sobrevivência da espécie e de evolução da humanidade, a que renunciamos mas que permanecem em nós e que fatalmente nem sempre vencemos. A segunda é a tentação da desesperança perante os horrores e maldade do mundo. A terceira é a própria Igreja institucional, base de suporte e transportadora desta proposta, que impressiona de tão humana e tão transcendente, tão frágil e tão resistente. A verdade é que a grandeza da proposta se sobrepõe à debilidade dos agentes. Assim também ressaltam as excepções heróicas que demonstram e inspiram.

Dizia o p. Honorato Rosa que nós não aprendemos nada que não saibamos já. Com aquele clic na vida do Ilídio, a arquitectura de valores e aspirações que o Ilídio trazia consigo estruturou-se

e ampliou-se em qualidade e extensão para desabrochar naquilo que ele foi. O Ilídio viveu naturalmente todas estas circunstâncias e ocasiões e as ultrapassou sem o que não teria atingido o grau de serenidade consigo mesmo e com os outros que sempre demonstrou. Ele atingiu a sua paz interior. Ele foi uma inspiração de paz para os outros. O que mais marca a sua vida é o respeito pelos outros e aquele visível acréscimo de disponibilidade e entrega com que marcou os outros. Com isso o mundo ficou e ficará sucessivamente um pouco melhor para sempre.

Possivelmente o que mais marcava as pessoas com quem lidou era a sua solidez interna proveniente, na minha leitura, antes de mais de uma mãe com grande força de fé e um pai como homem determinado e de princípios aplicados. Na sua construção pessoal o Ilídio encontrou a síntese destas origens de valores com a sua própria leitura do mundo e finalmente o encontro do seu papel no mundo que determinaram a personalidade de que os seus amigos e muitos outros usufruíram. A vida do Ilídio leva-nos a reflectir sobre se as guerras da vida são ganhas pelos generais ou pelos santos.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CATÓLICO ILÍDIO R. S. MOREIRA – DESDE O CONTEXTO DA SUA VIDA ESTUDANTIL E CATÓLICA (1953/2011)

Carlos A. M. Portas

O CRISTÃO ILÍDIO

Introdução

1 – Início com uma singela nota prévia para melhor se compreender o que pretendem estas também singelas páginas.

No essencial relatam-se factos de conhecimento pessoal ou indirecto que se incluem no notável percurso do grande amigo Ilídio do Rosário Santos Moreira e que obviamente estão incluído no seu "curriculum vitae". Os que se relacionam com o lado da vida cristã (acrescentaria católica, aqueles em que segue Jesus Cristo e a sua Igreja).

Na realidade houve muitos encontros. Mas quanto à importância e papel relevante na sua integração na Igreja Católica, longe de mim pensar que foi significativo o meu contributo.

De facto o que importou foram a sua liberdade interior e a graça de Deus com que o Ilídio entrou na prática religiosa, tornando-se um membro activo da comunidade católica portuguesa (universal). E disso deu testemunho, quanto a mim exemplar, não esquecendo os Outros (Deus é Caridade).

Como as regras deste simples testemunho não permitem mais "entretanto", vamos pois aos "finalmente".

2 – O nosso conhecimento mútuo inicia-se logo após o Verão de 1953, quando chegámos ao Instituto Superior de Agronomia (ISA) e subimos pela primeira vez a "rampa da asneira" (a pé pois só um muito pequeno número de estudantes tinha automóvel ou motociclo), a fim de realizar o exame de admissão escrito, já sentados em cadeiras escolares.

Aquela alameda asfaltada e declivosa que partia da porta de baixo da Calçada da Tapada (SE da Tapada da Ajuda), ornamentada como hoje por castanheiros da Índia e ciprestes, era então quase a única via de acesso ao edifício principal. Aqui se deram os primeiros apertos de mão, acompanhados de identificação mútua, que depois continuaria à saída das provas e nos dias seguintes. E pouco a pouco começamos a saber da vida uns dos outros.

Tomou assim forma o curso 1953/1958 do ISA de que o Ilídio fez parte, tal como eu e mais 43 colegas.

O Ilídio, que logo desde o início se tornou conhecido, não era reservado mas sim de léxico curto, respondendo e dizendo o essencial, e nada "barroco" mas parecendo-me sempre muito frontal. Como uma sua prima o retrataria no nosso livro de Curso (1953/58) era "baixito mas jeitoso/ um tudo nada trocista/ de vez em quando guloso".

Quando pouco depois começou a aparecer nas várias actividades ligados à JUC e à AEISA (Secção de Folhas), percebemos pelas conversas na cantina e nos intervalos das aulas que vivia inquieto

“sedento (ele) de encontrar uma solução para a resposta às perguntas que a si mesmo fazia sobre o sentido da sua vida”. Mas nós ainda não sabíamos a que nível estavam as suas reflexões. O que revelou na entrevista do “Encontro” (ler á frente) a qual também revela pormenorizadamente qual o seu percurso nestes primeiros anos de curso, 1953/55.

Como começou a aparecer nas várias actividades ligadas à JUC vamos descrevê-las um pouco.

1 – A Secção da Juventude Universitária Católica (JUC) do Instituto Superior Agronomia (ISA) nos anos 1953/58

1.1 – O jornal universitário “subindo a RAMPA”

Uma das vantagens das organizações católicas era a de que as suas publicações periódicas não tinham que ir à censura prévia. A não ser que se envolvessem em temáticas consideradas político-partidárias pelo Estado Novo, casos em que poderiam ser encerradas (houve várias), isto é, exigia-se auto-censura.

A JUC-ISA aproveitou bem aquele privilégio e criou em 1954 um jornal com manifesto interesse, chamado “subindo a Rampa” com as letras do título a cor e subindo de tamanho. Tinha 10 páginas A3 e saíam 2 a 3 números por ano. Foi iniciativa creio que única na JUC de Lisboa, dando naturalmente origem a algumas invejas e também por isso outros dela desdenhavam.

O conteúdo era muito variado: religião; arte; desporto; questões sociais (organizações de estudantes com esta finalidade, como o histórico Centro de Acção Social Universitária, CASU), entrevistas com professores (por ex. Mário de Azevedo Gomes...), desporto, planos de estudos e Nova Reforma, anedotário “fino” sobre a futura profissão, etc..

Imagine-se que em 1955 há uma coluna da autoria de Marcelino Rocha, com o título “Porque não um Centro de Estudo de Economia e Sociologia Agrárias”? O qual viria a ser criado uma década depois pela Fundação C. Gulbenkian...

Lá escrevi um artigo sobre “arte moderna”, a defendê-la numa conjuntura “local” pouco favorável pois no ISA só gostavam de arte decorativa e sempre figurativa. Na “casa” era o tempo do combate aos pintores cubistas e abstractos e aos poetas de versos sem rima. Numa palavra o ISA estava atrasado quanto a arte...

O criador e alma do jornal foi o muito dinâmico José Miranda Magalhães, presidente da Secção da JUC, ajudado por outros colegas como: José Luís Tello Rasquilha, depois ligado aos primeiros Cursos Complementares da JUC, Rui Soares Lopes, Maria Luísa Mercês de Mello, Marcelino Rocha, Raul dos Santos (futuro Presidente da JUC), José Soveral Dias, Crespo Ascenso, Amélia Frazão, J. Caupers, J. Duarte Melo, José A. Barradas, Francisco Antunes e outros, todo um grupo que depois se distinguiria em diversos campos da actividade nacional (religiosa, científica, tecnológica e empresarial).

O Ilídio, ainda não convertido, tornou-se logo um leitor atento e fiel do “Subindo a Rampa”.

1.2 – O Curso Complementar da JUC do ISA em 1954: Deontologia Agronómica

Quando entrámos no ISA a sua Associação de Estudantes (AEISA) tinha uma grande falta de iniciativas no domínios cívico e cultural (excepto desporto, “folhas” e cantina). Não existia vida cívica académica própria nem actividade cultural que se afirmassem. Não custa a perceber que as primei-

ras tentativas para colmatar os "deficits" de informação e discussão, sobretudo em temas de natureza social e cultural, viessem da activa JUC-ISA, que tinha sido capaz de editar o "subindo a RAMPA".

Seis meses após entrarem o Ilídio e os nossos colegas de curso, o I Curso de Deontologia Agronómica, realiza-se em Março de 1954 na Sala dos Actos do ISA. O organizador é o José M. Magalhães, estando presente na abertura o Arcebispo de Mitilene (substituindo o Cardeal Patriarca). Esta organização notável surpreendeu o Ilídio... tal como aos seus colegas (o meu caso).

Começou com o tema "Cultura Geral e Especialização" – aspectos relativos à profissão agronómica", tratado pelo Prof. Francisco Caldeira Cabral, sem dúvida uma das mais notáveis personalidades que iríamos encontrar no ISA, "pai" do ensino da Arquitectura Paisagística em Portugal e um católico militante.

Depois fala o Prof. Eugénio da Castro Caldas com os "Problemas da Deontologia Agronómica" e aborda a consciência profissional do agrónomo, em face de si próprio e nas relações com outras profissões agrárias como veterinário. E sem utilizar a expressão, avança pela necessidade de reforma agrária (no Norte e no Sul) e fala na alimentação a nível global (F.A.O.), dizendo que agrónomos e silvicultores devem estar na trincheira do combate contra a fome e a miséria. Era também católico.

O curso terminou com o nosso colega José Correia de Sá (Asseca), padre e cónego da Sé de Lisboa (!), de família com grande tradição agrícola, falando das temáticas religiosas ligadas à profissão agronómica e referindo a sua larga experiência junto do mundo rural.

Foi um êxito de salas cheias, com muita gente de fora na nossa Sala de Actos. A uma das sessões assistiu o Subsecretário de Estado da Agricultura, Prof. D. Vitória Pires.

Foi um banho cultural que marcou de forma significativa pelo menos os alunos.

Estes factos impressionavam o Ilídio dando-lhe a ideia, verdadeira, que os católicos não fugiam aos problemas antes os discutiam abertamente.

É mais um estímulo para o Ilídio ir ao Campo de Férias da JUC nas férias do Verão seguinte (1955) nos Remédios (Peniche), onde apreciou de perto esses "jovens" com "a alegria de viver e a convicção de que tinham encontrado a verdade" (Jornal ENCONTRO, nº13, ano 3, Dezembro de 1957 – ver adiante ponto 2 "Entrevista").

1.3 – As actividades da JUC

Ainda em 1954 (ano lectivo 1954/55) o Ilídio começa a ter conhecimento pelos seus colegas jucistas das actividades da JUC, sem nelas participar. E que actividades eram? Vamos enumerá-las.

Actividades internas

- Reuniões de Dirigentes e Chefes de Companhia
 - de todas as Secções da JUC de Lisboa, iniciando-se em Outubro. Estas reuniões integravam uma Meditação a cargo do Assistente Diocesano, Cónego, dr. António Reis Rodrigues, o "dr Rodrigues", uma reflexão protagonizada pelos jucistas que serviria de estudo nas reuniões das Companhas e por último o lançamento das actividades da Direcção Diocesana.

- Vida Espiritual:
 - a) Recoleções (uma manhã de Domingo) de periodicidade mensal;
 - c) A Comunhão Pascal – em conjunto com a JUCF – Maio/Junho, na Sé Patriarcal.
 - Encontro Diocesano – aberto a todos os universitários (em geral por Abril/Maio), com temas como “A paz no mundo”, “Pobreza”, etc..
 - Passeio (excursão) em geral no início do ano, com um pequeno programa formativo, onde apareciam jucistas convidados mais velhos e doutras Escolas.
 - Campo de Férias para Dirigentes e Chefes de Companhia, mas aberto a não filiados nos Remédios; N^a Sr^a dos Remédios, Nazaré; com viagem às ilhas Berlengas. Era uma das grandes actividades da JUC não só porque vinha ao campo de férias a elite da JUC de todo o país mas também pelo clima de fraternidade e vivência religiosa que as meditações do “dr. Rodrigues” propiciavam.
- É clara a importância deste Campo de Férias, da JUC nacional. Na “Entrevista” o Ilídio refere a (...) “seriedade com que certo número de universitários, alguns de grande valor, de brilho intelectual, praticavam os actos religiosos, sobretudo a assistência à missa e comunhão (...) refiro-me aos que estiveram no campo de Férias da JUC (...) Encontrava nesses jovens aquilo que procurava: a alegria de viver e a convicção de que tinham encontrado a Verdade”.

Actividades externas

Sessões Plenárias abertas nas Secções – com temas gerais tais como: o Ideal Cristão da Paz; Pobreza no Mundo e em Portugal; Unidade dos Cristãos; Fé, Ciência e Técnica; Missões; G. Galileu e a Fé Católica; A Vocação do Agrónomo, O mundo rural; A vida cristã nos países comunistas.

O apostolado era uma das principais finalidades da JUC. E traduzia uma preocupação permanente dos responsáveis.

Escrevia-se em vários textos e manuscritos da JUC dirigidos a militantes: “É preciso convencermos-nos de que se estamos na Acção Católica é para fazermos apostolado, é para darmos testemunho de Cristo. E como podemos nós dar testemunho de Cristo, se por vezes não o temos connosco, se não o amamos? Ser jucista é fazer apostolado, é primeiro que tudo Amor”. “Fazer Apostolado não é mais do que tentar abrir os caminhos do amor para Cristo. Mas para isso é preciso que amemos o Senhor. É preciso pedir ao Senhor a grande graça de sermos dignos de cooperarmos com Ele. Para isso no entanto é necessário sermos pobres”.

“É difícil ser pobre, esquecermo-nos de nós mesmos, abandonar os nossos esquemazinhos, comodidades, burguesismo. Para sermos verdadeiros Cristãos é preciso tudo isto, e muito mais.”

1.4 – As reuniões de Companhia da JUC no ISA

Como se traduzia isto numa reunião de Companhia? A “companha” (não “campanha”) era um grupo de “companheiros” constituído por colegas praticantes ou pelo menos com formação católica, que começavam pela categoria “aspirantes” e no caso de pretenderem dar cumprimento, na sua vida pessoal, às obrigações jucistas no ISA ou fora dele, integravam-se como “efectivos” na Secção da JUC.

Nas nossas reuniões do ISA (mais ou menos mensais), guiados pela tal "folha" já referida, rezava-se uma oração inicial, seguida pelas descrições das próximas actividades. Nas nossas orações de fim de reuniões lembrávamos dos que não partilhavam a nossa fé. Procurava-se pois ajudar, cada à sua maneira, a entrada ou regresso dos colegas à Igreja Católica.

Recordo com alegria e saudade essas reuniões. Eram companheiros os colegas de ano António M. Manso, Jorge Soares de Sousa, Manuel Dias Nogueira, Raul A. Sardinha. Um dia teríamos o Ilídio?...

Independente do trabalho da JUC, mas completando-o, era activa a Conferência de S. Isidro, uma das "Conferências Académicas" da Sociedade São Vicente de Paulo (mais de 700 conferências no país); em 1957 o presidente seria do nosso curso, o José Antunes Barradas, também amigo do Ilídio.

Esta Confraria exercia a sua acção caritativa visitando zonas de pobreza – quer "bairros da lata" perto da Tapada quer a pobreza envergonhada existente em áreas perto do ISA. Julgo que estas várias actividades da JUC não deixavam de impressionar o Ilídio, que resolve visitar "sozinho", as furnas e as "latas" do Parque ("Entrevista").

Recordo também que a JUC elegia anualmente o seu presidente. No nosso 1º ano houve 3 candidatos para a direcção do ano lectivo seguinte: Raul dos Santos (que ganhou), Rui Soares Lopes e José Soveral Dias, todos bons amigos do Ilídio. As várias Faculdades (U. Lisboa) e Instituto (U. Técnica Lisboa) tinha uma grande autonomia, até na escolha de dirigentes (por eleição frequentemente com vários candidatos). Observava-mos que na Associação de Estudantes esta "democracia" não existia (só candidatos únicos embora o nosso curso tivesse mais tarde alterado esta regra, o que não vem à colação...).

O Ilídio conhece estas actividades sem nelas participar durante os anos 1953/54 e parte do 1954/55 e vai protagonizando-as activamente; a partir do ano lectivo 1956/57 preside à JUC de Agronomia. E assim vai ilustrando e aprofundando a sua fé.

Formidável obra da graça de Deus e da aceitação desta pelo Ilídio.

2 – A entrevista com Ilídio Moreira publicada no "Encontro" (nº13, ano 3, Dezembro de 1957, pág. 9)

Dado que o bom amigo Fernando Gomes da Silva – a quem agradeço o convite em nome do CENTROP para participar neste volume – também contemporâneo de parte dos acontecimentos que caracterizam estas décadas do caminho de vida cristã do Ilídio, e irá citar e comentar boa parte da longa entrevista por ele concedida ao "Encontro", a qual constitui a informação mais valiosa acerca da sua conversão, eu chamo-a à colação quando necessário ao longo do meu escrito. Mas pareceu-me de interesse indicar o contexto em que ela se verificou.

No final do Verão de 1957 (ano lectivo de 1957/58) aceito a responsabilidade do jornal bimestral "Encontro" na qualidade de Chefe de Redacção. O cargo de Director era formal e exercido pelo Presidente Geral da JUC; na equipa anterior tivemos João Salgueiro como Director, sendo Pedro Tamen (já um notável poeta) o Chefe de Redacção.

A entrevista tem uma pequena história. Nos dois anos anteriores o "Encontro" trazia sistematicamente informações, curtas mas com fotografia, de convertidos estrangeiros. A saber: G. K. Ches-

teton – inglês, Giovanni Papini – italiano, Jacques Maritain – francês, Max Jacob – judeu convertido, Thomas Merton – USA, Karl Stern – judeu alemão. Ora eu não percebia porque não tinham entrado portugueses.

Mas nem todos os colaboradores habituais foram favoráveis a que se lhe desse o relevo numa página, dada a natureza pessoal e intimista do processo de conversão de pessoas conhecidas e num pequeno país; por outro lado reduzir a meia página obrigaria à superficialidade. Havia ainda outro problema: qual o critério de escolha?

Foi-se para a frente. O “dr. Rodrigues” quiz ler as perguntas e o Luís Barata (mais tarde Padre da Obra do Gaiato) bom amigo do Ilídio, ficou encarregado de o convencer... pois o Ilídio sempre foi pessoa que não buscava protagonismos.

A nota inicial da “Entrevista” era de tipo jornalístico para chamar a atenção e dizia: “Na família não havia preocupações religiosas e ninguém era católico praticante” (como hoje bem sabemos, quase não há jornalismo sem empolar os factos...).

Ora os seus pais de facto não eram católicos de prática corrente (exceptuando quando vinham à sua terra) mas de modo algum anti-clericais. Assim o Ilídio foi baptizado em Lourenço Marques (onde viviam).

Na sua família havia um lado muito religioso, o que também teria a ver com a relação da proximidade entre Fátima e Mira d’Aire, a origem familiar de ambos os lados (paterno e materno). Refiro-me sobretudo à sua Avó paterna, Ana Maria, de intensa vida de oração.

Mas a comunidade branca (classe média-alta) de Moçambique era conhecida pela sua indiferença ou mesmo aversão em relação à prática religiosa e ... ao trabalho dos missionários (estes, tal como os bispos, protegiam os nativos...).

Um local complicado era o Liceu Nacional de Lourenço Marques onde havia vários professores com gabarito mas que tiveram problemas com o Estado Novo e a PIDE e por isso foram para lá; devido à aliança (de facto) Igreja-Estado Novo tornavam-se ainda mais anti-clericais. O Ilídio refere na entrevista que “No Liceu a Igreja não era levada a sério”.

Lembro-me de no primeiro ano o Ilídio falar dum livro que estava a ler e o impressionava muito, ao qual se refere na entrevista. Mas não me recordo de o ter folheado (aliás não havia ainda amizade para tal e verificava-se que o Ilídio vivia um período de debate íntimo).

Só quando da Entrevista tomei conhecimento dele; não o cheguei a ler. Abençoado livro!

No ano lectivo seguinte (1958/59) continuei como Chefe da Redacção e a entrevista foi com outra situação análoga, o Pedro Tamen (meu antecessor!) (“Encontro” 16, Março 1958). E depois chegaria a vez de José Escada, cujo baptismo no Campo de Férias de 1954 é referido pelo Ilídio na “Entrevista”.

Sacerdotes

Quanto às relações do Ilídio com os sacerdotes de quem provavelmente terá recebido os Sacramentos da Penitência e da Eucaristia, não tenho muitas certezas.

Mas creio poder afirmar que na preparação terá tido um papel destacado o Pe. Pietra Torres, então coadjutor na paróquia da Estrela e antigo aluno do ISA, popular entre a JUC de Agronomia.

Também teve que ver com esta fase o então Pároco de Alcântara Pe (depois Monsenhor) Adriano Botelho (o notável e corajoso a vários títulos, inclusive o lugar privilegiado que dava à JOC e à vida cívica e depois enviado para a Patagónia onde também se deu aos Outros). Era a igreja mais próxima do ISA e nela se celebravam frequentemente as eucaristias que se integravam nas actividades da JUC, nas quais acompanhei com frequência o Ilídio.

Ele contactava ainda com o Pe Orlando Ferreira, um antigo jocista e coadjutor da paróquia.

3 – Outras considerações

Em 1961 estou presente no seu casamento com a Amélia, na casa de família desta em Alcoentre, uma linda festa também em termos religiosos. Mais tarde participei várias vezes com a Maria do Carmo em aniversários familiares, o que agradeço e não esqueço.

A partir de 1962 falamos frequentemente sobre o Concílio Vaticano II e vivemo-

-lo. Continuávamo-nos a encontrar no ISA (éramos 2^{os} assistentes) onde ele começava também a preparar o doutoramento, no meio de "vais-e-vens" do Serviço Militar e da mobilização para a guerra do Ultramar. A propósito ouvia-o "lamentar" os transtornos pessoais e familiares que tudo isso significava, além do que ele nada tinha de marcial e militar: Mas fazia-o com o uso doutra virtude bem cristã que possuía, a da paciência, nada tipo revolta!

Segue-se um afastamento natural pois ele está no ISA e eu sigo com a família para Angola e depois E. U. América, donde regresso para a Universidade de Évora. Não nos vemos com frequência até por causa da aceleração do PREC... Mas entro no II Governo Constitucional (1976) e passo mais tempo em Lisboa.

Recordo-me de então convidar o casal Amélia-Ilídio para um almoço no "Tavares (pobre)"; foi longo e pusemos a escrita religiosa em dia. Se a primeira finalidade era abraçar o novo Doutor (eu tinha-o sempre encorajado a tal, o que não era a situação dominante no ISA, pois então havia caminhos mais fáceis... mas o Ilídio nunca procurou saídas deste tipo) a outra era saber o que se passava em termos religiosos. Graças a Deus (expressão corrente mas gosto de acrescentá-la) e à vontade do casal (pois Deus é Caridade no Amor) continuávamos com os mesmos valores da JUC dos anos 50, actualizada pelo Vaticano II. Pude também dar-lhes boas notícias da Maria do Carmo (velha amiga) e dos meus filhos.

Foi um reencontro que não esqueci visto dar-nos mais força para continuar numa assídua prática religiosa, o que se ia reduzindo em muitos da nossa geração da JUC. O sinal dado pela publicação da "Humano Vitae" tinha surgido há algum tempo ... O João Benard da Costa descreveria (em fascículos) no "Expresso" sob o título "Os vencidos do Catolicismo" o seu afastamento da prática católica. Cerca de duas décadas após editou em livro o que escrevera no "Expresso"; o "dr Rodrigues" dir-lhe-ia: "porque o publicou se já não é o que pensa actualmente" (testemunhei este diálogo).

Falei mais que uma vez sobre o conteúdo deste e doutros testemunhos. Mas o Ilídio sabia relativizar estas matérias face ao essencial da vivência católica que tanto lhe custara conseguir. A fé estava acima do "confuso mundo" e seu "regimento" (Camões). Também voltamos em paz a estas matérias numa das últimas vezes que nos encontramos no ISA antes do seu primeiro internamento em 2010.

Pode parecer que não é matéria pertinente para estas notas mas tem que ver com as considerações já feitas em relação ao cristão (católico) Ilídio.

Trata-se dos dados de sondagem nacional sobre o “retrato religioso dos portugueses” (Univ.Cat. Port, 2012).

Refiro-me à importância da oração/meditação dirigidas a Deus ou entidade sobrenatural (como santos). Assim 33% dos portugueses fazem-no todos os dias e só 22% não o faz de todo. Continua pois uma significativa adesão à oração, como sucedeu com o Ilídio (durante e depois da conversão).

Houve no nosso curso um caso paralelo ao do Ilídio (até figura na fotografia do Campo de Férias...); o desfecho não foi o mesmo. Deus sabe.

4 – Considerações finais

O Sr. Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo, que tão bem conheceu e conviveu com o Ilídio (o seu testemunho está neste volume) afirmou há pouco numa das suas homilias pascais que a morte é “outra forma de vida” que ninguém sabe como vai ser, constituirá “a última surpresa de Deus”. É que a vida após a morte é já parcialmente experimentada e antecipada na actual existência: pois “cada um de nós pode vencer a morte porque Ele [Cristo] nos ensina a fazer da vida um dom. Sempre que se oferece a vida, com amor, já se venceu a morte”. “A grande vitória sobre a morte é abrir-se à imortalidade, é assumir a nossa vocação de peregrinos de outra pátria e de outra experiência de vida. Não sabemos como será essa forma de vida, será outra grande surpresa de Deus, apesar de já experimentarmos as suas primícias” (“Ag. Eccl.”, 12/04/10). Seguro estou, dentro da minha “ignorância” que este foi o caminho do católico Ilídio que ofereceu a vida aos Outros com amor.

Se o religioso invade o profano, a leitura do Evangelho revela-nos que eles estão repletos destas situações. Não falava Jesus Cristo muito frequentemente através de parábolas? E os milagres não eram realizados com pessoas e em actos normais (v.g. multiplicação dos pães, bodas de Cana, viagens de pescadores, etc.)?

Assim ao assistir à conversão progressiva do Ilídio, eu ia pensando e sentindo que estava a presenciar um “milagre” mas lembrando-me também, no meu pragmatismo “galego”, que Pedro depois da Última Ceia negara três vezes o Senhor. E rezava a Deus para que tal não sucedesse com o Ilídio: não sucedeu. “Deo gratias”.

“Um homem bom e um santo homem”, diz-se. Mas eu avanço com uma alteração, dando às palavras um significado religioso. Afirmando sem receio: “Um Ilídio bom e um santo Ilídio”.

JUC
Juventude Universitária Católica (JUC) – Secção do Instituto Superior de Agronomia (ISA), 1952/60

Anos lectivos	Presidente da JUC	Publicações e Actividades específicas da JUC do ISA
1952/53	José Miranda Magalhães	"Subindo a Rampa" ¹
1953/54 ²	José Miranda Magalhães	"Subindo a Rampa" Curso Deontologia Agronómica
1954/55 ³	Raul dos Santos	"Encontro" ⁴
1955/56	José L. Telo Rasquilha	"Encontro" 1.º Curso Sociologia Rural
1956/57 ⁵	Ilídio Moreira	"Encontro"
1957/58	?	"Encontro"
1958/59	Manuel Beja da Costa	"Encontro"
1959/60	Fernando Gomes da Silva	"Encontro" 2.º Curso Sociologia Rural

¹ Jornal bimestral da JUC-ISA. ² Entrada do curso de Ilídio Moreira (53/58) no ISA. Ida de Ilídio Moreira ao campo de férias da JUC (Remédios, Peniche) nas "férias grandes" de 1954. ³ Conversão de Ilídio Moreira. ⁴ Início da publicação bimensal da JUC comum às cidades com Universidade (Porto, Lisboa e Coimbra). ⁵ Ilídio Moreira é presidente da JUC ISA. Carlos Portas é presidente da JUC Lisboa.



Fotografia 1



Fotografia 2

Fotografia 1 e 2 – Ilídio Moreira no Campo de Férias de N^a Sr^a dos Remédios (Peniche), em Agosto de 1954 (referido na entrevista ao “Encontro”).

Fotografia 1 – Grupo parcial de participantes (no conjunto eram cerca de sessenta). O sacerdote presente nesta fotografia, é o dr. Narciso Rodrigues (Porto), então assistente religioso da Juv. Operária Cat. (JOC), que substituiu nos primeiros dias o “dr. Rodrigues”. O ano é 1954. Podem ver-se alguns universitários que se destacavam pelo nível cultural e como estudantes e com vida cristã intensa: João Pinto Basto, Nuno Portas, José Escada (baptizado neste Campo), Pedro Tamen (chefe de redacção do “Encontro”), Nuno Cardoso Peres (mais tarde Frei Mateus), Fernando M. Catarino. Não estão na fotografia, entre outros, João Salgueiro (Presidente da JUC nacional), Alfredo de Sousa, A. Jardim Gonçalves, H. Sana Clara Gomes. Fotografia 2 – Grupo do ISA no mesmo Campo de Férias (1954): 1^a fila (esq.údir.) Ilídio Moreira, Adolfo M. Macedo, António Raposo, José A. Barradas, Carlos Portas, Reginaldo Melo, Raul dos Santos. 2^a fila (esq.→dir.) José M. Magalhães, Rui Soares Lopes, Manuel Soto, Joaquim Horta Correia, João Tomás Ferreira, Carlos A. Araújo.



Fotografia 3



Fotografia 4

Fotografia 3 – À entrada do Seminário dos Olivais, um grupo de militantes da JUC de Agronomia em 1955/56 com o Cardeal Patriarca D. Manuel G. Cerejeira e o cônego "dr António R. Rodrigues" – Ilídio Moreira está na 2ª fila, já após a sua conversão.

Fotografia 4 – A Bênção das Pastas dos finalistas do ISA Curso de Ilídio Moreira, Sé de Lisboa, Junho de 1958. Na 1ª fila o Sr. Cardeal Patriarca, Manuel G. Cerejeira, rodeado por três professores do ISA (Raul Cabral, A. Valente de Almeida e João Franco). 1ª fila (esq.údir.) António Refega, José M. Barrocas, Amélia Frazão, J. Chaby Nunes, Luís Barata, Joaquim Lourenço, Carlos Portas. 2ª fila (esq.údir.) António Raposo, Ilídio Moreira, António Camilo, F. Figueiredo e Silva.

O CRISTÃO ILÍDIO MOREIRA, *HOMEM NA VERDADE E NA FÉ*

Fernando Gomes da Silva

No decorrer da Assembleia Geral do CENTROP – Centro de Estudos Tropicais para o Desenvolvimento, ocorrida em 27 de Julho de 2011, o seu presidente Prof. Fernando Oliveira Baptista lançou o desafio para que o Centro assumisse a organização de uma homenagem ao Prof. Ilídio Rosário dos Santos Moreira, cobrindo as diferentes facetas da sua personalidade que melhor tinham projectado a sua Vida. Não terá sido certamente por acaso que foi referida a sua Fé Cristã como uma das que deveria ser considerada.

Procurarei em breves palavras dar testemunho do Cristão Ilídio Moreira, Homem na Verdade e na Fé.

Quando entrei no Instituto Superior de Agronomia (ISA) em Outubro de 1955, frequentava o Ilídio o terceiro ano do curso. No âmbito da Acção Católica, à época com forte expressão no laicado católico, a organização para o meio universitário, a Juventude Universitária Católica (JUC), tinha grande prestígio e vitalidade no meio estudantil do ISA. Era certamente uma força que se afirmava pela positiva e pela sua dinâmica de acção, à qual não se era indiferente e perante a qual, pelo testemunho de vida dos seus membros, se era motivado a aderir ou rejeitar sem ambiguidades. Foi precisamente no seio “desta” JUC que conheci o Ilídio e com ele tive assim oportunidade de privar e desenvolver uma forte amizade alicerçada numa vivência cristã, consistentemente, marcada no seu dia a dia.

Da minha parte sempre tivera uma educação marcada pelos princípios da religião católica, sem que no entanto, até essa altura da vida, a minha Fé tivesse um suporte intelectual e de prática de vida espiritual bem marcada. Seria certamente um católico tradicional, de prática dominical, sem outras exigências ou preocupações. O Ilídio tinha, pelo contrário, uma vida profundamente consistente com a sua Fé, marcando aqueles que com ele privavam. Constituiu para mim um dos 3 ou 4 colegas que, de forma muito evidente, contribuíram para a minha formação e crescimento humanos e para o aprofundamento da minha Fé ao longo dos cinco anos de vida académica no ISA. Ao reflectir hoje sobre estas realidades é para mim muito claro que a profunda amizade que nos uniu pela vida fora, só humanamente interrompida com a sua partida para junto do “seu amigo Jesus”, como tão frequentemente ele referia, foi muito fortemente alicerçada no Cristão que ele era.

A qualidade de “homem bom” que unanimemente é reconhecida ao Ilídio ao longo de toda a sua vida e que outros de forma tão bem acentuam nos seus testemunhos que integram este livro, tem tudo a ver com a sua vida de Fé e prática cristãs que sempre o acompanharam desde aquela época.

Deve porem referir-se, como eventualmente outros amigos o farão neste grupo de testemunhos, que Ilídio Moreira chega ao encontro com Deus, não por uma educação tradicional mas fruto de uma persistente procura individual, guiado já por uma necessidade adulta de resposta à sua exigência intelectual. “*Porque viver? Porquê sofrer? Porquê morrer?*” são as três questões que Ilídio Moreira considera, (em Dezembro de 1957 em entrevista dada ao Jornal Encontro, órgão oficial da JUC) que se lhe colocaram na sequência de uma leitura de F. Lelotte. “*Tive, pela primeira vez, a angústia de não saber o que andava a fazer no mundo e senti uma enorme necessidade de procurar a verdade e dar resposta àquelas questões, sobretudo porque punham o problema de toda a minha*

vida". Para quem, como eu, conheceu muito de perto e teve o privilégio de conviver intensamente com o Ilídio, estas palavras datadas de há 55 anos soam de forma muito forte a um verdadeiro plano de vida. O Ilídio viveu, de facto, sempre preocupado com a procura da verdade em todos os aspetos da sua existência, quer consigo próprio quer na sua relação com os outros. Foi esta sem dúvida uma das grandes marcas do seu percurso humano como se percebe aliás dos mais diferentes testemunhos que integram este livro.

A melhor forma de encontrar o "Cristão Ilídio Moreira" é socorreremo-nos das suas próprias palavras. Não sendo materialmente possível transcrever a totalidade da entrevista referida, escolho três aspetos desse texto de 1957 por me parecerem fundamentais na personalidade cristã do Ilídio.

"A figura de Cristo interessou-me vivamente. A sua existência era certa porquanto histórica. E via na religião que fundou aquele cunho divino que procurava, pois que ele mesmo se dizia Filho de Deus. Sua morte foi um fracasso, mas a sua vida é desconcertante, pregando sempre o Reino do Outro Mundo. ... E o fracasso da sua morte transforma-se em vitória, com as comunidades cristãs que crescem no martírio com a afirmação constituída por 20 séculos de existência do catolicismo, apesar dos erros de milhões de cristãos..." Mais uma vez, outra forma da sempre procura da verdade. Cristo, verdade histórica, e cristianismo existindo em verdade apesar da fragilidade e das constantes negações dos cristãos.

*"E não podia desprezar um outro ponto. É que acreditando num **Deus infinitamente bom** não podia duvidar do Seu auxílio. E Ele o deu na devida ocasião: quando hesitava em abraçar o cristianismo, depois de pela razão o aceitar como verdadeiro. Ele me deu Fé! E o Deus dos cristãos revelou-se-me extraordinariamente bom, pois que na confissão, Ele, além de me perdoar as faltas, ainda me deu a Graça para que daí em diante correspondesse melhor à Sua amizade! ... deu-me a participação da Natureza de Deus, para que pudesse começar a cumprir o que anunciou: Sede perfeitos como o Pai é perfeito".* O Deus infinitamente bom é outro dos traços definidores do paradigma de vida do Ilídio: O Ilídio foi, ao longo da sua existência humana, um Homem Bom, na aceção mais genuína do termo.

O Homem Bom é aquele que sabe amar e é capaz de orientar todas as suas acções pela lei do amor. Perguntado no final da entrevista quais as transformações mais profundas que o catolicismo provocou em si, o Ilídio reafirma *"mas a grande descoberta foi o Amor. Amar a Deus primeiro que tudo, e Amar os outros por Ele. A lei do cristianismo é a lei do Amor. Isto, bem entendido e vivido, traz a morte ao egoísmo e uma necessidade interior de dedicação total aos nossos irmãos. É esta a única razão de ser da vida humana e só ela merece a dedicação de uma coisa tão valiosa como é uma existência humana"*.

Se ousasse, seguindo de perto um texto de Frei José Mourão, O.P., fazer-me o interprete do Ilídio que continua ainda muito presente no meio de nós, creio que ele nos diria que é preciso continuar a abençoar este doce reino da terra, as viagens do conhecimento, sem a ganga gongórica ou outra, ele que viajava física e mentalmente de um campo a outro com uma capacidade de trabalho, uma paixão e um brilho assinaláveis, peregrino infatigável do reino do saber, da ciência e da fraternidade entre os homens que com ele se cruzavam; creio que ele nos diria ser preciso continuar a abençoar as amizades que crescem como as plantas e que exigem futuro como ele tão amplamente provou na sua vida.

Ele dir-nos-ia ainda que é preciso continuar a viver, a correr riscos, a criar e a Amar. Ele que nos deu sobretudo a prova de que o que faz a qualidade duma vida não é a sua duração ou a sua

acomodação, mas a sua intensidade. Ele que tão bem demonstrou, por uma vida vivida em pleno, como a Fé, a verdade, o itinerário interior, o bem ou a razão da ciência não são questões incompatíveis, mas marcas pelas quais nos reconhecerão vivos navegantes do conhecimento, do saber e de uma vida que se não esgota nesta aventura terrena.

O nosso coração e a nossa vida estão semeados de provações e de medos; mas a vida de Homem de Verdade e de Fé que o Ilídio tão plenamente protagonizou autoriza-nos a acreditar, como ele e com ele que, no meio dos nossos temores e ansiedades, a alegria vale mais que o choro, o Amor é mais forte que o ódio, o acolhimento é mais belo que a recusa, a justiça é mais rica que a opressão, a comunhão é mais humana que o isolamento e a vida *“merece a dedicação tão valiosa como é uma existência humana”*.

Quando no dia 29 de Abril de 2011, ao cair da tarde, partiste para o encontro definitivo com o “teu Amigo Jesus”, tu acabaras, Ilídio, de cumprir um extraordinário programa de vida ao longo de 75 anos durante os quais soubeste nunca por em causa *a razão de ser da vida humana e mostraste merecer a dedicação de uma coisa tão valiosa como é uma existência humana*.

Obrigado Ilídio pelo teu testemunho de Vida e Fé cristãs que tanto influenciaram muitos de nós; com a tua partida, ganhámos mais um amigo a interceder junto do Pai.

Uma última palavra de testemunho de memória para um homem que muito contribuiu para o reencontrar do Ilídio com Cristo ao longo de vários anos, o Padre Henrique Wiborg Pietra Torres, a quem alguns de nós também devem parte da sua formação na Fé.

Em 23 de Março de 2012

O ILÍDIO

A Equipa de Casais de Nossa Senhora, Lisboa 51

*"Bem-aventurados os puros de coração
Porque verão a Deus"*

Procuraremos ilustrar a personalidade de um homem simples, que aproveitou a vida para servir os outros, para servir o mundo. Foi assim que sempre aconteceu, sem protagonismo, na faculdade, nos organismos a que pertenceu, no Exército que ao longo de uma década serviu quase 5 anos, no seio da sua família, no convívio com tantos amigos, na longa e profícua vida profissional.

A maioria de nós encontrou o Ilídio na JUC em tempos complicados de contradições e expectativas. Foi nas ENS que começamos a ficar mais próximos. Não era fácil conhecê-lo pois a sua modéstia, a recusa em sobressair e o nosso respeito por essa faceta do seu carácter fazia com que houvesse alguma dificuldade em estabelecer um contacto mais próximo e íntimo com ele. Mas com o passar do tempo, fomo-lo conhecendo melhor e em profundidade e aí revelou-se-nos um Homem em toda a sua grandeza e pujança: discreto, simples, amigo fiel, apenas ambicioso de conhecimento, distinto profissional e figura destacada no meio científico, fino espírito de humor, cristão inteiro. O Ilídio é para nós uma referência de rectidão e bondade.

Deixou-se enfeitiçar pela magia de África onde nasceu. Não foi uma paixão poética e distante mas objectiva, de quem reconhece que pode ser útil, que é preciso arregaçar mangas e fazer, que o aproveitar os talentos que o Senhor lhe deu é um imperativo da sua consciência moral e cristã. Disponibilizou-se para proceder à reorganização de diferentes "curricula" mais adequados ao percurso de alunos africanos. É manifesta a sua preocupação pelo mundo agrário tropical, nomeadamente na ajuda a doutorandos de Angola e nos projectos científicos que integrou.

A causa de África era simultaneamente uma paixão e uma amargura, ao sentir-se impotente na luta contra estruturas que impediam um avanço civilizacional significativo. Como capitão na Guiné Bissau, "no mato", fez com a população experiências na agricultura, o que lhe valeu uma Menção Honrosa do Exército.

Já como Professor Emérito, a sua principal ocupação foi a colaboração com Institutos Internacionais de Pesquisas Tropicais.

Nos encontros da Equipa mantinha sempre um registo discreto, mesmo ao fim de quarenta anos de reuniões e convívio, e se queríamos saber o que ele tinha para dizer sobre o assunto em discussão, tínhamos que lhe arranjar espaço, pedindo aos outros para se calarem. Costumava ouvir muito mais do que falar, sempre aberto ao testemunho dos outros, sensível aos seus problemas, a sua natural simpatia ajudava a congregar e aproximar o nosso grupo num ambiente de serenidade e esperança. Nas nossas reuniões de Casais de Nossa Senhora, quando lhe cabia apresentar o tema, fazia-o com um cuidado quase profissional, tudo bem fundamentado, exibindo a sua Bíblia velhinha de uma vida, e que sempre o acompanhou. Citava frequentemente os autores que, na juventude, nos marcaram o percurso, ajudaram a definir a nossa atitude perante a vida e pouco a pouco nos foram aproximando.

A esperança cristã do casal revelou-se com muita força no acidente do filho: numa situação angustiante, em que o Jorge ali estava numa cama dos cuidados intensivos do hospital, sem dar acordo de si, em situação crítica de grave traumatismo craniano, não lhes vimos desespero, algumas lágrimas na Amélia. Houve uma atitude de serena confiança, esperando uma melhoria que felizmente Deus quis, e que o Ilídio ajudou: soubemos pela Amélia, que não por ele, que o Ilídio passava longas horas com o Jorge, lutando para o ajudar a recuperar os movimentos, a fala, o vocabulário, o raciocínio. E tudo feito com uma grande ternura. A equipa foi testemunha do elo que ficou, tão forte, com o filho e que este tão bem exprimiu, nas palavras emocionantes e belas, que proferiu na missa de corpo presente do pai.

A própria doença foi a sua última provação; o enigma do diagnóstico num processo tão arrastado onde a fraqueza se acentuava cada vez mais, o que não o impedia de continuar a trabalhar, com o computador no regaço, rodeado de livros. Já no hospital a situação agravou-se, e o Ilídio partiu para o Pai, com a mesma discrição e simplicidade com que sempre viveu. Deus devia precisar dele para outras coisas.

Não seria justo esquecer as Mulheres da família: a filha, Amélia Maria, de quem ele tanto se orgulhava, antropóloga, doutorada com tese em culturas de povos africanos, e a Amélia, sua companheira de sempre e que nela congrega todas as virtudes da alma feminina, de mulher, de mãe, de irmã e de amiga e a quem agradecemos o privilégio de visitar um amigo de sempre.

O Amigo



RECORDAÇÃO EM MEMÓRIA DE ILÍDIO MOREIRA

António Monteiro Alves

Fernando Luis Estácio

Edgar de Sousa

José Dargent de Albuquerque

A muitos títulos a personalidade de Ilídio Moreira (Ilídio Rosário dos Santos Moreira, de seu nome completo) justifica e merece oportunidades para recordarmos e relevarmos a sua memória. É o seu percurso pessoal e profissional, carreira académica, actividade técnica, gestão escolar no ensino superior universitário e politécnico, acção de cooperação científica e pedagógica em âmbitos nacional e internacional, que não se finou nesses limites e extravasou numa atitude própria perante a vida, de crente religioso e solidariamente humano, numa vasta gama de oportunidades de presença em múltiplos espaços e tempos.

Ainda que outros colegas e amigos vão participar nos destaques sobre muitos destes campos de apreciação, a nossa evocação tendendo também a tocar em todos eles, irá percorrer um caminho particular resultante de circunstâncias, puramente ocasionais, de início, e que depois, por reconhecimento de afinidades e compatibilidades, se tornaram imperativas a partir de compromissos e solidariedade assumidos, e levaram à consolidação dum grupo de amigos durante o último quarto de século. Será, pois, um pouco a história da formação desse grupo, em especial, no ambiente da vida académica do Instituto Superior de Agronomia, o fio condutor do referencial de homenagem que, com saudade, desejamos prestar ao Ilídio, por que ele esteve sempre presente, e persistente, em todas as ocasiões e situações a que foi chamado. E é do nosso ponto de vista a melhor homenagem, a da expressão de fraternidade em nome de causas comuns, aquela que melhor poderíamos prestar-lhe.

Pertencendo este pequeno conjunto de colegas a gerações de algum modo distantes, inclusive entre gerações escolares do Instituto Superior de Agronomia, mas principalmente diversas, pelo menos na origem disciplinar das respectivas áreas de trabalho, tendo-se encontrado ou reconhecido, com mais proximidade, já em fase da vida pós licenciatura, que adiante cada um de nós que assina este texto irá individualizar, a verdade é que em certo momento nos tornámos num grupo não formalmente institucionalizado, melhor dito, num grupo de amigos com algumas ideias comuns e alguma força agregadora, em particular tendo em vista um projecto de destino e de gestão do ISA. É possível, por isso, encontrar a nossa presença assinalada em intervenções e trabalho em tarefas do interesse colectivo da escola num período que se alonga, no mais significativo, desde meados dos anos de 1970 até meados da primeira década do século XXI.

E em todo este período a participação, iniciativa, entusiasmo, dedicação e méritos de Ilídio Moreira, podemos dizê-lo, foram por de mais evidenciados.

Recordo (F.L.E.) os primeiros contactos pessoais com o Ilídio, ocorridos há mais de cinquenta anos, nas aulas práticas por ele frequentadas da disciplina de Topografia e Elementos de Geodesia então existente na licenciatura de Agronomia do ISA. Mas foi sobretudo a participação de ambos como membros, entre outros, da CREISA, adiante referida, que as relações pessoais foram retomadas e se foram estreitando, revelando um conjunto de afinidades, inicialmente sobretudo de ordem profissional, as quais, como correr do tempo e os convívios nas reuniões de trabalho à

mesa do almoço, mantidas mesmo depois de concluída a actividade desta Comissão e das nossas passagens à situação de reformados, se transformaram em relações de amizade pessoal que recorda com saudade.

Provavelmente os momentos iniciais mais significativos do meu (A.M.A.) encontro com o Ilídio, que apenas “conheceria de vista” ou de alguma referência ocasional, foram os vividos no âmbito dos Conselhos Científicos do recém-criado Instituto Nacional de Investigação Científica (I.N.I.C.), aquando das reuniões decisivas para estruturação dos novos Centros de Investigação. Desde esses momentos iniciais, fortaleceram-se outros conhecimentos mútuos e respeito pessoal, e antes de mais a admiração pela grande disponibilidade humana do Ilídio, uma vontade muito forte de trabalho com e pelos outros, um não desfalecimento espiritual, e físico, mesmo, perante obstáculos mais difíceis, e o que sempre se nos apresentou como um desprendimento natural perante algumas vaidades negativas da vida social. E assim se cimentou uma boa amizade.

As actividades nos órgãos de gestão do ISA e noutras áreas extracurriculares foram a sede de formação da minha (E.S.) amizade pessoal e institucional com o Ilídio, iniciada na colaboração quando fui escolhido para a vice-presidência do Conselho Directivo por ele presidido e que teve seguimento no Conselho Directivo seguinte em que, por sua insistência, trocámos de posição, passando eu para a presidência na qual iria contar com a sua experiência e apoio. Naturalmente a colaboração e apoio mútuo continuaram ao longo dos anos nas mais variadas posições nos órgãos de gestão que fomos ocupando, além do trabalho conjunto desenvolvido na CREISA, numa Comissão de avaliação dos cursos das Escolas Superiores Agrárias por ele presidida e por fim na elaboração do livro sobre o ISA. Deste período de cerca de três décadas ficou grata a recordação duma colaboração franca e leal, de inesquecível estima e amizade pessoal muito além da institucional.

Iniciaram-se os meus (J.D.A.) contactos com o Ilídio quando ele foi nomeado membro do Conselho Científico da Escola Superior Agrária de Coimbra e passou ali a ser um dos elementos mais assíduo e participativo e as suas intervenções a terem um peso preponderante nas acções necessárias à implementação deste tipo de ensino. O seu amplo e profundo conhecimento do ensino agrícola, no país e no estrangeiro, a diversos níveis, e do aparelho produtivo agrícola consubstanciaram propostas bem fundamentadas, com frequência conciliadoras de intervenções nem sempre concordantes, que tornaram a sua participação indispensável em fases conclusivas e decisórias. A sua ligação ao Ensino Superior Politécnico não se quedou por aqui pois veio posteriormente a assumir funções de Presidente da Comissão Instaladora do Politécnico de Santarém onde desempenhou uma acção notável e de elevado mérito interrompida por razões de natureza familiar. A sua dedicação à família, espírito de dádiva e humanismo são o espelho da sua integridade como homem. Tivemos novamente oportunidade de colaborar na Comissão de Avaliação dos cursos das escolas superiores agrárias de Santarém e de Castelo Branco, na comissão por ele presidida. E foi no decurso das actividades normais da gestão do ISA e nos encontros semanais das terças-feiras que as bases de uma amizade biunívoca que se foram desenvolvendo e consolidando.

* * * *

A história desta relação de colegas e amigos traduz-se em resumo no seguinte. Após o período irregular de gestão das universidades através de legislação avulsa, a seguir a 25 de Abril de 1974, o segundo Conselho Directivo do ISA já sob lei de gestão democrática (que ainda ia durar uns 25 anos

sem alteração fundamental), nascido de processo eleitoral normal, 1979-81, é presidido por um de nós (A.M.A.) e dele faz parte o Ilídio, como Vice-Presidente. Segue-se um novo Conselho, 81-82, agora presidido por Ilídio (Vice-Presidente, E.S.) e o de 82-83, presidido por E.S. A partir destes anos até 2000, quase durante um quarto de século, algum ou alguns deste grupo, e mais de uma vez, fizeram sempre parte de órgãos de gestão do ISA, o que sem um levantamento exaustivo se anota a seguir: Conselho Pedagógico, 83-85 (E.S.), Conselho Científico 85-87 (A.M.A.), 87-90 (F.L.E), 90-92 (J.D.A), 93-95 (Ilídio), Presidente da Assembleia de Representantes, 95-97 (E.S.), 97-00 (J.D.A).

Esta foi, digamos, a génese institucional da formação e continuidade dum encontro que, sem menosprezar outros colegas e amigos com quem trabalhámos, se tornou muito solidário por exigências fortes de liderança consensual, particularmente, no período de condições difíceis de transição de funcionamento dum regime autoritário para o outro extremo, o da criação de hábitos de discussão, decisão e contestação livre e democrática, que implicavam permanente troca de ideias e projectos para sustentar com sucesso um caminho de estabilidade. E é com algum orgulho que julgamos que para isso contribuímos.

E não deixe de recordar-se como foi importante neste percurso, a permanente troca de ideias, reuniões formais e informais em que se ia participando com os diversos centros de decisão do ISA, digamos mesmo de poder, que o tempo fora isolando e reforçando, e difíceis de demover ou de trazer a um esforço comum com cedências mútuas. A este respeito, alguma heterogeneidade de origens do grupo que fomos constituindo e a forma de actuação encontrada permitiu facilitar as tarefas.

Com algum espírito desportivo, isto é de luta por causas sem receio de derrotas, o grupo reforçou-se por quase sempre se sentir bastante apoiado e por ir aliando à vivência diária e ao formalismo das reuniões, a informalidade dos contactos e dos encontros que conduziram até, a que fixássemos uma reunião semanal no exterior do ISA, à hora do almoço, para debate de problemas e maior descontração. Durante mais de 30 anos, tem-se mantido este contacto das 3.^{as} feiras, ultrapassada mesmo a vida activa académica oficial e a entrada nas reformas individuais, que persiste até hoje.

* * * *

Vamos entretanto recordar, ainda que em termos breves e sob o risco de resvalar, ou de ser considerado como tal, para um elogio em benefício próprio, o papel que de facto foi desempenhado neste contexto de condução tranquila e apoiada da gestão do ISA e de criação dum clima de vivência académica, sem grandes convulsões, como as que se verificaram noutras escolas, ao ter sido possível a certa altura avançar para reformas do ensino tantas vezes tentadas e frustradas, mas agora levadas a cabo, o que não quer dizer sem oposição nem contrariedades em algumas circunstâncias.

E, embora com antecedentes em que se evidenciaram acções importantes de outros destacados professores do ISA, não deixa, e por isso também o dever de recordá-lo, de estar ligado ao espírito dos elementos deste grupo e à sua intervenção, mais directamente a alguns deles, a transformação das condições institucionais da investigação científica no ISA, com o integração gradual de todas as áreas da Escola e criação a partir de 1975 de 7 Centros de estudos do Instituto Nacional de Investigação Científica, que com pequenas alterações são na sua maioria os que ainda hoje se integram na Fundação da Ciência e Tecnologia.

Eventualmente, a tarefa a que o grupo, como tal, meteu ombros, de maior pujança e vitalidade, foi a da reforma do ensino ISA, a partir do trabalho da Comissão que ficou conhecida como CREISA (Comissão de Reestruturação do Ensino do ISA), nomeada pelo Conselho Científico em Abril de 1984, sendo os trabalhos coordenados pelo respectivo secretário do Conselho (A.M.A.) e dela fazendo parte F.L.E., Ilídio e E.S. Depois de mais de trinta anos, com pontuais pequenas modificações, em que se mantinha a velha reforma de 1952, ultrapassada há muito quanto a objectivos, estruturas, métodos e actualização científica, foi possível, após grande esforço para o envolvimento de toda a escola num novo projecto conseguir que de forma sucessiva comesçassem a funcionar novas licenciaturas, novas estruturas curriculares e modelos pedagógicos em aproveitamento de legislações novas, como a da autonomia universitária de 1989 ou a da criação de cursos de mestrado. E este movimento teve como núcleo dinamizador principal o nosso grupo que entretanto assumira posições directivas nos órgãos de gestão, nomeadamente no Conselho Científico, autonomizando-se de certo modo da Comissão inicial da CREISA, embora por outro lado ganhando apoio individual de outros colegas em zonas chave da reforma.

* * * *

Entretanto, tendo avançado a incontornável roda do tempo e a sentença da aposentação da vida activa oficial comesçasse a ser executada, de modo nenhum, algo nos apontava uma sentença inexorável de quebra de vitalidade e de capacidade. (O Ilídio era a este respeito um exemplo; sempre em actividade: ainda trabalho escolar, investigação, publicações, cooperação intensa com África;... sempre (ou quase) o último a chegar aos nossos encontros e o primeiro a sair para uma reunião de trabalho que tinha marcado ou ia marcar). É neste momento que o grupo começa a reflectir sobre a utilização possível não só das capacidades que ainda lhes subsistiam, mas também da utilidade de aproveitamento da experiência de vida que naturalmente havia. Donde ter surgido a ideia de elaboração dum livro sobre a história do ISA que cobrisse toda a segunda metade do século XX, exactamente aquele período do nosso conhecimento directo, mas também aquele que nunca tinha sido objecto de qualquer outra publicação de tipo global. E foi pôr mãos à obra com trabalho intenso para a recolha vasta e única de informação e para o concretizar de um texto factual, todo ele baseado em documentos primários, sem opiniões pessoais avulsas e enviesadas. Foi bem uma meia dúzia de anos que deram, para nós, só por si, sentido e justificação, a uma reforma útil e não lamurienta. E para a comunidade, um documento de consulta e conhecimento duma época importante: "O Instituto Superior de Agronomia na segunda metade do século XX".

Sempre e enquanto, com maior ou menor pormenor, evocarmos estes tempos será com emoção que recordaremos o Ilídio, na sua integralidade, de exemplaridade profissional e familiar, estando certos, que assim melhor lhe respeitaremos, como merece, a sua memória.



No Salão Nobre do ISA, apresentando e autografando o livro "O Instituto Superior de Agronomia na segunda metade do sec. XX".

O MEU AMIGO, ILÍDIO MOREIRA

Fernando Gomes da Silva

A amizade vive-se, usufrui-se e retribui-se; não se escreve e só os bafejados pelo talento e pelo dom da palavra a descrevem de forma conveniente.

Limitar-me-ei pois a referir que tive o privilégio de usufruir da Amizade do Ilídio, sim Amizade com maiúscula! Registo, desde que o conheci ao entrar em 1955 para o Instituto Superior de Agronomia, frequentava então o Ilídio o 3.º ano do curso, até àquele dia 29 de Abril de 2011, inúmeras expressões de sincero afecto e enorme cumplicidade humana com o meu Amigo Ilídio Moreira. A nossa relação pessoal cimentou-se desde muito cedo numa relação familiar alargada na qual tiveram papel determinante as nossas mulheres, a Amélia e a Teresa. Guardo em meu poder o Livro de Curso do Ilídio e da Amélia com uma expressiva e simples dedicatória: “Aos amigos Maria Teresa e Fernando, da Amélia e Ilídio – 29 de Jan 1961”. Na sua forma singela estavam contidas nestas palavras uma grande riqueza de sentimentos e laços já muito fortes que ao longo das nossas vidas se foram apertando e se expressavam de forma particularmente intensa sempre que, de um ou outro lado, a vida colocava a qualquer de nós os momentos mais marcantes, os bons e os mais difíceis.

Recordo, com saudade, anos seguidos de férias em conjunto, já com os nossos filhos, passados nas Açoteias ou na Praia da Luz, ou na Meia Praia, antecédidos de viagens que tocavam a aventura na velhinha Estrada Nacional 2 a cujo transito se fugia saindo de Lisboa pelas 5 da manhã para chegar ao Algarve 5 ou 6 horas depois. Viagens pontuadas por paragens estratégicas para que pudessem ser colhidos mais uns exemplares de *Cynodon dactylon* (L.) Pers., essa ervinha mágica da qual até os nossos filhos já sabiam o nome sem perceber muito bem a sua importância para o Amigo Ilídio. Recordo com igual saudade as dezenas de encontros, a dois ou em grupo alargado de amigos, no Salvador, na Rua da Gente Nova em Oeiras, e até duas ou três “passagens de ano” em casa de meus Pais nas quais celebrámos os anos do Ilídio. Recordo uma especial deslocação a Fátima com passagem em Mira d’Aire, no carro do Pai da Amélia, na qual o Ilídio fez passar as rodas por cima de um pequeno socalco na borda da estrada o suficiente para o carro se voltar e ficar, muito bem arrumado, com o lado esquerdo encostado ao alcatrão. Apenas um grande susto e mais uma oportunidade para um dia selado pela amizade que nos unia.

Foram momentos importantes de crescimento e consolidação de uma sólida amizade na qual pontuava a humanidade inesgotável do Ilídio. De poucas palavras, tinha sempre a palavra certa, apontando a sua linha de rumo para a responsabilidade de trabalharmos no essencial dirigido ao bem comum e de não nos perdermos no supérfluo ou nas circunstâncias conjunturais.

Mas recordo também alguns momentos mais difíceis que a vida nos proporcionou em comum marcados sempre pela mesma força da Amizade. E mais uma vez foram momentos vividos com a força da presença da Amélia e da Teresa. A mobilização militar do Ilídio para a Guiné com a sua partida de Viana do Castelo, onde nos deslocámos para a despedida, reforçada dois dias depois pelo seu embarque no cais de Alcântara. O acidente de automóvel que deixou o Jorge entre a vida e a morte e as horas passadas no Hospital de S. José. E por fim, o período final da vida do Ilídio, com a esperança sempre adiada que tudo não passasse de um pesadelo ao qual a ciência médica acabaria por ditar um final feliz.

Foi deste lado da vida que a amizade entre nós se revelaria mais sólida e sempre mais presente. Percebo hoje, sem dúvida de forma mais nítida, que o Ilídio foi um corredor de fundo, em acção silenciosa e discreta, mas nunca ausente. Foi um semeador e um cultivador da Amizade séria e profunda, foi um alimentador da relação com o próximo que, qualquer que fosse o motivo, com ele se cruzava. Tive o privilégio de o encontrar na minha vida.

Houve no entanto uma muito especial circunstância que não posso deixar de referir pelo significado que entendo caracterizar a amizade que nos unia.

Em 1993 fui desafiado pelo Ilídio para participar num programa de investigação por si coordenado. Confesso que de início não percebi muito bem qual o papel que, alguém como eu ligado desde sempre à Economia do Sector Agrícola, poderia desempenhar num projecto de investigação em Herbologia. Ao conversar com o Ilídio percebi a sua intenção. Tratava-se de candidatar um projecto ao Programa STRIDE – medida D, gerido pela JNICT com verbas comunitárias. O programa obrigava a que os projectos associassem, na sua concepção e posterior gestão, empresas que se provassem interessadas economicamente nos objectivos da investigação. O Ilídio conhecia bem o impacto que as infestantes aquáticas tinham nos canais de rega nas áreas agrícolas de regadio, concretamente na Lezíria Grande de Vila Franca de Xira. O seu convite era pois para que se encontrassem empresas agrícolas dessa área que integrassem o projecto "Luta integrada contra infestantes aquáticas". Participaram nesse projecto as empresas Companhia das Lezírias, SA e Sociedade Agrícola do Faiel, SA, esta última sob minha gestão.

O projecto decorreu sem acidentes de percurso, cabendo-me a tarefa da sua gestão administrativa e da prestação de documentos e contas à JNICT.

Em final de Outubro de 1995 tomei posse no cargo de Ministro da Agricultura do Desenvolvimento Rural e das Pescas, tendo sido substituído como gestor da Sociedade Agrícola do Faiel pelo meu filho Francisco.

Por razões que não importa aqui explicar, com base em denúncia jornalística, fui, em 1996, acusado de ter defraudado a gestão do citado projecto, nele tendo incluído facturas falsas com vista a obter indevidamente financiamentos. Ou seja era acusado de fraude no uso de fundos comunitários e por arrastamento, como corresponsável do projecto, o Prof. Ilídio Moreira era igualmente acusado. Em consequência e após processo instruído pelo Ministério Público fomos constituídos arguidos em processo-crime que seguiu os seus trâmites na mais que morosa justiça portuguesa. O processo veio a ser julgado em 1999 ou 2000.

À distância de mais de 10 anos e após decisão do tribunal ilibando totalmente os arguidos, provavelmente, já ninguém se lembra deste caso. Ficou-me no entanto gravado de forma indelével o comportamento do Ilídio, pela maneira como reagiu à enorme injustiça e calúnia de que fomos vítimas durante mais de três longos anos. Já Prof. Catedrático do Instituto, enfrentou a comunidade académica com o peso de estar arguido em processo-crime e sujeito a buscas e inquéritos da P.J., revelando uma enorme serenidade e na mais absoluta e total solidariedade para comigo.

No contexto da pressão diária do desempenho de funções ministeriais, só de longe em longe me lembrava que o processo corria os seus trâmites, mas no Instituto o clima deveria ser bem diferente. Não é normal um Prof. Catedrático estar arguido em processo-crime. A amizade e a confiança que sempre me transmitiu, assumindo por inteiro a corresponsabilidade por uma área do projecto

na qual era eu, de facto, o responsável, nunca maculadas por qualquer esboço de desculpa que o afastasse do que pudesse vir a ser um desfecho menos favorável, gritaram bem alto as suas qualidades humanas e a amizade que, dos bancos do Instituto, nos unia, sedimentada na sua inabalável integridade de Homem.

Era assim o meu Amigo Ilídio Moreira.

O ILÍDIO

Fernando Catarino

Foi por meados da década de cinquenta que tive a feliz oportunidade de conhecer melhor e de bem perto o Ilídio. Foi num dos campos de formação que a JUC organizava nos Remédios, em Peniche.

Já nos tínhamos cruzado em reuniões, colecções e, até num retiro nos Olivais. Mas ali, naquele belo sítio, do Santuário sobranceiro ao mar, no decorrer de intensos dias, foi o tempo de nos conhecermos melhor, em cada refeição, nos tempos de recreio ou oração e na aprendizagem e vivência, para alguns iniciática, da Liturgia

Ele vinha de Moçambique de onde vieram vários companheiros do Lar da Miguel Bombarda, 50.-5.º.

Chegavam a Lisboa, bem preparados para a vida académica e com vistas bem mais largas do que os que chegavam do Portugal profundo.

O contraste era enorme. Nas nossas províncias de cá, vivia-se a triste mediania do pós-guerra, espelhada tanto nos orçamentos pessoais, apertadíssimos, como na deficiente, enviesada e escassa formação cultural e cívica.

Com a malta do Ultramar as coisas eram bem diferentes. No geral, tinham melhores posses, eram extrovertidos e mexiam-se como peixe na água na academia e na actividade associativa.

Ora, desde o primeiro contacto que tive com o Ilídio vi que ele era diferente do estereótipo que eu fazia dos Laurentinos na Metrópole. O Ilídio era de poucas falas, pouco expansivo, de semblante sério, a antítese dos espalha-brasas e dos que, pelo ruído e galhofa, marcavam o território em que se moviam.

O Ilídio foi sempre assim pela vida fora. A discrição em pessoa.

Ele vivia, como a maioria dos alunos do ISA, muito na esfera da Tapada, com postigos abertos para o Calvário, de onde se partia para a cidade, após passagem apressada por alguma das várias "Fonte dos Passarinhos", onde se comia uma sopa ou uns pregos, enquanto se davam e sabiam notícias que respeitavam a toda a academia lisbonense.

Eu, por natureza, sempre mais disperso, pelo Lar, pela tropa, feita como um ATL sempre cá, sem mobilizações nem idas para a guerra convivia na Politécnica. Pouco privava com ele nos anos da formação académica, salvo nas actividades que referi das reuniões das equipas da JUC, inter-escolas, sob a batuta austera e exigente do Dr. Rodrigues.

10 anos depois da Benção das Pastas em 1958, ao procurar habitação mais espaçosa para a Família, acabei por encontrar, em Carcavelos, uma casa que, por mero acaso, era quase paredes meias com a da Amélia e do Ilídio.

As nossas Famílias passaram a viver e a crescer sempre em frutuosa vizinhança, tanto mais que os nossos Filhos têm idades muito próximas.

Agora com os netos, dele e os meus, a viverem muito perto das nossas moradas, as memórias boas que eles nos suscitam, ajudam a superar as mais custosas. E cada dia nos damos conta das marcas que o Ilídio deixou, de coerência de vida, afecto contido e cuidado pelos outros.

O apego e disciplina pelo seu labor de professor sempre foram de par com afabilidade e permanente calma que tanto marcaram a humanidade peculiar dele, mesmo quando a saúde já fraquejava, mal se aposentou.

Acompanhei, até por ossos do ofício, a seriedade e o completo empenhamento que o Ilídio punha em todos a sua vida académica e profissional. Liberto das obrigações académicas formais, entregou-se ainda mais ao que foi um objectivo constante na sua vida universitária e cívica.

À distância do tempo, lembro-o, ainda aluno, empenhado num ambicioso projecto de futuro: o de formar, estimular e acompanhar, cultural e cientificamente, quadros que ainda escasseiam no vasto continente que o viu nascer.

Perdi um Vizinho bom e um Amigo, mas há mais um Santo no Céu.

OS CONSELHOS DO ILÍDIO MOREIRA

Francisco Castro Rego

O Instituto Superior de Agronomia, como local onde se cultiva a educação e a ciência, sempre precisou para a sua boa gestão de bons *conselhos*, pedagógicos e científicos.

Aprendi essa lição à mesa de jantar, ainda garoto, no final dos anos sessenta, quando o meu Pai voltava das reuniões complicadas do ISA e desabafava com a Mãe e connosco, filhos, os problemas da gestão de uma escola que vivia períodos de grande novidade turbulenta em que os *conselhos* dos mais avisados tinham o valor do equilíbrio que propunham. Mais tarde, nessas conversas do jantar familiar tomava eu depois já partido, como aluno de Silvicultura de um Instituto em revolução, tentando a minha modalidade incipiente de combinação de uma radical utopia socialista minha com uma moderação respeitosa das ideias e das pessoas que tentava herdar do meu Pai.

E nesses anos setenta de discussão, controvérsia, frenesim, encontravam-se algumas referências que todos reconheciam como valores seguros para o encontro de equilíbrios fundamentais para a escola. E era aí que se situavam os *conselhos* do Professor Ilídio Moreira, numa linha moderada que ganhava simpatias em muitos e volume na voz do sempre amigo Gomes da Silva. Eram estas algumas das referências comuns à minha família em casa e na escola.

Fui para Trás-os-Montes, e nos anos oitenta estive no início do ensino florestal na UTAD e no IPB. Também nessas paragens me voltei a cruzar frequentemente com o Ilídio Moreira e mais uma vez assisti aos seus *conselhos*, sempre respeitados e discutidos, nunca cinzentos. Anos noventa: voltei para Lisboa, e a circunstância ditou que, na volta ao ISA, me coubesse presidir ao Conselho Directivo. Foi um período difícil, exigente, também cheio de turbulências. Foi um grande e verdadeiro esforço coletivo com o João Pedro, a Cristina e a Fernanda Cabral. E com a Margarida Tomé a tentar dar ao ISA um renovado Conselho Pedagógico...

Foi só nessa altura que privei mesmo a sério com o nosso Ilídio Moreira. Eu no Conselho Directivo, ele no Conselho Científico do ISA. Continuou a ser meu professor (tinha-me ensinado Histologia) mas passou também a ser colega e até cúmplice. Tinha já conquistado o ISA há muito tempo, conquistou-me como amigo nessa altura. Assisti ao entusiasmo que tinha pelas boas iniciativas, fossem dele ou doutros desde que fossem justas. Talvez a mais simbólica tenha sido a do Curso de Bacharéis Agro-Florestais em Cabo Verde, com o Carlos Cabral e o Manuel Correia. Consegui motivar a escola, ganhar simpatias e apoios, congregar vontades e energias. Foi dos primeiros a ir. A ensinar. O espírito de missão sem ser missionário. Uma lição.

Passou o milénio, fui estando no ISA e noutros desafios. Fui encontrando o Ilídio Moreira em diversas iniciativas sempre procurando na sua bondade cristã consensos com os outros e sempre dando *conselhos* aos muitos que lhos pediam. Ao ISA (e a mim) tinha dado antes o seu Conselho Científico, passou a dar-me o prazer mais esporádico de encontros em temas da sua Botânica, como quando cooperámos no doutoramento da Cristina Duarte. E sempre um grande gosto.

Fica aqui mais este pequeno testemunho de um dos que muito aproveitaram com os *conselhos* de ciência e de vida do (sempre) amigo Ilídio Moreira.

RECORDAÇÕES DO ILÍDIO MOREIRA

José Manuel Barrocas

Nos idos de 1953 então jovens caloiros subíamos a rampa da Tapada da Ajuda que dava acesso ao vetusto e até de certo modo imponente edifício do Instituto Superior de Agronomia integrado na Universidade Técnica de Lisboa para assim iniciarmos os estudos universitários. Escola erigida no tempo da 1.^a República aquando da separação dos estudos de Veterinária dos de Agronomia e construída sob a égide do Ministro Brito Camacho. Nessa altura tinha a particularidade de ser única onde se ministrava o ensino superior agrícola em Portugal “d’aquém e além mar”.

Por este motivo os alunos representavam a diáspora portuguesa pelo mundo espalmada ali num microcosmos de diferentes origens transportando outros sentires de outras civilizações e sussurrando-se mesmo com certa cautela o que viria a ser o dramático problema colonial. Foi assim que conheci o Ilídio Rosário dos Santos Moreira vindo do liceu da então cidade de Lourenço Marques. Era um sujeito calado mas observador atento ao seu mundo e sonhava com projetos de desenvolvimento económico do Sul do Save. Criámos uma empatia especial que se transformou num companheirismo de estudo em conjunto. Tanto era a monótona e repetitiva botânica sistemática como os complexos aspetos das matemáticas gerais e do cálculo infinitesimal dadas aliás de forma magistral pelo saudoso mestre que foi o Prof. José Sebastião e Silva.

Como nota curiosa refiro um certo emperrar que tive no desenvolvimento de uma demonstração e que me foi explicada calma e logicamente pelo meu colega de trabalho. Este foi o motivo por que lhe chamava “o nosso quádras” pois esta era a matéria em questão.

O Ilídio também se interessava por aspetos religiosos e sociais e a sua voz era sempre ouvida com amizade e apreço ao longo dos cinco anos que duravam então as licenciaturas. Após este período dito escolar era necessário completá-lo com um estágio e apresentação de uma tese de licenciatura com discussão em sessão pública para se ter direito ao diploma de engenheiro agrónomo.

Aqui separámo-nos e supondo eu que ele estava ligado às botânicas eis que apresenta uma dissertação intitulada “Aspetos económicos e sociais da obra de povoamento do Vale do Limpopo”.

O serviço militar obrigatório juntou-nos novamente no Curso de Oficiais Milicianos e começámos a escalada traumática e desesperante que caiu sobre a juventude de então com o começo da guerra colonial de 1961 – 74 com sucessivas “presenças por convocação”. Mas o inferno não terminava aí pois as “malhas que o império tece” voltaram a tecer um novelo à nossa volta.

A guerra não tinha solução à vista; a política era recusada pelo regime ditatorial e a militar ia deixando o seu rasto de sangue e sofrimento ao longo de um império agonizante. Sem quadros para alimentar a voracidade de uma guerra em três frentes, viu-se o regime obrigado a colmatar a lacuna existente entre oficiais subalternos e superiores com a solução que tinha “mais à mão”. Fomos nós as vítimas dessa política predadora.

Mais uma vez voltámos a encontrar-nos na escola Prática de Infantaria no terrível Curso de Promoção a Capitão naquilo a que chamávamos a Penitenciária de Mafrica.

Foi uma dolorosa passagem para nós já trintões e com família constituída ver-mo-nos nessa dolorosa situação. O Ilídio foi mobilizado para a Guiné, comandante de uma companhia opera-

cional no mato e conseguiu, para mim uma coisa espantosa, continuar a estudar para o doutoramento conciliando a guerra com a calma e reflexão necessárias para a ciência.

A tese foi apresentada e discutida e intitulou-se "Aspetos da biologia de infestantes rizomatosas" (1976).

Iniciando uma carreira académica e científica que culminou com a posse de Professor Catedrático em 1981. Paralelamente desenvolve uma carreira científica como orientador de mestrandos e doutorandos sendo também convidado para participações externas nas Universidades do Porto, Açores, Instituto Politécnico de Santarém (de que foi Presidente), membro do conselho científico de várias escolas superiores agrárias, instituições de ensino superior estrangeiras e Instituto de Investigação Científica e Tropical sendo Presidente do Centro de Botânica durante dez anos. Como produção científica relevante publicou só no âmbito do Departamento de Proteção de Plantas e de Fito ecologia cerca de uma vintena de publicações entre monografias e artigos. O nosso curso tem o hábito de promover reuniões semanais e o Ilídio era um dos seus animadores habituais e amiúde organizador.

Soube que estava a trabalhar juntamente com mais três colegas na feitura de uma obra que se veio a intitular "O Instituto Superior de Agronomia na segunda metade do século XX". Trabalho volumoso, e exaustivo relata a vida desta escola, assinala o trabalho dos seus mestres e enumera meticolosamente a produção científica daquela que foi a referência do ensino superior agrícola durante décadas.

Este livro constituiu um pretexto para uma reunião semanal dos autores num simpático convívio a que também me associei. Passei pois a encontra-lo frequentemente, recordar os velhos tempos e inteirar-me que continuava, apesar de jubilado, a integrar-se em ações e acompanhamento de situações relativas á profissão.

Estava interessado em reerguer o antigo Instituto de Investigação Agronómica sediado na antiga Nova Lisboa (hoje Huambo) que teve grande prestígio científico e desejava publicar uma monografia creio que sobre plantas infestantes dos nossos rios.

Falava com serenidade da doença, um pouco perplexo sobre a sua verdadeira natureza e das análises e tratamentos muitas vezes dolorosos a que se submetia.

Um dia a cadeira onde se sentava ficou vazia, o Ilídio partira.

Foi um bom homem.

EVOCÇÃO DO PROFESSOR CATEDRÁTICO EMÉRITO ENG.º AGRÓNOMO ILÍDIO ROSÁRIO DOS SANTOS MOREIRA 1936-2011

José Marques Moreira

Caro Ilídio

Como vai longe o ano de 1953, quando pela primeira vez nos encontramos, caloiros do “nosso” Instituto Superior de Agronomia, o velhinho ISA. Nem realizo que já se passaram tantos anos!

Eras um dos recém-chegados jovens moçambicanos, juntamente com o sempre risonho Augusto Félix Rodrigues, os dois jacto-viajantes do Comet da BOAC, o circumspecto Carlos Alberto Araújo e o Manuel Carlos Manteigas Souto, conhecido contador de anedotas (quem não se lembra do Zequinha, o eterno “bronquista”?), e o Carlos Alberto Hespanha de Oliveira, todos vocês excelentes colegas.

Naquele tempo a maioria dos alunos de agronomia vivia na zona de Alcântara / Alto de Santo Amaro – Calçada da Tapada, ruas da Creche, Lusíadas, Luís de Camões, Indústria, José Maria Rodrigues e outras das proximidades – a que chamávamos “o Bairro”, ou, em tom mais académico, “a aldeia”, em contraste com “a cidade”, que subentendíamos como a “baixa” de Lisboa.

Era com estes colegas do Bairro que convívamos diariamente, sobretudo no intervalo das aulas e após o jantar, enquanto se desopilava um pouco durante a tomada da bica na leitaria do Sr. Gouveia ou na Estrela da Manhã, antes de iniciarmos a sessão de estudo da noite.

Tanto quanto me recorde não eras frequentador assíduo destas mini-tertúlias de leitaria nem eras comensal da Luísa, onde eu mais frequentemente almoçava e jantava, por vezes intercalando com a Junqueira de baixo (quando havia necessidade de economizar!), Junqueira de cima (quando tinha saudades e possibilidade de melhorar o ambiente), “Morte Lenta”, Fonte dos Passarinhos ou José Duarte, antes do aparecimento da nova cantina do ISA.

As oportunidades de convivência eram contudo mais que suficientes para apreciarmos a tua vida regrada, o sentido da responsabilidade, as qualidades de trabalho, aliadas talvez ao teu carácter um pouco mais reservado do que o de outros colegas, daí resultando certamente as tuas boas prestações, quer ainda como aluno quer ao longo de tua pródiga vida profissional.

Quis o destino que, por casa do meu primeiro chumbo, a Botânica, tenha havido um abrandamento no nosso relacionamento, por teres passado para o segundo ano enquanto eu marquei passo no primeiro. Pouco depois ausentei-me do ISA para cumprimento do serviço militar, com o consequente afastamento dos meus companheiros de agronomia.

Porém, com a normalização da situação, a conclusão dos cursos, estágios e relatórios finais, e a minha ida para assistente do Curso de Arquitectura Paisagista, retomamos quase na íntegra a antiga convivência, pois encontrava-te frequentemente no Gabinete de Botânica quando ali ia consultar o Professor Vasconcelos, o Professor Amaral Franco e a Dr.ª Lisete Caixinhas ou apenas o herbário. Lá estavas regularmente a trabalhar, atarefado nas investigações, ensaios ou preparativos para provas de ascensão na carreira académica.

Ainda estou a ver-te, numa das primeiras vezes, de tesoura em punho a cortar erva aos bocadinhos, talvez para reprodução. Seria *Cynodon dactylon*?

Entretanto iniciaram-se os convívios comemorativos da entrada no ISA do Curso de 1953/1958, o primeiro em 1976, em Azeitão, coordenado pelo nosso colega António Francisco Avillez, o

segundo em 1996, no Bombarral, Quinta dos Lorigos (então também do Avillez), seguindo-se depois quase todos os anos, nomeadamente o sétimo, no Casal da Fonte do Porto, Cercal, Montejunto, impecavelmente organizado por ti e pela Amélia, o penúltimo em que minha mulher me acompanhou. Sempre óptimas oportunidades de bate-papo e recordação dos factos mais marcantes da nossa juventude.

Caro Ilídio, foi no entanto durante o período conturbado do ISA, em 1974/1977, para mim difícil, quando me atribuíram a gestão do curso de Arquitectura Paisagista após o saneamento do Prof. Caldeira Cabral, e quando fazias parte do Conselho Directivo, que tive a oportunidade de melhor apreciar as tuas qualidades de carácter, coerência, bom senso e calma, na resolução, muitas vezes com um ténue sorriso, quase "giocôndico", das questões que surgiam, frequentes e nem sempre fáceis.

Não poderemos esquecer ainda o quanto contribuíste com material escrito para o conhecimento científico e cultural de todos nós e a disponibilidade com que desempenhaste alguns cargos, mais ou menos aborrecidos, mas de interesse colectivo. Estou a lembrar-me, ainda recentemente, de ir encontrar-te como presidente da Assembleia Geral da Associação dos Amigos do Jardim Botânico da Ajuda, então presidida pelo Vice-Almirante Nuno Vieira Matias.

Já depois da minha aposentação tive a veleidade de publicar um livro – *Árvores e arbustos em Portugal* – relacionado com uma das matérias que leccionei durante duas décadas, devidamente arrumada e preparada para uma fácil utilização por alunos e profissionais.

Tratando-se de matéria bastante vasta, deficientemente informada do ponto de vista científico, compilada ao longo de muitos anos e ainda com vários aspectos mal esclarecidos, era, para mim, uma tarefa muito pouco atractiva. Foi contudo graças ao incentivo e à coragem que alguns amigos me incutiram (tu incluído, por mais de uma vez), que consegui ter o livro pronto para impressão em meados de 2008.

Entre os editores contactados apenas um deles aceitou pegar na obra apesar do elevado custo da edição, encarregando-se ele de obter os necessários apoios financeiros. Mas eu teria de candidatar-me a uma bolsa da Fundação Para a Ciência e Tecnologia (FCT), a qual exigia também a apresentação de uma declaração abonatória prestada por um doutorado na especialidade em apreço.

Bem ponderada a situação, acabei por me decidir a bater à tua porta e solicitar-te este grande favor. Quem melhor do que tu poderia valer-me nestas circunstâncias?

Felizmente para mim aceitaste-o com o tal sorrizinho e a FCT contribuiu com uma parte das despesas.

Recordado assim algo inter-relacionado com as nossas vidas, pouco mais haveria a dizer, mesmo nesta actualidade em que, julgo, se pensa pouco e se fala demasiado. Em nossas vidas tudo é efémero e relativo, variando muito os valores em jogo consoante a conjuntura existente.

Levaste sem dúvida uma vida exemplar, de carácter, bondade e qualidades de trabalho digna de ser seguida pelos teus descendentes e amigos.

Até breve.

Com grande consideração e a amizade do

José Marques Moreira
Oeiras, 29.02.2012

“MESTRE”

Manuel Correia

Sou daqueles que pensam que, por esta ou por aquela razão, há dias marcantes na vida de uma pessoa.

Dia 29 de Abril de 2011, faleceu no Hospital da Luz por volta das 16,30 com uma síncope o Professor Ilídio Moreira. Neste momento a tentação será sempre de dizer, ele terá sido a pessoa que mais me marcou. Não querendo ser injusto em juízos, não tenho dúvidas que ele está no grupo bem restrito de pessoas realmente importantes para aquilo que sou hoje sob o ponto de vista humano, académico e de dirigente. Humildade, seriedade, paciência para com a estupidez (no caso dele por vezes demais), profissionalismo e uma paixão pelo ensinar são características que aprendi com ele a aperfeiçoar.

Conhecendo-o desde que ingressei no ISA em Novembro de 1975, é já na década de 80 que vamos estreitando relações mas é sobretudo na década seguinte que nasce uma relação de amizade idêntica à de pai para filho talo nível de cumplicidade que ele teve a bondade de ter comigo (e eu, tenho a certeza, não fui o único a ser tratado dessa forma já que ele não sabia ser de outra forma).

Nesse dia 29 de Abril, a Cristina Mariz avisou a minha secretária da sua morte e ter-lhe-á dito “vê como lhe dizes pois eles eram unha com carne”. No meio do despacho desse dia, com uma voz embaraçada, a Armanda deu-me a notícia que naturalmente me deixou petrificado e com os olhos rasos de lágrimas. Assaltaram-me de imediato dois pensamentos:

– O primeiro, e que é aquele que quase todos sentimos quando morre alguém muito querido, é o de nos interrogarmos se teremos feito tudo o que o que poderia no acompanhamento dos últimos tempos e neste caso de um professor reformado para já não falar dos tempos finais da sua vida que, por diversos motivos, não acompanhei de todo.

– O segundo foi a lembrança de um encontro que tive com ele e que iria, sem qualquer dúvida, mudar profissionalmente e também humanamente a minha vida. Ao cruzar-me com ele nos corredores do ISA, aí pelos inícios de 1992, ele acabado de ser eleito Presidente do Conselho Científico e eu sendo um doutorado ainda imberbe me diz: -“Preciso da falar contigo, importas-te de passar hoje pelo meu gabinete?”, intrigado, uma vez que as nossas áreas do saber naquela altura pouco se cruzavam, respondi de imediato que sim.

Depois de bater à porta e me sentar ele dispara:

– “Querias convidar-te para secretário do Conselho Científico”

– “Eu?!, porquê, qual a razão”

– “Acho que é de ti que eu preciso”

– “O que é que você conhece de mim?”

“Informe-me ou melhor, confirmei a minha impressão com o Mendes Ferrão (então o meu Professor)

– “Então o que é que ele disse de mim?”

– “O que toda a gente sabe – que és um sacana do caraças”

– “Então tenho que aceitar, certo?”

- "Alguma dúvida?"
- "Não chefe"

Será presunçoso da minha parte dizer que o diálogo terá sido tal e qual este relato mas tenho a certeza, que não terá andado muito longe.

Nascia assim uma amizade e uma admiração mútua cuja profundidade só muito poucas pessoas a conheciam (a mulher dele, a Amélia Frazão a quem ele toda a vida dedicou uma paixão fantástica, a Maria, a Ana Monteiro (a colaboradora dele mais devota), a Cristina Mariz, o Raul Jorge, O Carlos Cabral o Fernando Baptista e fundamentalmente os alunos que em Angola e Cabo-verde tivemos e orientamos a partir daquela data.

A verdade é que este convite me permitiu conhecer por dentro a Faculdade o que viria a ser um valor acrescentado para tudo o que eu viria a fazer desde então pois, nomeadamente no que diz respeito aos jogos de poder e de influência e fundamentalmente o conhecimento profundo das questões. A minha propensão para relatar o que se passa à volta de uma mesa, eu era então o Secretário, viria a ser decisiva para o funcionamento da CCCC (Comissão Coordenadora do Conselho Científico).

Este entendimento entre nós os dois acabou por ter duas dimensões distintas que gostaria de deixar registadas. Uma interna, relacionada com o ISA e outra a nível da internacionalização do ISA nomeadamente na sua relação com os PALOP.

A **nível interno**, ou seja, na condução do Conselho Científico, a minha forma frontal e directa de ir aos assuntos "torcidos" e de o picar para deixar de resolver alguns dos assuntos com punhos de renda, o facto de fazer actas circunstanciadas sobre algumas prosápias dos senadores que se sentavam na comissão coordenadora e que levaram ao pedido para que as actas não fossem tão pormenorizadas pois não se lembravam de ter dito isto ou aquilo – ao que eu do alto da "minha sabedoria" referia se não quisessem que eu escrevesse que não dissessem as coisas; a luta velada que por vezes faziam ao Ilídio através de terceiras pessoas, propostas com segundas intenções e toda uma panóplia de situações permitiu-me ter (acho eu) a noção exacta de quem era quem na escola e ter uma forma nova e olhar para o seu interior e vê-la como mais uma corporação em que cada sector defendia mais os seus interesses em nome dos da escola.

Foi, sem dúvida uma fase muito importante para mim, principalmente de crescimento como homem. Contrariamente ao que imaginava, a minha irreverência era levada muito a sério pelo professor Ilídio Moreira que muitas vezes, quando estávamos sozinhos e eu o "picava" para defender determinadas situações ele, com uma paciência que ele só poderia ter me dizia "não achas que estás a exagerar – diz quais são os teus argumentos". Foi ele que me ensinou a tomar decisões ouvindo todos e decidir em favor da Instituição o que viria a ser decisivo para a minha passagem como presidente do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD). Como diabético que ele era, percebi cedo que ele lidava muito mal com ataques velados e que se exaltava com facilidade com reflexos directos no seu bem-estar. Aprendi então a entender esses ataques e a falar antes dele para que ele tivesse tempo de acalmar antes de falar, aprendemos a ler o olhar um do outro, a entender os pontapés que dávamos um ao outro debaixo da mesa das reuniões enfim, acabou por se consolidar uma cumplicidade e uma amizade da qual me orgulho e naturalmente me envaideço.

Outra grande lição que este mestre me deu foi que, mesmo numa academia, o respeito que temos de ter por outros deverá vir não da idade ou da graduação que ele ostenta mas das ideias e dos

valores que cada um defende – decisiva esta aprendizagem para a minha vida. Quem o conhecia bem, irritava-se muitas vezes, com o facto de em algumas reuniões ele não dar um murro na mesa e dizer -“ok, já ouvi mas as coisas deverão ser feitas desta maneira”, a paciência infinita dele levava-o sempre à vitória por cansaço.

Outra característica que por vezes me irritava e que viria a também a ser uma lição para mim, era a de em qualquer circunstância, a sua disponibilidade para fazer coisas que deveriam ser feitas por outros só para que tudo desse certo.

Ao **nível** externo, os acontecimentos que se seguiriam acabariam por ser tão ao mais decisivos para a nossa relação pessoal, foi a intervenção do ISA no lecionamento de vários cursos nos PALOP. O primeiro surgiu, ainda estávamos no Conselho Científico quando apareceu quando o Horácio Soares, na altura presidente do INIDA em Cabo Verde aparece no ISA (escola onde se tinha formado) a pedir apoio para um Bacharelato em Engenharia Agro-Florestal pois já tinha algum apoio da FAO e queria a nossa ajuda. Como tinha sido contemporâneo do Ilídio Moreira as negociações foram fáceis e com a ajuda do então Instituto da Cooperação Portuguesa, conseguiram-se levar a um bom porto e foi possível realizar um curso excepcional que iria permitir ao ISA adquirir um bom prestígio nas áreas de formação.

À medida que a nossa intervenção nos PALOP ia avançando, com orgulho digo que sentia que as diferenças entre o Professor e o miúdo se ia esbatendo e passávamos a patamar em que as decisões de ambos eram ponderadas.

Quando comecei a trabalhar com ele em África, tive então oportunidade de aprender a admirar o seu lado de professor e de cientista e de perceber que as qualidades humanas que lhe aprendera a admirar as transportava para a profissão. Paciência infinita para explicar as vezes necessárias para se fazer entender, abnegação em transmitir aquilo que achava essencial, admiração e respeito que todos os alunos nutriam por ele, facilidade de transformar a ciência em coisas úteis para todos e não inacessíveis e uma obra publicada perfeitamente fantástica. A este propósito, ao fim de algumas centenas de horas de conversa sobre os saberes tropicais um dia ele perguntou “já leste o meu trabalho de fim de curso?”, não porque ainda não era nascido (gozei eu). Um dia, entra pelo meu gabinete com um grosso volume ainda escrito à máquina e disse-me – “lê e dá-me a tua opinião”, era a famosa dissertação de fim de curso, do antigamente!!!

A tese fazia o levantamento da agricultura e das sociedades que viviam no vale do Limpopo. Confesso que fiquei estupefacto pela qualidade e sobretudo, pela actualidade da obra. Ainda hoje não se poderá fazer agricultura naquela região sem ler esta obra. Disse-lhe isso, referi que tinha ficado com inveja de não ter sido eu a fazer aquele trabalho e voltamos a visitar aquele trabalho vezes sem conta a propósito disto ou daquilo. Quando o novo Século entrou eu já estava bem mais maduro mas o hábito de perguntarmos um ao outro a opinião sobre determinadas decisões manteve-se. A opinião dele passou a ser decisiva em todas as importantes decisões, profissionais e pessoais, que fui tomando para a minha vida. A forma como ele me ouvia foi decisiva para a minha forma desabrida de me exprimir – sem querer, ensinou-me a ser comedido mas sem nunca deixar de dizer o que penso.

A partir de 2007, com o assumir da Presidência do IPAD, os nossos contactos passaram a ser cada vez menos frequentes e creio que não voltei a estar com ele sem ser nos famosos almoços de terça-feira “dos velhotes” e de algumas reuniões de trabalho em que, por simpatia, achavam que

a minha presença era importante mas sem tempo para conversas pessoais de outrora. Era a Cristina Mariz que me ia informando das evoluções da vida do mestre. Sobre a fase da doença acabei por não saber nada, o que não abona nada em meu favor. A única coisa que soube foi no dia 1 de Abril durante o jantar de homenagem à Angelina no restaurante da Pateira no ISA em que fiquei na mesa "dos velhotes" dos almoços de terça-feira e que me disseram quando perguntei pelo Ilídio que ele andava muito fraco e que já era raro aparecer aos almoços. Prometi passar em casa dele no dia seguinte à tarde uma vez que era sábado. Infelizmente, por qualquer razão, não consegui e para mal da minha consciência, só fui confrontado no dia da sua morte pelo telefonema que me fizeram. Fiquei gelado e desassossegado!

Apenas sossego porque não ter qualquer dúvida que ele tinha consciência da amizade e do carinho que eu lhe dedicava. O facto de não me ter dito nada só tem a ver com a maneira de ele ser. Não aborrecer, gostaria que não tivesse sido assim mas respeito.

Enfim perdi o amigo que, pelo que fica dito, poderia ter sido bem mais do que isso. Ao longo dos anos habituei-me a tratá-lo por "mais velho" à moda africana ou por "mestre" à moda europeia. Creio que poucas vezes o tratei pelo nome. Hoje, e olhando para trás poderei dizer que perdi algo de mim próprio.

Ele tinha 75 anos

S. Pedro do Estoril, 1 de Maio de 2011

ILÍDIO MOREIRA O AMIGO E COLEGA

Manuel Dias Nogueira

Não foram muito longos, mas bastante frequentes, os períodos de convivência com o colega e amigo Ilídio Moreira. Somos da mesma idade (apenas três dias de diferença!) e fizemos o Instituto Superior de Agronomia (ISA) ao mesmo tempo (1953/1958).

Os jovens do nosso Curso eram bastante trabalhadores, mas também muito exigentes e, junto dos professores, faziam sentir a necessidade de uma melhor qualidade do Ensino e a existência de mais e melhores apoios para os estudantes, designadamente em relação às velhas “folhas” que teriam de ser substituídas ou melhoradas. E o Ilídio fazia parte do grupo mais dinâmico, no qual marcava presença activa.

De realçar a sua camaradagem e grande disponibilidade para ajudar os colegas, ensinando e explicando o que sabia e, já nessa altura, sabia muito. Destas qualidades tive oportunidade de usufruir durante os nossos 4.º e 5.º anos do curso, quando fui incorporado no Serviço Militar. Sempre que necessário o Ilídio e muitos outros colegas, foram incansáveis a ceder os apontamentos das aulas e a prestar os esclarecimentos que me permitiram cumprir, ao mesmo tempo, as obrigações militares e as actividades escolares. Nunca lhes terei agradecido suficientemente todos os apoios que me facultaram e que foram preciosos para a minha vida futura. Tudo isso cimentou uma grande Amizade.

Guardo desse tempo que o Ilídio não era muito expansivo, mas tinha grande abertura para com tudo e com todos, mantendo-se, no entanto, fiel aos princípios e não esquecendo as boas práticas.

Muito mais tarde, em Março de 1992, o Colega Ilídio Moreira fez parte de uma Missão de Cooperação Técnico Científica entre Portugal e Angola, no âmbito das Ciências Agrárias, cabendo-me, a organização e o acompanhamento da sua execução, a nível local, por virtude das minhas funções como Conselheiro para a Cooperação da nossa Embaixada, em Luanda.

O objectivo era responder a uma solicitação das autoridades angolanas para estudar a reabilitação da Faculdade de Ciências Agrárias (FCA), da Universidade Agostinho Neto UAN) e dos Institutos de Investigação Agronómica e Veterinária do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural (MINADER), na Província do Huambo. Pretendia-se que, em conjunto com aquelas instituições, se fizesse o levantamento e análise da situação e o estabelecimento dos apoios prioritários.

Mas, para além daqueles objectivos, que constavam do Programa, levado a efeito no Huambo, é importante salientar que o Prof. Ilídio Moreira do ISA e os investigadores do Instituto Nacional de Investigação Agrária, Fernando Doutel Serafim e José Cardoso Soveral Dias, se disponibilizaram para organizar um Painel, a realizar em Luanda, no MINADER, presidido pelo Ministro, no qual abordaram o tema: **“As Regiões Tropicais e a Produção Vegetal. O caso de Angola”**.

Foram proveitosos os resultados da Missão no Huambo (que infelizmente não tiveram continuação imediata por virtude da instabilidade que se verificou em Angola, no Planalto Central, alguns meses após a sua realização). E foram um sucesso as palestras sobre os assuntos abor-

dados, face ao interesse e aos debates que proporcionaram entre os participantes, dirigentes e técnicos do Ministério.

Aqui, em Angola, tive ocasião de observar e confirmar que na dimensão africana, o Ilídio, não só se sentia como peixe na água, como se evidenciavam todas as qualidades que lhe conhecíamos.

Daí ter sido natural que, a partir de 2001, tivesse participado, com as autoridades angolanas, na programação e organização do Primeiro Curso de Mestrado em Agronomia e Recursos Naturais da Faculdade de Ciências Agrárias e integrado a Comissão de Acompanhamento (da qual faziam parte, pela parte portuguesa, os professores do ISA Augusto Manuel Correia, Carlos Cabral, Fernando Oliveira Baptista e Pedro Leão de Sousa).

O Curso de Mestrado foi solicitado pela Universidade Agostinho Neto ao Instituto Superior de Agronomia, da Universidade Técnica de Lisboa, com o objectivo de reforçar a capacidade docente e de investigação da Faculdade de Ciências Agrárias, no Huambo.

A parte escolar decorreu no Núcleo de Economia da cidade do Lubango, em 2004, e foi assegurada em grande parte (na quase totalidade) por professores do ISA.

O Professor Ilídio Moreira, para além de ter coordenado o Mestrado pela parte portuguesa, ministrou uma das disciplinas e foi orientador de três teses de dissertação.

E tanto quanto me foi dado saber, todos os alunos reconheciam na pessoa do Ilídio, alguém com uma sabedoria imensa, a quem recorriam com frequência para os ajudar no desenvolvimento dos mais diversos estudos e respectivos trabalhos. E o carinho que por ele nutriam ficou bem patente por variadíssimas vezes.

Vinte e seis mestrandos obtiveram o diploma de Especialização em Agronomia e Recursos Naturais. Destes, dezanove elaboraram e discutiram a respectiva tese de dissertação sobre temas que faziam parte das suas preocupações ou na perspectiva de actividades futuras.

Como se tornou evidente, a realização do Curso de Mestrado foi um êxito enorme, com muito interesse para Angola e Portugal, com proveitos mútuos, o que possibilitou o estabelecimento de novas parcerias, que tiveram continuidade, na realização de doutoramentos e novas linhas de investigação, ainda em curso.

Os resultados alcançados com a preparação das teses, ultrapassaram todas as expectativas, em termos de dimensão e qualidade, pelo que a Comissão de Acompanhamento entendeu, face à sua grande importância, desenvolver todos os esforços para que as dissertações fossem publicadas, sob a forma de Livro,

E assim foi, e também foi normal que aquela Comissão, tenha considerado ser o Professor Ilídio Moreira o que se encontrava em melhores condições para dar concretização ao objectivo que se propunham e realizar a tarefa de publicação, em Livro, dos resultados do Primeiro Curso de Mestrado em Agronomia e Recursos Naturais, da Faculdade de Ciências Agrárias.

Enquanto editor deste livro, o Ilídio foi incansável na tarefa de redacção de artigos e na recolha da vasta informação que ali se encontra disponibilizada. Só alguém com a sua energia e entusiasmo seria capaz de, em tão reduzido espaço de tempo, dar corpo aos dois extensos volumes desta Obra.

Já não me pareceu tão normal e natural que, na última fase, quando todo o trabalho tinha sido realizado e o Livro já impresso (tudo com ótimos resultados e grande sucesso), o Ilídio tenha querido associar-me aos êxitos já alcançados, convidando-me para fazer a apresentação do Livro: **“Angola. Agricultura. Recursos Naturais. Desenvolvimento Rural”**, a ter lugar na Sede da Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento.

Senti-me muito honrado, e agradei imenso o convite, mas fiquei algo assustado, porque afinal o Livro eram dois Volumes, os assuntos (muito diversos) eram tratados por oitenta e um colegas (professores, investigadores e técnicos), encontravam-se organizados em 46 capítulos e o número de páginas (a ler!) acercava-se de mil. A tarefa pareceu-me tamanha e de tal responsabilidade, que só me ocorreu perguntar: Porque eu? A resposta – “nós achamos que deves ser tu, com breves justificações” – foi tão simples e convincente (era assim o Ilídio) que não dava saída para qualquer recusa. E depois, só para mim, acrescentou: não te preocupes eu dou-te o apoio que for necessário e todo o material existente fica á tua completa disposição.

Descansou-me, mas não o suficiente para me dispensar a leitura dos textos e alguns, mais do que uma vez, pelo interesse que me despertaram, e solicitar alguma informação aos autores de assuntos que me ultrapassavam.

Assim, e porque o tema “Angola. Recursos Naturais e Desenvolvimento Rural” é bastante apelativo e desde sempre fez parte das minhas preocupações, foi já com algum entusiasmo que acabei por dar a minha imediata concordância e aceitar o desafio que me era proposto.

Mas o Ilídio sabia bem das dificuldades do trabalho e na cerimónia de apresentação do Livro referiu-se a este facto, afirmando:

“A certamente difícil análise e ponderação do conjunto de 46 capítulos, respeitantes a domínios tão diversos, embora se tenha procurado uma linha mestra, ficam a cargo de alguém que conhece profundamente as realidades agrárias angolanas, como podem depreender da singela apresentação inserta no convite para esta sessão – o meu velho amigo Manuel Dias Nogueira, a quem quero expressar um forte agradecimento”.

Sobre o Livro, e conforme eu próprio afirmei na cerimónia de apresentação:

“É com convicção que vos afirmo que a Obra – Angola. Agricultura, Recursos Naturais e Desenvolvimento Rural – constitui, em si, uma Referência e passa a ser de Consulta Obrigatória para os que se interessem por Angola, pelo seu Mundo Rural e pelo desenvolvimento de uma agricultura sustentável e pela preservação do ambiente e dos recursos naturais”.

E ainda: “Os documentos divulgados são muito ricos e bastante densos e deverão continuar a ser estudados e aprofundados, na procura de novos conhecimentos, enriquecendo e valorizando, de forma gradual e sistemática, o património técnico-científico para benefício e utilização dos investigadores, docentes e técnicos, e em proveito dos alunos e dos empresários agrícolas e dos camponeses. De um modo geral, contêm sugestões e orientações para o desenvolvimento futuro dos temas abordados e o seu alargamento a actividades complementares”.

Ainda, uma palavra sobre o empenho que o Ilídio dispensava á organização das Reuniões Anuais do nosso Curso. Por mais de uma vez organizou ou fez parte do grupo responsável pela realização dos nossos Encontros (visitas de estudo e almoços-convívio) do Algarve a Trás-os-Montes, na Madeira e algumas vezes, regressando às origens no Instituto Superior de Agronomia.

O Encontro Anual do Cinquentenário da nossa entrada no ISA, além do habitual almoço, constou de uma visita à Serra de Montejunto e arredores, em Julho de 2003. Foi organizado pelo casal Ilídio e Amélia, que ofereceram as suas instalações do Casal da Fonte do Porto, em S. Salvador, para um agradável convívio, á volta de um lanche com produtos da Região e a boa disposição dos colegas participantes.

Sempre atento para que na celebração das Missas fossem lembrados os nomes dos colegas e amigos já falecidos (cerca de vinte).

Infelizmente, embora fizesse parte da organização, o Ilídio já não participou no nosso último Encontro, em Maio de 2011. Algumas vezes lhe telefonei a informar-me da sua saúde e a dar conhecimento da situação da organização da Reunião, mas a resposta, como era seu hábito: estou bem, mas, hoje, a caminho do hospital! Vão em frente, que eu quando puder apareço. Infelizmente, a última vez que liguei, o telemóvel foi atendido pelo colega Lage Raposo, que se encontrava no hospital de visita ao Ilídio. E a notícia, apanhou-me desprevenido. Como imaginam foi um grande choque. O Ilídio tinha falecido há poucos momentos. A pedido da Amélia, comuniquei a outros amigos e colegas de longa data, o que fiz com muito pesar e tristeza. Acabávamos de perder um Grande Amigo.

Por fim, para a colega Amélia, também ela amiga, desde a primeira hora, uma especial saudação de muita estima e de grande amizade, salientando os êxitos pessoais e profissionais que por mérito próprio soubeste alcançar, e também a quota-parte que te cabe do sucesso e do mérito do Ilídio, teu companheiro de sempre, e da tua participação entusiasta nas actividades escolares e nas organizações do nosso Curso.

Era assim o nosso Querido e Saudoso Ilídio:

Dinâmico, Discreto, Disponível.

Sabia e Fazia Coisas e Ensinava, Fazendo os Outros Fazer.

Eras Um Grande Amigo.

Obrigado pela Amizade que sempre dispensaste ao Nogueirita e à Laurinda
Lembramos-te com muito Carinho e Saudade.

